

INSTITUTO DO
PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E
ARTÍSTICO
NACIONAL

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DA CIDADE DE PARATY/RJ



DOSSIÊ DE REGISTRO

2009-2010



Ministério
da Cultura

Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty/RJ

Dossiê descritivo de Registro

Elaboração: 2008/2009

Apresentação: 2010

Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty

Presidente da República

Luís Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

João Luiz Silva Ferreira

Presidente do IPHAN

Luiz Fernando de Almeida

Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial

Márcia Genesia de Sant'Anna

Coordenadora Geral de Identificação e Registro

Ana Gita de Oliveira

Coordenadora de Registro

Cláudia Marina Vasques

Superintendente do IPHAN no Rio de Janeiro

Carlos Fernando de Souza Leão Andrade

Assessora do Patrimônio Imaterial

Mônica da Costa

Coordenação da Instrução Técnica do Processo de Registro

Lívia Ribeiro Lima

Pesquisadores

Lívia Ribeiro Lima, Priscila Falci, Simone Silva

Estagiária

Dinah da Silva

Elaboração do Dossiê

Lívia Ribeiro Lima

Fotos

Lívia Ribeiro Lima, Alexandre F. Martins, José Roberto de Almeida

Entrevistados

Benedita Vieira de Oliveira (Filhinha): 19/04/09

Carlos Fernando de Souza Leão Andrade: 24/03/10

Conceição de Oliveira Moreira: 14/04/09

Cristina Souza Santos Maseda: 09/09/09
Diuner José Melo da Silva: 24/03/09
Edson José de Oliveira (Edinho): 19/04/09
Elcio Gonçalves: 28/05/09
Flora Maria Salles França Pinto: 29/05/09
Geisa Panaro Ramiro: 10/07/09
João José da Silva Junior (Jubileu): 14/04/09
Júlio César Neto Dantas: 25/03/09
Lenita Aparecida Toledo do Prado Siqueira: 16/04/09
Lindalva Maria de Aquino: 29/05/09
Maria da Conceição de Souza Cândido e Carlos Magno Cândido: 09/07/09
Marly Cardoso de Barros: 24/03/09
Padre Roberto Carlos Pereira: 28/05/09
Themilton Tavares: 09/09/09

Fonte: Inventário de Referências Culturais da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty, RJ, 2009.

Agradecemos o imenso apoio de pessoas como Maria José Rameck e Diuner Mello, que compõem a atual diretoria do IHAP, proponente do Registro; ao apoio institucional de Márcio do Nascimento Barbosa e Júlio César Neto Dantas, diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty; Cristina Maseda, da Associação Cultural Casa Azul; Elaine Maria Teles e Cíntia V. Tarrisse da Fontoura, diretora do Escritório Técnico do IPHAN em Paraty; de João Carlos de Oliveira Gomes, Rodney Dias Ribeiro, Jorge da Silva Santos e Cesar de Souza Medeiros, da Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro. Também a Edson José de Oliveira, Flora Maria Salles França Pinto e Elcio Gonçalves, educadores que compuseram a equipe de pesquisa; e a todos os participantes da Festa do Divino, em especial ao Padre Roberto Carlos Pereira, pároco da cidade de Paraty, Benedita Vieira de Oliveira (Dona Filhinha), Lenita Aparecida Toledo do Prado Siqueira (*in memorian*), Magda de Cássia Stanisce, Norival Rubens de Oliveira, Marly Cardoso de Barros e Themilton Tavares, que contribuíram com vídeos, fotos e cartazes antigos, ou com seus depoimentos e entrevistas.

A devoção ao Divino Espírito Santo em Paraty está atrelada à vivência e à transmissão de tradições que, atualizadas em cada Festa, delineiam a identidade e a cultura dos paratienses. Para conhecer o patrimônio cultural dessa importante cidade histórica, convidamos a compreender a Festa do Divino por dentro, a partir do olhar, dos saberes e dos ofícios daqueles que a cultivam.

Trata-se de um bem cultural complexo, que enuncia um conjunto de celebrações e formas de expressão, religiosas e profanas, e de saberes e fazeres que ocupam a praça, as igrejas e as casas dos devotos. Tecida pelos paratienses como patrimônio vivo e dinâmico, a Festa do Divino está em constante diálogo com o rico conjunto arquitetônico da Cidade Histórica, dando-lhe vivacidade e constituindo fortes sentidos de identidade com este lugar de memória. Realizada há cerca de três séculos em Paraty, ao preservar símbolos e significados do período Imperial, a Festa do Divino guarda também testemunhos de nossa História, contribuindo, assim, para formar os elos da identidade brasileira.

Carlos Fernando de Souza Leão Andrade
Superintendente do IPHAN no Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação	6
Capítulo 1 caminhos e historicidades em Paraty	8
1.1 Herança portuguesa.....	18
1.2 O culto ao Divino Espírito Santo no arquipélago dos Açores	24
1.3 A presença açoriana no Brasil	26
Capítulo 2 Festa do Divino Espírito Santo	30
2.1 Motivações	34
2.2 Trabalho e esforço coletivos	39
2.3 A preparação da Festa.....	44
2.4 O Levantamento do Mastro.....	50
2.5 O Bingão do Divino.....	51
2.6 A Folia do Divino.....	53
2.7 A casa do festeiro	58
2.8 Abertura da Festa: a Igreja	64
2.9 Programação profana: a Praça.....	67
2.10 O sábado da Festa.....	70
2.11 O almoço do Divino	71
2.12 Os bonecos folclóricos	76
2.13 A Celebração de coroação do imperador	81
2.14 O domingo: a Celebração de Pentecostes	87
2.15 A Celebração de ação de graças: o encerramento	90
Capítulo 3 patrimônios que se entrelaçam	94
3.1 O pedido de Registro	99
3.2 Recomendações de salvaguarda.....	107
Referências bibliográficas	110

Apresentação

Este dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty é resultado do esforço coletivo de paratienses que elegeram essa manifestação como referência de sua cultura e identidade.

O pedido de Registro da Festa do Divino, encaminhado pelo Instituto Histórico e Artístico de Paraty – IHAP – ao IPHAN, com anuência de importantes interlocutores e detentores do bem cultural, representados pela Paróquia, por membros da Comissão da Festa e da Prefeitura local, tem como justificativa “a antiguidade da Festa do Divino, sua originalidade e excepcionalidade, já que guarda semelhanças com as festas do Divino que são celebradas ainda hoje nos Açores, de maneira que em Portugal continental, e em outras cidades do Brasil, essas características originais já teriam se perdido”. Ressalta-se o envolvimento dos paratienses na festa religiosa mais importante do município que, no entanto, com as transformações da vida moderna, corre “riscos de graves e irreversíveis descaracterizações”.

Ao identificarem a antiguidade e a singularidade da Festa do Divino como elementos particularmente significativos, os detentores desse bem passam a relacioná-los a uma representação coletiva, a que cada membro do grupo de algum modo se identifica.

No Centro Histórico e em seus arredores estão localizados os principais espaços da Festa: a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, a Praça da Matriz e as casas de famílias paratienses, que se abriam tantas vezes para se transformar na Casa do Festeiro. Os fiéis, os religiosos, as autoridades, os festeiros, os moradores da zona rural, da zona urbana, todos se juntam nesses dias da Festa. O cenário formado pelo trajeto das procissões é bastante significativo para as celebrações religiosas realizadas em Paraty, em especial a Festa do Divino. Saindo da Igreja Matriz, a procissão normalmente segue um trajeto de desenho quadrangular, orientado pela posição das quatro igrejas no Centro Histórico: a Matriz, a de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a de Santa Rita e a de Nossa Senhora das Dores. Para além dos aspectos físico-arquitetônicos, esse espaço é tomado por práticas e representações associadas à devoção.

Na cidade de Paraty, importante sítio histórico tombado desde a década de 1950, a Festa do Divino participa, então, da construção da “identidade” de lugar e de território para

seus habitantes, ao consideramos a dinâmica de ocupação e de uso do espaço, que remete à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças e aos hábitos.

A Festa do Divino Espírito Santo é a festa religiosa mais complexa do município de Paraty, não somente por agregar o maior número de pessoas, mas igualmente por se constituir de intensa preparação por parte da comissão coordenada pelo festeiro, durante todo o ano que antecede a Festa, e reunir um conjunto de celebrações, formas de expressão, lugares, ofícios, práticas e saberes. Sua realização mobiliza uma significativa solidariedade social, suscitando doações por parte dos fiéis, espontâneas ou motivadas por eventos que evocam grande sociabilidade.

De setembro de 2008 a março de 2010 realizamos o *Inventário de Referências Culturais da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty*, compreendendo este bem cultural a partir da categoria *Celebrações*. A equipe de pesquisa teve a coordenação técnica da antropóloga Livia Ribeiro Lima e a participação das pesquisadoras Simone Silva e Priscila Falci, na primeira fase do Inventário, em que se concentrou a pesquisa histórica. A pesquisa etnográfica iniciou-se cerca de três meses antes da Festa de 2009, com o acompanhamento da preparação e da mobilização dos grupos sociais envolvidos. Nesta fase, contamos com a colaboração dos educadores Flora Maria Salles França Pinto, Edson José de Oliveira e Elcio Gonçalves, tanto na delimitação dos bens culturais associados à Festa, quanto na indicação de possíveis ações de salvaguarda.

Nessa perspectiva, todos os sujeitos envolvidos em diferentes contextos culturais tiveram um papel não apenas de *informantes*, mas também de *intérpretes* de seu patrimônio cultural. O Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty valoriza as “referências culturais” que dizem respeito à formação da memória e das marcas distintivas de toda a sociedade brasileira. O presente dossiê, que apresenta estudo sobre a história cultural e social de Paraty, a descrição etnográfica da edição da Festa do Divino documentada no ano de 2009 e, por fim, a análise reflexiva sobre o bem, como objeto de Registro e de Salvaguarda, segue para apreciação e parecer.

Mônica da Costa
Assessora do Patrimônio Imaterial
Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro

Capítulo 1 caminhos e historicidades em Paraty

“A religião se expressa sob formas simbólicas que se desenrolam em espaços específicos, cuja permanência é um dos fatores da sua sobrevivência” (Souza, p. 29).

Um lugarejo por onde só se chegava pelo mar, pois não havia estradas que o ligasse aos grandes centros urbanos, como a então capital, Rio de Janeiro. Por lá passavam tropas interessadas em um tipo de comércio exploratório que se desenvolvia muito mais adiante, serra acima, na recém descoberta região das minas do ouro e dos diamantes. Talvez estivesse mesmo destinado ao pouso e ao abastecimento dos tropeiros e, seus sobrados, inicialmente erguidos sem janelas, fadados a servirem como armazéns dos produtos que escoavam pelo porto. Os primeiros moradores deste povoado foram se juntando aos da terra, aos indígenas e outros habitantes do lugar e, fazendo morada, viram surgir os primeiros engenhos de cana-de-açúcar, sustentados pela mão-de-obra escrava, que depois viriam a conhecer um significativo período de apogeu com a exportação da aguardente. Abriram as janelas das casas do que hoje conhecemos como o Centro Histórico, delineando ali o embrião de uma sociabilidade que se estenderia a todos os vilarejos rurais da localidade, cujos caminhos, entremeados pelos recortes sinuosos da Serra do Mar, acabavam sempre por dar no centro da Cidade de Paraty.



Vista geral da cidade de Paraty. Ao fundo, a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios. Paraty, 25 de março de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

Paraty participou a seu modo dos diversos ciclos econômicos do Brasil, como o ouro, o café e, de modo especial, a cana-de-açúcar. Durante o povoamento e a construção da identidade social e política da cidade, situada no extremo sul do litoral do Estado do Rio de Janeiro, as festas religiosas têm lugar significativo, sobrevivendo ao longo dos anos e sendo consideradas hoje parte de seu patrimônio.

Há várias gerações a população frequenta as mesmas igrejas, vê os mesmos objetos litúrgicos em uso e percorre em procissão as mesmas ruas, exercendo a religiosidade, aparentemente, da mesma forma que seus antepassados. O Centro Histórico, espaço onde ocorrem as festas religiosas mais expressivas, tem papel importante na memória coletiva, pois ajuda a reconstruir pensamentos e lembranças comuns, de acontecimentos e sensações vividas naquele lugar. Portanto, o patrimônio edificado, tais como as igrejas e todo o casario colonial preservado do Centro Histórico, juntamente com toda a cidade, está intimamente relacionado às manifestações culturais religiosas, dentre as quais é evidente o lugar da Festa do Divino Espírito Santo, que evoca uma espécie de sociabilidade comunitária, fundamental na construção da identidade social e coletiva dos paratienses e, como veremos, do Brasil.

Marina de Mello e Souza, com sua obra *Paraty: a cidade e as festas* é importante interlocutora desta pesquisa, pois busca compreender o que eram e que lugar ocupavam na sociedade paratiense as festas religiosas tradicionais de Paraty do final do século XIX e início do XX; e o que eram à época da sua pesquisa, os primeiros anos da década de 1990 (2008, p. 20). A partir dessa contribuição e da pesquisa de outras fontes documentais, pretendemos traçar a historicidade dessa celebração religiosa, e como ela esteve relacionada a fatos políticos, econômicos e sociais da cidade, e, do país.

No caso das festas religiosas de Paraty, e de tantas outras realizadas pelo Brasil, os santos estão no alvo das manifestações, aos quais se prestam homenagens e se dirigem pedidos. A festa pode ser vista como uma doação feita pelos homens, que desenvolvem com os santos uma relação de troca do tipo definida por Marcel Mauss, em que se cria uma obrigatoriedade de retribuição. Por meio das promessas, espera-se a retribuição por parte da divindade sob a forma de saúde, prosperidade, harmonia e resposta a pedidos específicos. Também são importante momento de lazer da comunidade que, ao lado das rezas e procissões, participa de divertimentos que completam a festa. Essas manifestações envolvem formas de relacionamento com a divindade, que fogem ao controle eclesiástico, apesar da utilização dos

templos e da participação de representantes da Igreja. As festas congregam diferentes segmentos sociais, sendo momento privilegiado para trocas culturais. São ainda, manifestações tradicionais, obedecendo aos ensinamentos dos antepassados, transmitidos informalmente pela observação, pelo gesto, pela fala, e aceito por todos (Souza, 2008, p. 30).

As festas tradicionais são ocasiões em que a memória individual e a memória coletiva se encontram. Na evocação do passado, a memória de alguns indivíduos frequentemente apela para a lembrança dos outros, recorrendo a acontecimentos vividos indiretamente e ampliando-se através do contato com novas informações. No entanto, a evocação das tradições retém somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo, que mantém a lembrança de acontecimentos que só a eles interessam. No estudo da historiadora, fica evidente a dinâmica entre o respeito e apego às tradições, e a interferência de indivíduos particulares e de novos fatores na adaptação das velhas festas aos novos tempos (Souza, 2008, p. 25).

Durante grande parte do século XX, Paraty teria vivido de maneira isolada, tendo pouco contato com as influências do mundo exterior, de maneira que a decadência econômica por que passou o município em finais do século XIX, teria propiciado a conservação não somente do conjunto histórico formado por seu casario colonial, como também de um conjunto de costumes e práticas culturais, incluindo-se aí as festas religiosas católicas. Entretanto, Marina de Mello e Souza não aceita facilmente esta explicação e procura compreender a permanência das festas religiosas a partir de sua importância na vida social dos moradores:

“Em Paraty, as festas religiosas, além de serem momento dos membros das comunidades manterem relações com a esfera do divino, trazem o passado para o presente, reforçando identidades individuais e grupais” (idem, p. 28).

Detenhamo-nos um pouco mais nas condições históricas¹ que favoreceram o povoamento e o desenvolvimento econômico e político da cidade de Paraty, para compreendermos a importância da religiosidade na sociedade paratiense.

¹As considerações sobre a história de Paraty a partir daqui são referências literais do livro *Paraty: a cidade e as festas*, de Marina de Mello e Souza.

Na colonização do Brasil, os caminhos dos índios eram fartamente utilizados pelos portugueses e pelas bandeiras. O caminho dos guaianás partia do mar, na baía onde em 1660 foi erigido o pelourinho na cidade de Paraty e, transpondo a serra e o planalto, chegava ao território onde no fim do século XVII foi encontrado ouro.

No fim do século XVI, apesar de o governo metropolitano estimular o assentamento de habitantes e o desenvolvimento de atividades produtivas na região do atual município de Paraty, através da distribuição de sesmarias, as doações não alcançaram seus objetivos, continuando aquelas praias escassamente habitadas pelos portugueses. Segundo Marina de Mello e Souza, conta a tradição oral que a primeira povoação formou-se no alto do morro atualmente chamado “do Forte”, recebendo o nome de São Roque, talvez pelo fato de os colonizadores terem ali chegado no dia desse santo, 16 de agosto. A segunda aldeia, na baixada à margem direita do mesmo rio, recebeu o nome de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, por ser esta a santa de devoção da sesmeira que doou as terras para a construção da nova vila. De maneira que é em torno das capelas que as vilas se formavam, sendo a construção da cadeia e da câmara posterior ao templo onde eram realizados os cultos religiosos.

A situação geográfica de Paraty favoreceu o seu crescimento e a conquista da categoria de vila em 1667, pois era importante entreposto em um dos caminhos mais utilizados para o acesso a São Paulo de Piratininga, e ponto mediano na rota que ia de São Sebastião do Rio de Janeiro a São Vicente. Disputava a primazia de lugar de parada das embarcações com a vila de Ilha Grande, donde sua paróquia esteve submetida até o início da segunda metade do século XVII (íbidem, p. 37).

Descoberta do ouro. Na virada do século XVII, a descoberta do ouro no local depois denominado de Minas Gerais veio alterar a vida de quase toda a colônia e, num primeiro momento, principalmente daqueles lugares que lhe serviam de acesso. O caminho que passava por Paraty foi o que primeiro ligou o Rio de Janeiro a Minas Gerais. Como era áspero, longo e tinha o inconveniente de que parte dele passava pelo mar, oferecendo sempre o risco do ouro ser pilhado pelos corsários, as autoridades portuguesas cuidaram da abertura de outro caminho que ligasse o Rio diretamente às Minas.

A relativa prosperidade da vila de Paraty nos primeiros anos do século XVIII deveu-se ao fato de ter sido ponto de passagem dos exploradores e escravos, dos víveres e instrumentos,

e do ouro e das pedras preciosas que para lá seguiam. No entanto, apesar dessa prosperidade ter sido a principal marca da caracterização de sua identidade, esta não durou muito tempo (Souza, 2008, p. 43). Com a abertura do Caminho Novo, o grosso do movimento comercial foi desviado de Paraty, ainda que a cidade continuasse articulada com a efervescência mineira pelo Vale do Paraíba, contribuindo também com a produção de víveres, principalmente aguardente.

Aguardente, porto do café e a estrada de ferro. Em 1763, a sede administrativa do vice-reinado foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro, cujo porto havia então centralizado o abastecimento das Minas. Segundo Marina de Mello e Souza, enquanto a região dos Campos dos Goitacazes tornou-se grande produtora de açúcar, abrigando centenas de engenhos, o sul da província – Ilha Grande e principalmente Paraty – tornou-se o maior centro produtor de aguardente, que era largamente consumida dentro do território colonial e servia com moeda nas trocas efetuadas com a África.

O indício evidente da posição secundária de Paraty dentro do chamado ciclo do ouro é a aparência modesta e o penoso processo de construção de suas igrejas². No começo do século XVIII, Paraty erigiu duas capelas: a de Santa Rita, consagrada originalmente também à Santa Quitéria e ao Menino Deus, a qual durante muitos anos serviu de matriz enquanto esta não se concluía, e a de Nossa Senhora do Rosário, mais modesta, dos homens pretos. A Irmandade de Santa Rita estava organizada como corporação religiosa à época da construção da capela, sendo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário organizada logo depois.

Desde cerca de 1830, o café tornou-se o principal produto de exportação do país agora politicamente independente, sendo o seu sustentáculo econômico ao longo do século XIX. A

² Estas são as igrejas localizadas no Centro Histórico: **Matriz de Nossa Senhora dos Remédios**: situada na Praça da Matriz, é o centro das atividades religiosas e culturais paratienses. A edificação atual é a terceira erguida no local dedicada à padroeira da cidade, sendo que sua construção durou 86 anos (1787-1873). **Igreja da Nossa Senhora das Dores**: situada na esquina da Rua Fresca, sua capela começou a ser construída em 1800, pelo Padre Antônio Xavier da Silva Braga, com a ajuda de alguns devotos. Em 1901, a igreja foi reformada pelo Pe. João Cesar Tera. Em 2009, foi novamente restaurada. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**: localizada na Rua do Comércio, essa Igreja começou a ser construída em 1725, pelos irmãos Manuel e Pedro Ferreira dos Santos, sendo utilizado o trabalho escravo. Em 1757, foi totalmente reedificada. No final do século XIX, a igreja ganhou uma torre sineira. **Igreja de Santa Rita**: situada no Largo da Santa Rita, foi construída provavelmente em 1722. Abriga, atualmente, o Museu de Arte Sacra de Paraty (1973), administrado pelo IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Seu acervo se constitui de imagens e pratarias dos séculos XVII, XVIII e XIX pertencentes às confrarias religiosas da cidade.

(Cf. http://www.cidadeshistoricas.art.br/paraty/py_monc_p.php)

principal zona produtora do café era o vale do rio Paraíba, e antes da construção das primeiras ferrovias, a partir de 1860, os únicos meios que os fazendeiros tinham para escoar o produto eram através das tropas de burros. Nesse momento, foram revitalizados antigos caminhos do ouro, entre os quais o que passava por Paraty.

Na época da independência do Brasil, em 1822, a vila de Paraty já tinha todas as ruas do chamado Centro Histórico. O Registro das posturas da Câmara Municipal da vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, aprovado em 1831, estava perfeitamente de acordo com o de qualquer outro dos maiores centros urbanos do país. A vila já abrigava as irmandades de Nossa Senhora dos Remédios, Nosso Senhor dos Passos, São Roque, Santa Rita, São Miguel e Almas, São Benedito e Confraria de Nossa Senhora do Terço. Quase todas as irmandades tinham bens imóveis, e era raro o habitante que não estivesse filiado a alguma ou algumas delas. As pessoas de destaque pertenciam de preferência às irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora dos Remédios, ambas alocadas na Igreja Matriz. A Santa Casa, mesmo sendo uma associação civil ligada à administração local, estruturou-se como irmandade religiosa, evidenciando que formas organizacionais de Portugal do século XVII ainda serviam de padrão para novas associações nascidas no recém-criado Império.

Dentre as posturas aprovadas pela Câmara Municipal, havia uma que determinava que as lojas de fazendas secas deveriam ter as portas fechadas nos dias de Natal, Páscoa, Espírito Santo, e padroeira da vila, sob pena de 10 mil réis. Em 1853, o governo da província aprovou a seguinte postura adicional:

“É proibido qualquer folia do Espírito Santo, que não seja do município, tirar esmolas dentro do mesmo: os contraventores serão multados em 30 mil reis ou 15 dias de cadeia” (Souza, 2008, p. 56).

Por aquela época devia ser grande a quantidade de folias perambulando pelas roças, com suas bandeiras e grupos de músicos angariando esmolas para o Divino durante quase todo o ano. A preocupação em se criar um código de postura sobre isto indica que não devia ser pequeno o montante em dinheiro e mercadorias arrecadado pelas folias. Essas somas, entregues aos festeiros, tirado o pagamento dos foliões, eram integralmente gastas na festa, que a todos congregava. Segundo Marina de Mello e Souza, os hábitos de cunho mais popular,

vividamente livres e intensamente nas roças, recebiam restrições cada vez mais fortes quando realizados na cidade, lugar de uma população mais instruída e a par dos modernos costumes dos grandes centros urbanos. Podiam então circular com as folias ou as bandeiras somente os festeiros do município que obtivessem licença da Câmara (idem, p. 58).

Em 1844, a vila é elevada à categoria de cidade. Paraty entra então em um período de estagnação, voltando a conhecer algum crescimento e prosperidade somente cem anos depois. Pois o café plantado no Vale do Paraíba já não era transportado no lombo dos burros que desciam para os portos da região pelos caminhos da serra, mas por uma ferrovia que cortava o vale até o porto do Rio de Janeiro. Sem deixar de ter relações com o Rio de Janeiro, Santos ou com portos mais afastados, mantinha uma economia bastante auto-suficiente, assim como uma vida social e cultural voltada para si própria (ibidem, p. 62).

“Paraty continuou sendo, em matéria e em espírito, uma cidade colonial no Brasil republicano devido a uma série de fatores, como a especificidade da sua inserção na região mais abrangente no que tange a características geográficas e econômicas. Isso facilitou a manutenção das feições arquitetônicas da cidade, assim como tradições culturais da sua população” (Souza, 2008, p. 69).

Por cerca de cem anos, Paraty situou-se como uma cidade pobre, considerando-se as formas de transporte disponíveis e o tipo de relação que mantinha com a região na qual se inseria. Como diz Marina de Mello e Souza, o abandono da Capela de Nossa Senhora das Dores, que no começo do século XIX era o templo preferido das pessoas bem colocadas na sociedade local, é indício de que mesmo as famílias mais ricas estavam extremamente empobrecidas. As características da sociabilidade local e do imaginário da própria comunidade ainda eram as de um Brasil colonial onde a religião era elemento fundamental da vida.

O catolicismo popular de Paraty, que vigorou também em outras cidades brasileiras, até o final do século XIX, estruturou-se em torno do culto da memória dos santos, representados por relíquia ou imagem, correntes no cristianismo ibérico, e trazidos para cá. Conforme Julio César Dantas, diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty, as igrejas da cidade eram divididas entre igrejas de negros, de brancos e de pardos, como no caso da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, que era a igreja dos brancos, dos fazendeiros, dos donos de

engenho, onde se concentravam as maiores festas, como a Festa do Divino, a festa da Padroeira e a Semana Santa. “Existia um preconceito racial muito forte no século XVIII³”.

Nos últimos cem anos, o universo no qual se realizam as festas religiosas em Paraty, desde a materialidade dos espaços às suas formas rituais, manteve alguns aspectos bastante inalterados, enquanto outros se modificaram ou deixaram de existir, como as irmandades religiosas.



O lugar das procissões religiosas no Centro Histórico, ao fundo avista-se a igreja de Santa Rita. Paraty, 13 de abril de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

As festas de santos alcançavam maior projeção quando realizadas por irmandades. Marina de Mello e Souza mostra em sua pesquisa que as irmandades tiveram grande papel social na manutenção dos cultos aos santos e na religiosidade do povo de Paraty, ao promover uma sociabilidade própria. As grandes festas reuniam uma gama bastante complexa de atividades, requerendo muitos meses de preparação e envolvendo grande número de pessoas e de recursos: “(...) a festa catalisava em sua fruição muitos aspectos da comunidade, fossem econômicos, sociais, religiosos ou pessoais” (idem, p. 71). Durante as procissões, as irmandades exibiam sua riqueza, organização e esforço para realizar a festa em favor do santo de devoção, quando os irmãos percorriam as ruas da cidade vestidos com suas opas de gala, carregando cruzes, bastões de prata e andores ricamente ornamentados que sustentavam a

³ Entrevista realizada com Julio César Neto Dantas, diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty, no Forte Defensor Perpétuo de Paraty, dia 25 de março de 2009.

imagem dos santos cheios de jóias, juntamente com danças de mascarados, numa mistura inseparável entre manifestações de devoção e divertimento público.

De tal modo que religiosidade e ludicidade estavam intimamente ligadas, sendo as procissões religiosas os divertimentos mais esperados, que congregavam a todos.

As festas religiosas populares transbordavam os limites da igreja, acontecendo em grande parte nas ruas, confundindo as noções de sagrado e profano. Em Paraty, a Festa do Divino Espírito Santo, antiga tradição portuguesa, era a que alcançava maiores proporções, envolvendo todo o município, com as folias que o percorriam arrecadando donativos.

No começo do século XX, funcionavam em Paraty as mesmas irmandades de cem anos atrás, com exceção de Nosso Senhor dos Passos. Havia a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de Santa Rita, de São Roque, de Nossa Senhora das Dores, dos Remédios, e também a Associação do Sagrado Coração de Jesus. O Apostolado da Oração foi criado posteriormente pelo Padre Elio Pires – que chegou à cidade em 1909 e ficou até a sua morte, em 1952 – e sobrevive até hoje em Paraty, ao contrário das outras irmandades, que se desfizeram em 1959.

As festas em homenagem aos santos e de louvor a Deus evocam a religiosidade das pessoas e do grupo, bem como suas relações econômicas, políticas e sociais. Elas possibilitam a expressão de dons artísticos, de talentos particulares e garantem a identidade individual e coletiva, por meio de uma memória comum, herdada e transmitida. A Festa do Divino Espírito Santo era a única grande festa que não era realizada por uma irmandade. Era organizada por um responsável, o festeiro, e um corpo de auxiliares, incumbidos por partes determinadas da Festa e escolhidos a cada ano após a inscrição dos interessados, ou por indicação de membros da comunidade, com a sanção do padre (ibidem, p. 113).

Desde o final de século XIX, é possível observar um ciclo de festas em Paraty, que se inicia após o recolhimento da Quaresma e estende-se durante o ano, às vezes acontecendo mais de uma festa religiosa por mês. O ciclo começa em janeiro, com os grupos de reis percorrendo as casas cantando o nascimento de Jesus, sendo recebidos com doces e bebidas. Fevereiro era dedicado aos festejos carnavalescos, com grupos de crianças mascaradas percorrendo as ruas. Em seguida, vinham os quarenta dias de recolhimento e jejum prescritos pela Igreja Católica, que eram acatados com severidade. “A cidade ficava mais silenciosa do

que de hábito, cumpriam-se algumas restrições alimentares e “guardava-se a viola no saco” para só retirá-la depois do Sábado de Aleluia” (Souza, 2008, p. 121).



Corte imperial da Festa do Divino da década de 50. Acervo pessoal de Antonio Marques. Paraty, 20 de março de 2009. Foto: Livia Lima.

Uma moradora, que já foi festeira do Divino, nos conta suas lembranças de criança da Festa do Divino:

“(...) a gente só escutava que era festa porque vinha o pessoal da roça, então o movimento aumentava, era diferente do dia-a-dia em Paraty, que sempre foi apático, parado. Então quando era festa eu sabia, que ficava todo mundo animado, todo mundo queria fazer vestido novo (...)

“(...) sorte nossa ter um santo, porque Paraty parece ser movida à Igreja Católica mesmo, porque vem a Páscoa, daqui a pouco é a Festa do Divino, daqui a pouco vem a festa de Santa Rita, daqui a pouco vem a festa da Padroeira, depois vem a de São Benedito, o Natal, acaba o ano e começa tudo outra vez”.⁴

Nesse tempo cíclico percebido pelos paratienses a tradição é sempre retomada a partir de uma memória por todos revivida:

“Vivendo em Paraty, não havia como não viver suas festas, que se espalhavam por todo o espaço da cidade, físico e simbólico, marcando o ritmo da passagem do tempo, que a cada ano recomeçava do mesmo ponto, reforçando a quase imutabilidade na qual a cidade se via mergulhada” (idem, p. 149).

Para Marina de Mello e Souza, a decadência econômica das irmandades e a perda da importância dessas associações na organização da sociedade, que encontrava outras formas de

⁴ Entrevista realizada com Sirley de Fátima Coupê Dantas, no Escritório Técnico do IPHAN em Paraty, no dia 09 de julho de 2009.

representação dos interesses dos diversos grupos, bem como o êxodo da população, que ia buscar trabalho em outros lugares, e o empobrecimento dos que ficavam, foram fatores que tornaram dificultosas as celebrações dos oragos. Entretanto, o desaparecimento de festas menores, como a de São Miguel, pode ter contribuído para o fortalecimento das maiores, que adquiriram novo fôlego na década de 1950. Desde então, as principais festas de Paraty são a Festas do Divino, de Nossa Senhora dos Remédios, de Santa Rita, e de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

“Profundamente religiosos, os paratienses não eram pessoas de ter uma única devoção, o que sempre abria a possibilidade de, diante da dificuldade em manter relações estreitas com um santo, voltar-se com mais dedicação a outro, com o qual as relações fossem mais favorecidas” (ibidem, p. 145).

1.1 Herança portuguesa

*“Veio um casal lá da Ilha Terceira, porque na Ilha Terceira de Portugal eles fazem a Festa do Divino. Então um casal de lá se mudou para Paraty, quando era cidade mais rica, onde vinha mais estrangeiro era Paraty, onde tinha mais possibilidade. Então esse casal chegou aqui, eram católicos, organizaram a primeira Festa do Divino aqui, eles foram os primeiros festeiros aqui. E desde essa primeira festa, o povo que estava aqui gostou e começou a fazer a Festa, nunca passou um ano sem fazer a Festa do Divino aqui”.*⁵

A associação entre a devoção ao Divino Espírito Santo em Paraty e as festas realizadas nas Ilhas dos Açores, tornou-se explicação corrente não somente entre pesquisadores que evidenciam a herança portuguesa da manifestação, como também entre os moradores de Paraty que, podemos dizer, encontraram nessa explicação um mito de origem para a realização e a permanência da Festa do Divino na cidade.

De uma maneira geral, é atribuída forte tradição lusitana às festas do Divino Espírito Santo que acontecem no Brasil, e alguns historiadores costumam aludir a origem do culto à expressiva devoção de Rainha Isabel (1271-1336), e à construção da Igreja do Divino Espírito Santo em Alenquer, Portugal.

Após a conquista de Alenquer por Sancho I, ela foi doada à sua filha, Dona Sancha. Contudo, como estava no testamento do monarca, foi dividida por suas quatro filhas, que

⁵ Entrevista realizada com Conceição de Oliveira Moreira, festeira do Divino em 1989, no restaurante da família em Paraty, no dia 14 de abril de 2009.

ficaram como donatárias. Por esse motivo, o seu filho, D. Afonso II, iniciou uma disputa por territórios, começando assim a Guerra Civil (1211-1212). Alenquer deveria ser sempre posse das rainhas para suas rendas pessoais, logo significaria certa “independência econômica”, sendo conhecida também como “Casa da Rainha”. Anos mais tarde, já em posse da vila, D. Sancha pediu permissão a seu irmão para lá construir um convento. A autorização foi concedida em 1216 e a construção realizada em 1222. A Casa da Rainha estava na lista de presentes matrimoniais de D. Isabel com D. Diniz. Ao receber a vila e o castelo, a rainha também obteve o convento franciscano. Nesse local, Isabel não era apenas Rainha, mas sim uma mulher independente, logo as realizações em Alenquer seriam símbolo máximo de sua soberania.

Segundo o folclore religioso lusitano, durante uma viagem, a Rainha Isabel e seu marido ficaram em Alenquer, onde ela tivera um sonho em que Deus muito se alegraria se fosse construída ali uma igreja dedicada ao Espírito Santo. Conforme tal narrativa, ao chegar ao local da construção com os trabalhadores, a Rainha já encontrou a planta desenhada no chão e os alicerces iniciais erguidos. Rapidamente, ela se ajoelhou e agradeceu o milagre (Monteiro, 2001. p.69). E teria sido nessa igreja que se estabeleceu o culto ao Espírito Santo, que recebeu feições populares com a representação do Império.

A Rainha teria instituído uma confraria, convocando no ano de 1296, clero, nobreza e povo para tomarem parte nas solenidades religiosas realizadas. Após a missa festiva, a Rainha convidou os pobres e desvalidos ao seu palácio e lhes ofereceu comida e esmola. “(...) convidou-se o mais pobre dentre eles a ocupar, sobre o dossel da capela-mor, o lugar do Rei, que lhe serviu de condestável e os áulicos de pajens. Ali o pobre ajoelhou-se sobre o rico almofadão destinado ao Rei, e nessa postura o bispo do paço lhe colocou na cabeça a coroa real, enquanto entoava o *Veni Creator Spiritus*. Assim, investido das insígnias reais, assistiu o pobre à celebração da missa, como igualmente assim se dirigiu depois ao paço real, onde lhe foi oferecido um lauto jantar servido pela Rainha”. Os nobres que presenciaram tal fato, impressionados com tamanha humildade, pediram para fazer o mesmo.

O consentimento real foi dado junto com a permissão de que sua coroa fosse copiada para a realização do ato da coroação.⁶ Com o desenvolvimento da festa em meados do século XVII, surgiu a prática das esmolos com as quais o mordomo deveria sustentá-la (Enes, 1998. p.141). Contudo, “no começo nada mais era que um simples bodo, distribuição de esmolos aos pobres, alegria caridosa” (Lima, 1989).

Durante a expansão marítima portuguesa, foram encontradas as ilhas do arquipélago açoriano. Foi precisamente esse costume que os donatários das Ilhas dos Açores trouxeram para o arquipélago, onde, no dia de Pentecostes, passaram a usar o mesmo cerimonial iniciado na corte de D. Diniz e da Rainha Isabel. (Dias *apud* Mello, 2003, p. 13)

As comemorações em louvor ao Espírito Santo teriam chegado ao Brasil com os primeiros colonizadores, ainda no século XVI. E seriam tão importantes para eles que aconteciam até mesmo dentro das naus portuguesas em viagens para a África, Índia e Brasil. O historiador Paulo Miceli faz a transcrição de duas cartas de religiosos que viajavam em missão ao Novo Mundo:

“Dia do Espírito Santo se fez muito solene festa em nossa nau, porque costumam por honra de tal dia eleger imperador na nau, ao qual servem todos, capitão e os demais, por todo aquele dia. Estava a nau toda de festa embandeirada, toldada de guademecins muito frescos e com dossel de tafetá azul onde o imperador tinha cadeira. Houve à véspera canto de órgão, porque na nossa nau havia quem o sabia fazer e bem (...) Assim também, cumprindo meu ofício tive de coroar o imperador, porque o capitão dizia que aquilo se fazia para engrandecer a festa do Espírito Santo e por devoção, e assim não havia que recusar. Depois de dizer missa cantada fiz prédica ao imperador, que com toda a sua corte, do que a gente parece ficou contente (...) (Carta do jesuíta Gonçalves Rodrigues, a bordo de um navio para a Índia, em 1561 *apud* Miceli, 1994, p. 172).

“(…) A seguir, veio o banquete, em que os fidalgos serviam o imperador, apesar de ele não pertencer à nobreza. E também o serviam o copeiro, o trinchante etc. Comeram depois os cortesãos do imperador e, por fim, serviram toda a gente ali embarcada, à volta de trezentas pessoas” (Carta do missionário italiano Fúlvio de Gregori, escrita em Goa, a 3 de dezembro de 1583 *apud* Miceli, 1994, pp. 172-3).

⁶ Antigamente a coroação era realizada no mendigo mais idoso da cidade, passando, posteriormente, a ser feita em um menino. (GASPAR, Manuel Vieira. Op. cit., p.88). Brunetti destaca que a mudança para um menino estaria vinculada a sua representação simbólica da humanidade regenerada, segundo influência franciscana. (BRUNETTI, Almir de Campos. A festa do Espírito Santo e a Lenda do Graal. In: **Homenagem a Agostinho da Silva**, 10, 1981. p. 25-33)

Os elementos essenciais dos festejos descritos nas cartas, tais como a missa, a escolha do imperador entre o povo comum, sua coroação e assento sob dossel junto ao altar e a farta comida servida a todos, são os mesmos que ainda existem nas cidades brasileiras em que se celebram as festividades do Espírito Santo, como Paraty no Rio de Janeiro, São Luis do Paraitinga em São Paulo, Alcântara no Maranhão, Lavras Novas de Minas e Diamantina em Minas Gerais, Pirenópolis em Goiás, entre tantas outras, como argumenta Diuner Mello (2003). O pesquisador paratiense argumenta que há muitas semelhanças entre a Festa do Divino de Paraty e a Festa do Divino da Ilha Terceira, nos Açores, da qual já teve oportunidade de participar.

A história da origem portuguesa da devoção ao Divino Espírito Santo, relacionada à Rainha Isabel, pode ser tomada como um mito de origem das celebrações que passam a ser realizadas no Brasil. Mais importante do que considerar o fato em si como a explicação para o surgimento do culto em terras brasileiras, é compreender como se deu a apropriação pelos devotos, que empreenderam combinações diversas do fato para compor um mito de origem, que explica e dá legitimidade, segundo a versão local, à devoção e ao culto ao Espírito Santo. Seria precisamente essa, segundo Lévi-Strauss (1978), a função simbólica do mito, qual seja, compreender e ordenar o mundo a partir da experiência, e das inumeráveis possibilidades de compor e recompor as células mitológicas que são dadas pelo sistema aberto da História. Em Paraty, atrelar a origem da Festa do Divino à devoção dos primeiros portugueses açorianos que chegaram à cidade perfaz uma enunciação da tradição cultural bastante eficaz para esta comunidade, que encontra sentidos e significados da sua identidade na devoção e no culto ao Divino.

As ações atribuídas a Isabel tiveram importância significativa no folclore religioso lusitano. Segundo alguns de seus biógrafos, seu próprio nome já indicaria uma qualidade santa – revelada no decorrer de sua vida –, já que ele foi inspirado na Santa Isabel da Hungria, sua avó paterna que havia sido canonizada, com o objetivo de ser um exemplo para sua vida (Leite, 1993, p. 27). Sua proximidade com os ensinamentos franciscanos continuou até o fim da vida, já que, após a morte de seu marido por enfermidade, em 1325, a Rainha entrou para a Ordem de Santa Clara. Apesar de vestir o hábito das clarissas, optou por não professar os

votos, para continuar a controlar os bens que possuía, e fez-se terciária franciscana até 1336,⁷ quando faleceu (Monteiro, 2001, p. 81).

É possível encontrar referências sobre o culto ao Espírito Santo na Alemanha e na França, ainda no século XII. (Van Genep, 1947, 1948; Cascudo, 1962). O culto teria existido desde o início do cristianismo, quando foi revelado o mistério da Santíssima Trindade.

“Nos três primeiros séculos, a Terceira Pessoa passou a ser invocada e celebrada na liturgia, representada na pintura e escultura, e cantada em hinos. Mas não havia uma devoção popular específica do Espírito Santo. Esta só começou a aparecer na segunda parte do que chamamos Idade Média. Contudo, a história desse culto tem sido objeto de poucos estudos de conjunto, e a maior parte das informações que se consegue encontrar estão dispersas” (Lupi, 2003, p. 24-5).

Dentre os estudiosos do tema, há ainda quem sustente que o culto ao Divino Espírito Santo estaria relacionado à aparição da Ordem dos Hospitalários do Espírito Santo, fundada por Guy Montpelier, que cuidava dos pobres no hospital do Espírito Santo, fundado em 1193, em Pyla-Saint-Gely, na França. Em 1208, Inocêncio III organizou a confraria do Espírito Santo para auxílio no atendimento a pobres e doentes, regulamentando uma cerimônia com a procissão do Santo Sudário para esta igreja – vinculada a um hospital – em que foram distribuídas esmolas para trezentos internos e mais de mil pobres (Lupi, 2003, pp. 27-8).

Já na Alemanha, o culto esteve vinculado ao Imperador da dinastia Oto IV, o Soberbo, Duque da Baviera, que procurava socorrer os pobres de seu império, arrasado pela fome, no século XIII. O culto teria se espalhado pela Europa, para chegar a Portugal em 1296.

O culto ao Divino Espírito Santo ainda teria sido divulgado pelas teorias do monge cisterciense Joaquim de Fiori em Corezzo, na Itália, difundindo-se depois por toda a Europa. Segundo sua teoria, já haviam passado o “Tempo de Deus Pai” e o “Tempo de Deus Filho”, e que agora era chegada a hora do Tempo do Espírito Santo. O culto ao Divino Espírito Santo foi bastante significativo em Portugal, que acreditou, até o século XVIII, que o “Tempo de Deus Pai” foi o tempo antes de Cristo, tendo sua capital espiritual em Jerusalém, que o “Tempo de Deus Filho” foi o tempo do primeiro milênio e teve sua capital espiritual em

⁷ Após seu falecimento, seu culto difundiu-se rapidamente por Portugal, sendo nortado inclusive com história sobre os milagres *post-mortum*. Foi canonizada em 1625 pelo Papa Urbano VIII. (**História Popular da Rainha Isabel, protectora de Coimbra**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988).

Roma, e que o “Tempo do Espírito Santo” era o tempo do segundo milênio e teria sua capital espiritual em Portugal, mais especificamente na cidade de Mafra. Para sediar a administração católica, o Rei Dom João VI mandou construir aí um convento, de eloqüente grandiosidade (Mello, 2003, p. 12).

A Era do Espírito Santo seria marcada pela ausência da mediação da Igreja nas relações entre o Homem e o Divino, assim como pela caridade – donde se percebe a importância das esmolas e da ceia comunitária.

“O Divino é identificado como o santo da cura, da consolação, da misericórdia. A sua festa instala simbolicamente o império comunitário, centralizando ritualmente uma distribuição equalizada de bens que redistribui generalizadamente a toda a comunidade” (Bandeira, 2003, p.357).

Apesar do simbolismo vinculado à caridade, a Igreja não viu com bons olhos a idéia de que a próxima Era seria “dos monges e não mais dos sacerdotes”. Em Portugal, tal afirmativa teve consequências visíveis, quando a Igreja, preocupada, divulga a primeira proibição aos foliões nos cultos ao Divino Espírito Santo. Muitas outras proibições surgiram, o que levou praticamente à extinção do culto no século XVII, na parte continental de Portugal.

As idéias do abade Joaquim de Fiori foram então condenadas como heréticas no segundo decreto do IV Concílio de Litrão, em 1215, chamado *Dos erros do abade Joaquim* (Foreville, 1973, p.159).

Alguns pesquisadores afirmam que o ato da coroação durante o culto ao Divino, afastada do âmbito religioso, estaria associado com as múltiplas divergências dos poderes eclesiástico e temporal, que gerou a Querela das Investiduras.⁸ Nesse sentido, o ato da coroação do imperador simbolizaria a tentativa de atenuar a influência do poder eclesiástico,

⁸ Segundo Cardini, desde o século X, o papado esteve a mercê da dinastia dos Ôtonidas que, a partir do *privilegium Othonis* de 962, estabeleceu que os papas deveriam jurar fidelidade ao imperador. Além disso, Oto I e seus sucessores passaram a intervir mais na Igreja, fundando bispados e abadias. O autor afirma que estes episódios deram início a um processo denominado investidura leiga. Esta era marcada pelo controle da Igreja pelo poder do Estado (Cesaropapismo), do qual surgiria, posteriormente, o fenômeno chamado “querela das investiduras” (CARDINI, Franco. “A Itália entre os séculos XI e XIII”. MONGELLI, Lenia Marcia. (coord.): **Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)**. Cotia: Íbis, 1997. p.85-107. p. 88).

considerando-se que os Imperadores realmente defenderam e apoiaram a idéias de Joaquim de Fiore sobre a liberdade existente na Era do Espírito Santo.

A turbulenta relação entre os poderes eclesiástico e temporal ocasionaram a constante tentativa de controle e supressão de elementos vinculados ao culto, por parte da hierarquia eclesiástica. Tal preocupação por parte da Igreja vinculava-se à Reforma e, por tal razão, tinha por objetivo a sacralização dos ritos, limitando a ação do ministério dos imperadores nos espaços eclesiásticos e temendo a pregação feita por leigos. Nesse momento, as Irmandades,⁹ ainda fortes, criaram novos locais sagrados e enaltecem as narrativas milagrosas orientadas para a confirmação divina das festas e de seus ritos, mantendo uma postura de compromisso com a hierarquia eclesiástica. Foi assim que a Festa do Espírito Santo sobreviveu nas Ilhas dos Açores, em especial, através do bodo¹⁰ distribuído aos pobres.

1.2 O culto ao Divino Espírito Santo no arquipélago dos Açores

Já os primeiros colonos portugueses¹¹ levaram o culto ao arquipélago açoriano, onde todos, por decreto real, deveriam ser cristãos. Chegaram às ilhas dos Açores os povoadores pela Ordem de Cristo, sob a jurisdição do prior de Tomar e pela Ordem Franciscana, e mais tarde pelos jesuítas também (Mendes, 2001, p.55). O crescimento e a manutenção do culto ao Divino no arquipélago parece se relacionar ao sentimento de caridade – enaltecido pela presença franciscana – e aos muitos milagres atribuídos ao Espírito Santo, se considerarmos a natureza vulcânica do arquipélago (idem, p. 57).

⁹ As irmandades ou confrarias tinham como principal objetivo reunir os membros da comunidade rural para tomarem uma refeição comum, distribuir alimentos, ajudar os mais carentes, entre outros (Idem. p.134).

¹⁰ O "bodo" é a distribuição de comida. Nas festas do Divino no arquipélago açoriano são distribuídos pão, carne e vinho para pessoas carentes.

¹¹ Entretanto, o surgimento dos Açores é norteado de imprecisões. Segundo Maduro Dias, a Carta de Gabriel de Valsecca, datada de 1439, afirma que foi Diogo de Silves, piloto de El-Rei de Portugal, que encontrou as terras em 1427. Segundo João Serrão (1965), há os que defendem a tese de que esse arquipélago fora encontrado no segundo quartel do século XIV, no Reinado de Afonso IV. Enquanto há os que defendem que foi na primeira metade do século XV, por parte dos marinheiros do Infante D. Henrique, designadamente por Fr. Gonçalo Velho Cabral, a quem, segundo Dias, atribui-se o início do povoamento, em 1432. In: DIAS, Maduro. **Síntese Histórica dos Açores**. Disponível em: http://www.nea.ufsc.br/artigos_maduro.php Último acesso em: 11/01/2009. Essa mesma hipótese é sustentada por Gaspar Frutuoso, cronista açoriano (GARCIA, Catarina. *Descobrimento e navegação para os Açores*) Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/navegaport/d09.html> Último acesso em: 14/01/2009.

Na região do Faial, a origem das festividades remonta à destruição das freguesias da praia do Norte e do Capelo, em abril de 1672 (Gaspar, 2005, p. 18). Luiz Fagundes Duarte destaca o sismo que destruiu a Ilha Terceira no dia de Ano Bom de 1980 (Duarte, 2006, pp.63-72). Daí advém a importância dos milagres associados ao Espírito Santo, como na epidemia que, em 1673, acometeu a vizinhança em S. Miguel. Alarmados, os mais nobres da cidade instituíram o Império na Misericórdia de Ponta Delgada para pedir proteção ao Espírito Santo. Relata-se que no primeiro sábado, após a Páscoa, a epidemia cessou por completo (Martins, 2000).

Procurando agir em harmonia com a Igreja, as irmandades possuíram nos Açores um papel fundamental, tornando-se responsáveis pela manutenção do culto. O controle religioso aparece no arquipélago vinculado à sacralização dos ritos, com a posterior limitação da ação do ministério dos nobres dentro da igreja, separando o sagrado, do religioso; além do veto dado ao clero de participar dos rituais exercidos fora da Igreja, ou de manifestar o cumprimento das vontades do imperador, exercendo assim os decretos do Concílio de Trento. Devido a essas limitações, as Irmandades, que assumem para si o encargo de realizar as festas do Divino, criam novos espaços sagrados, e a narrativa milagreira torna-se uma tática de compromisso com a hierarquia eclesiástica, a fim de evitar o rompimento com a Igreja (Gaspar, 2005, p. 151). Com a gradativa perda de espaço dentro das igrejas paroquiais, os festeiros passaram a utilizar a casa dos mordomos ou do imperador, que foi se expandindo e se embelezando. Assim as Ilhas dos Açores vêem florescer o culto ao Divino Espírito Santo, ao contrário de Portugal continental, onde fora algumas exceções, as Festas do Divino desapareceram quase que por completo, devido às interferências da Igreja.

Podemos lembrar que, do mesmo modo em Paraty, as irmandades religiosas foram importantes por cultivar a religiosidade numa localidade que, freqüentemente, carecia com a falta de sacerdotes para conduzir os cultos e a vida espiritual dos fiéis. A atuação das irmandades, dirigidas por leigos, possibilitou que os cultos aos santos fossem realizados com intervenção pouco significativa da Igreja, o que os incrementou com práticas mundanas que dividiam lugar com as manifestações religiosas, mostrando-se como boa oportunidade para o convívio social e o divertimento. Marina de Mello e Souza menciona as festas realizadas por famílias em Paraty, cerca das primeiras décadas do século XX, como a festa de Santa Cruz:

“(…) em mutirões de trabalho preparavam toda a comida e bebida a ser servida, contratavam os músicos, montavam a grande fogueira, encomendavam os fogos, armavam o altar, organizavam a ladainha e recebiam os amigos com hospitalidade, tudo para louvar seu santo de devoção e, talvez, arranjar casamento para as filhas”.

Tamanha é a diluição das diferenças entre as esferas do sagrado e do profano ali presente, a festa de Santa Cruz, como muitas outras festas realizadas nos terreiros urbanos ou feitas na roça, não tinha qualquer envolvimento com a Igreja (Souza, 2008, p. 127).

1.3 A presença açoriana no Brasil

As festividades em louvor ao Espírito Santo cresciam vigorosamente no arquipélago dos Açores. Se por um lado, a natureza vulcânica contribuiu para a expansão do culto e das celebrações em honra ao Espírito Santo, por outro, foi um forte impulsionador da emigração açoriana para o Brasil. Tendo isso por suposto, muitos pesquisadores¹² encontram semelhanças entre as festas do Divino celebradas no Brasil e aquelas que ainda se cultuam nos Açores. Pereira (2003) aponta que a remessa de casais açorianos que chegou ao Brasil, entre 1748 e 1756, vinculou-se à preocupação portuguesa com a região sul do país.

Após o movimento de Restauração Portuguesa em 1640,¹³ os desentendimentos entre as coroas ibéricas só foram acalmados com a assinatura do tratado de Madri em 1750, no qual foi estabelecido o pressuposto de *Uti Possidetis*.¹⁴ Nereu argumenta que a maioria dos açorianos vindos para o Brasil atenderam ao deslocamento militar, garantindo a proteção da Colônia de Sacramento, agora posse portuguesa, e o preenchimento do vazio demográfico até a Capitania da ilha de Santa Catarina. Em 1747, foi afixado em todas as Câmaras do arquipélago dos Açores, o documento segundo a Provisão Régia de D. João V, ordenando o transporte “à ilha de Santa Catarina, por onde parecesse conveniente começar a introdução dos casais para se estabelecerem assim nela, como na terra firme ao seu contorno.” (idem, p. 59).

¹² Duarte Jr. percebe a força da festa dos Açores, ao analisar a vitalidade das festividades no Brasil e nos E.U.A., nos locais onde se estabeleceram colônias açorianas. DUARTE JR., Tomaz. **O culto do Espírito Santo**. S.L: s.n., 2001.

¹³ O movimento de Restauração ocorreu após o fim da União Ibérica, em que Portugal e Espanha haviam ficado sob a mesma coroa espanhola, do rei Filipe I. Cabe ressaltar que durante essa união, o Tratado de Tordesilhas que dividia o território brasileiro entre os países ibéricos foi invalidado e as fronteiras extravasadas.

¹⁴ Esse princípio defendia que quem possui de fato deveria possuir de direito. Logo, para garantir a posse territorial, o povoamento era necessário.

Tal édito real possuía como justificativa a ajuda concedida ao povo açoriano, devido aos desastres naturais do arquipélago, quando failenses e moradores de outras ilhas passaram a pedir ao Rei de Portugal que fossem levados ao Brasil, para fugirem dos desastres. No edital de Agosto, como ficou conhecido, são estabelecidas algumas condições para a vinda ao Brasil, especificando o objetivo do povoamento da terra e a preocupação com a religião do Império:

1º Recomendação expressa de que todos os homens e mulheres estivessem dentro dos limites das idades reprodutivas e adequadas ao trabalho e à produção (...).

4º Aqueles que fossem se dedicar à vida agrícola teriam direito a uma gleba de terra com um quarto de légua em um quadro (...).

5º Todos os alistados deveriam ter ofício e habilidades agrícolas.

9º Só poderiam passar, desde que Católicos Romanos. (...) ¹⁵

O culto ao Divino fora reavivado no Centro e na capital federal pelos imigrantes ilhéus dos Açores (Martins, 1983). Os portugueses açorianos que chegaram para povoar a região sul do Brasil, certamente deixaram suas influências nos modos de vida material e imaterial, tal como é possível aferir hoje nos contornos da arquitetura colonial de Paraty, como observa Julio César Dantas:

*“Esse corte do terreno há 45º, que você vê a implantação da sede das fazendas, das casas, enfim até esse espaço que a gente está aqui hoje, o Forte Defensor Perpétuo, você sente uma forte intervenção açoriana, com essas muradas de pedra, e igualmente também vieram os costumes, as tradições; eu penso que a Festa do Divino é basicamente oriunda da região dos Açores, da Ilha Terceira, onde estão os Impérios do Divino; de acordo com a documentação, nós também tínhamos nosso império na praça, que infelizmente se perdeu. Os Impérios recebiam essas coroas do Divino, cetro, salva, que depois que perdeu, passou a ser montado o altar na casa do festeiro do Divino”.*¹⁶

¹⁵ Edital de Agosto de 1746 *apud* PEREIRA, Nereu do Vale. Op.Cit., p. 63-64.

¹⁶ Entrevista realizada com Julio César Dantas, no Forte Defensor Perpétuo de Paraty, no dia 25 de março de 2009.



Festa do Divino da década de 50. Acervo pessoal de Antonio Marques. Paraty, 20 de março de 2009. Foto: Livia Lima.

Compreendemos, com isso, que há evidências históricas de que a região de Paraty sofreu influências dos colonizadores açorianos, que as deixaram marcadas em seu conjunto histórico e arquitetônico, bem como em suas práticas culturais e representações de mundo. Mais do que isso, essa influência ibérica faz parte do imaginário social da Festa do Divino de Paraty, ao compor o mito de origem do culto ao Espírito Santo. Quando os paratienses apontam semelhanças entre a Festa que participam desde crianças e as festas que ainda são realizadas nas Ilhas dos Açores, encontram aí legitimidade para falar da tradição e da historicidade da Festa de Paraty:

“A gente acha que a festa do Divino como ela é hoje no Brasil, ela é muito mais açoriana que a de Portugal continental, (...) com todos esses elementos primeiros da rainha Santa Isabel, existe nos Açores e existe em Paraty. Em Paraty eu acredito que a festa do Divino tenha chegado exatamente com os primeiros colonizadores, (...)E a gente não tem nenhuma informação anterior sobre a presença documental de quando começou a festa. O que nos dá a colocação, pelo menos, da festa no século XVIII, já em Paraty, é a imagem que é do século XVIII, e a coroa de prata e o cetro, as insígnias da festa, que são também do século XVIII, em prata”.¹⁷

É extremamente interessante pensar como os paratienses constroem seus patrimônios culturais. O valor patrimonial da Festa do Divino de Paraty é evidente, independente do quanto guarda em similitude com as festas celebradas nos Açores. Todavia, esse diálogo histórico torna-se imprescindível para compreendermos o valor de continuidade histórica,

¹⁷ Entrevista realizada com Diuner José Mello da Silva, no Instituto Histórico e Artístico de Paraty, no dia 24 de março de 2009.

atribuído pelos paratienses, que relaciona a Festa do Divino de Paraty ao legado dos antigos colonizadores açorianos, e a valoriza justamente por preservar esses elementos tradicionais, os quais enunciam a memória e a identidade da sociedade brasileira.

Capítulo 2 Festa do Divino Espírito Santo

**“Quando eu entro na igreja, faço minha devoção
na igreja, faço a minha devoção
fazendo o pelo-sinal, me ajoelho no chão
vou me embora, com Deus dentro do coração”¹⁸**

Cidade enfeitada. Ao adentrarmos a cidade de Paraty, já podemos avistar um sinal da Festa ao longe, é o mastro do Divino. As ruas estão ornamentadas, assim como a Casa do festeiro, a Igreja e a Praça. Os postes de luz sustentam do alto, quadros e pombas, que irradiam seus raios, representados por fitas em vermelho e branco, as quais quase se podem tocar. É tempo do Espírito Santo. Acordou-se hoje com o espocar de fogos que anunciou o grande dia. Banda e Folia se alternam cantando os motivos e os sentidos dos que estão ali. E já vem vindo a procissão, sai da casa dos festeiros, que vão à frente, segurando a bandeira maior, ostentando a pomba de prata. Logo atrás vêm seguindo os devotos, cada qual com uma bandeira do Divino, cada qual com seu testemunho de fé.



Casa do Centro Histórico enfeitada para a Festa do Divino. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

¹⁸ Verso da música ‘Ciranda’, faixa do CD ‘O canto das canoas’, do Grupo Sete Unidos, produção de Priscilla Ermel, 2006.

Neste capítulo pretendemos mostrar quais são os significados e motivações daqueles que se imbuem da devoção ao Espírito Santo, e se deixam envolver de formas diversas por essa Festa, em seu cotidiano e na vida social. Veremos como de certa maneira toda a sociedade está envolvida com a Festa, mas há um grupo de pessoas que se ocupa mais propriamente com a sua organização. Identificamos que a Festa do Divino tem passado por transformações ao longo do tempo, com a inserção de certos costumes, e o “esquecimento” de outros. Procuramos compreender essas mudanças, para apontar num segundo momento, quais são os elementos estruturais da Festa, aqueles que perduram, tendo por base a pesquisa de campo realizada durante o ano de 2009.

*“(...) para mim a Festa do Divino era mais esperada que o Natal, era a época de vestir roupa nova e de festejar, porque Paraty eu acho que ainda é um dos poucos lugares que preserva o verbo festejar, que é sair para participar da Festa”.*¹⁹

A vida em Paraty é marcada pelas festas religiosas. No mês de maio, quando a Festa está apontando, todos se envolvem com a expectativa da sua chegada, e se preparam. Como dizem alguns, antigamente, antes de começar a novena, as mães levavam os filhos para a loja, para comprar uma roupa nova, ou mesmo procuravam fazer um vestidinho novo. Era uma festa bem menor, uma festa mais para os da cidade mesmo, em que vinha o pessoal da roça, da zona rural, conhecidos por seus trajes. *“E as portas da casa da gente ficavam abertas para receber esse pessoal, ‘comadre, compadre, vem para festejar’, então a pessoa vinha, às vezes passava o dia inteiro na cidade, depois ia embora, e outros já dormiam para ficar para os festejos todos”*²⁰. Era uma coisa bem menor, bem simples. Antigamente não havia o museu onde se guardam as jóias, as insígnias da Festa do Divino:

*“(...) muitas vezes ficou guardada lá em casa a coroa, embrulhada em um pano, dentro de um cobertor, com um monte de coisa para ninguém saber onde estava, e era assim que fazia”.*²¹

¹⁹ Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda, coordenadora do Núcleo de Educação e Cultura da Associação Casa Azul.

²⁰ Entrevista realizada em 09/07/09, com Sirley de Fátima Coupê Dantas, festeira em 1982.

²¹ Idem.

Em Paraty, havia a Folia de Reis em janeiro, que percorria as casas cantando o nascimento de Jesus, sendo recebida com doces e bebidas; o Carnaval em fevereiro, com grupos de crianças mascaradas percorrendo as ruas; e celebrações com motivação especialmente religiosa, como a Semana Santa, a Festa do Divino, a Festa de Santa Rita, a Festa de Nossa Senhora dos Remédios e a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Dentre essas festas que marcavam a vida do povo, a Festa do Divino ocupava lugar de destaque, não somente porque já era a maior festa, ou pelo significado que ocupava no imaginário religioso, mas igualmente por enunciar uma série de valores, do lúdico e popular, à tradição familiar e costumeira. *“Paraty era a Festa do Divino”*.²² *“(...) na primeira ladainha... hoje não tem mais isso não, mas na época tinha. Então em frente à igreja, eles armavam um palanque e ali o prefeito fazia a entrega da chave da cidade para o Divino Espírito Santo”*.²³

A Festa, então, tornava-se ocasião de grande sociabilidade para todos da cidade, que vinham participar com diferentes motivações:

“Vinha, botava a gente que era pequeno no lombo do animal, alugava uma casa na cidade e vinha todo mundo para a cidade. Porque meu avô era dono de engenho, o engenho vinha todo para a cidade. E ele fazia doações de porcos, galinha, patos, para o almoço da festa”.²⁴

Conta-se de uma época que ainda não havia estradas que ligassem as comunidades rurais ao centro da cidade²⁵. Essas comunidades viviam basicamente da pesca artesanal, ou embarcada em traineiras, e das roças de subsistência. Os bananais, as casas de farinha e velhos engenhos de cachaça geravam algum recurso fora da pesca. Havia grandes propriedades, mas todas decadentes, ocupadas com o consentimento dos seus proprietários, ou mesmo abandonadas. Dos antigos casarões, sedes de fazenda, sobraram o engenho do Rio dos Meros, a sede da fazenda Itatinga e a sede da fazenda Paraty Mirim, que hoje se encontram praticamente em ruínas.

²² Entrevista realizada em 19/04/09, com Leônidas Passos da Silva, organizador das danças folclóricas.

²³ Entrevista realizada em 20/03/09, com Norival Rubens de Oliveira, festeiro em 1956.

²⁴ Entrevista realizada em 19/04/09, com Benedita Vieira de Oliveira, Dona Filhinha, festeira em 1980, coordenadora das cozinheiras do Divino.

²⁵ A estrada BR-101, que liga as cidades do Rio de Janeiro e Santos foi construída durante os anos iniciais da década de 70. O trecho da estrada entre Angra dos Reis e Ubatuba foi inaugurado em 1974. Fonte: “Histórico da ocupação turística na APA e Reserva Ecológica”, disponível em: <<http://www.cairocu.org>> Acesso em 19 de janeiro de 2009.

Aqueles que vinham à cidade fazer comércio, ou seja, trocar a farinha de mandioca, as raízes de cana e aipim que produziam, pelo sal e o querosene, ou mesmo para festejar, provinham de comunidades situadas próximas à Serra do Mar nos lombos de animais, ou pelos caminhos, “as picadas”, à pé, que podiam durar cerca de quatro horas. Ou mesmo através de canoas, outra forma de circulação usada por aqueles que se deslocavam de comunidades costeiras, situadas próximas às praias, ao centro da cidade de Paraty. Ainda hoje, um meio de transporte fartamente utilizado.

*“E o almoço do Divino era uma coisa muito importante, agora ainda é, mas naquela época era uma oportunidade de o povo da roça poder vir para a cidade, eles não poderiam vir se não tivesse o almoço, porque comeriam aonde? Era importante para todo mundo poder participar da Festa. Eles vinham mesmo passar o dia, vir na barraca, fazer comércio, tudo isso que não é mais tão necessário, porque você tem muito mais loja hoje em dia, mas ainda se mantém isso, o pessoal gosta de fazer compra na barraca do Divino, de frequentar os comes e bebes (...)”.*²⁶

A sociabilidade ensejada pelos rituais da Festa possibilita a ocasião do reencontro com aqueles que estão morando fora de Paraty, e voltam à época da Festa para rever os parentes, ou com os amigos que vivem na zona rural. É tempo de intenso convívio social e divertimento, como se pode depreender dos romances que iniciaram em muitas dessas festas. A Festa do Divino é ocasião de confraternização de variados grupos sociais, oferecendo espaço para que todos participem, desde os atos litúrgicos associados às figuras do festeiro e do imperador, à série de divertimentos, alguns subsistindo desde o começo do século XX. É igualmente um tempo de expressão de dons artísticos, de talentos particulares, que garantem a identidade, individual e coletiva, por meio de uma memória comum, herdada e transmitida (Souza, 2008, p. 136).

“(...) porque as famílias de Paraty, todas elas tem envolvimento com a Festa, a maioria delas já fez a festa, outras famílias ajudam na preparação da Festa, outras pessoas ajudam no preparo do almoço. Antigamente, era costume no sábado da Festa a distribuição de carne para os pobres, então, nós tínhamos pessoas que doavam gado para ser abatido nessa ocasião, outras que se ocupavam de abater o gado, e preparar essa carne, outras que tinham mais facilidade iam lá na hora fazer essa

²⁶ Entrevista realizada em 29/05/09, com Flora Maria Salles França Pinto, membro da comissão da Festa do Divino de 2009.

*distribuição, também tivemos outras famílias que eu conheci, um leiloeiro famoso de gado, que as pessoas doavam o gado para ser leiloado na Festa”.*²⁷

Portanto, os grupos sociais que vêm à cidade por ocasião do Dia de Pentecostes, participam da Festa de variadas formas, quase sempre em família e imbuídos de diferentes motivações. De todo modo, *“o grande mérito da Festa do Divino é esse envolvimento que ela dá com toda a cidade, e não precisa ser católico não, porque todos de uma certa forma ganham, participam, têm a sua participação com a festa, independente de serem católicos ou não”.*²⁸ Por entre casarões em ruínas, levando uma vida na qual a grande novidade continuava a ser as festas, religiosas em sua maioria, os paratienses estão acostumados a conviver com os ecos de um passado, que é perpetuado em uma série de tradições que regiam os comportamentos e a maneira de pensar das pessoas (Souza, 2008, p. 223).

2.1 Motivações

“E a gente vê mesmo pessoas de fora, tem gente que vem não sei mais de quantos anos, porque recebeu uma graça do Divino, e vem pagar promessa aqui, nessa festa”.²⁹

Até o final da década de 50 do século XX, quando as irmandades ainda eram ativas em Paraty, a Festa do Divino Espírito Santo era a única grande festa que não era realizada por uma irmandade. Era organizada por um responsável, o festeiro, e um corpo de auxiliares, hoje chamado de “Comissão da Festa”, incumbidos por partes determinadas da Festa, e escolhidos a cada ano, geralmente por indicação do festeiro, ou por membros da comunidade, com a sanção do padre.

Os festeiros, e aqueles que estão mais diretamente envolvidos com a organização da Festa, quase sempre representam sua participação como uma forma de devoção, um momento privilegiado de pagar promessas e agradecer pelas graças recebidas. A Festa é um símbolo da relação que se estabelece com o Divino, donde se espera a retribuição divina. Herança do catolicismo popular português, trata-se de um sistema de troca de dons, em troca de proteção,

²⁷ Entrevista realizada em 10/07/09, com Benedito José Melo da Silva, o Dedé, festeiro em 1997 e 2003.

²⁸ Entrevista realizada em 19/04/09, com Leônidas Passos da Silva, organizador das danças folclóricas.

²⁹ Entrevista realizada em 09/07/09, com Sirley de Fátima Coupê Dantas.

de saúde, de abundância e da satisfação de um favor específico da divindade, oferece-se orações, vigílias, sacrifícios, como os que estão envolvidos na organização de uma festa religiosa, e ações de louvor, geralmente dirigidas às imagens, tratadas quase como pessoas vivas (Souza, 2008, p. 73).

As narrativas dos devotos que procuram explicar o porquê passaram a se envolver na organização da Festa do Divino, costumam abordar situações vividas como infortúnios, desgraças. O exercício da caridade e da partilha representaria assim o cumprimento da promessa por uma graça recebida, mediante o pedido feito ao Divino Espírito Santo. Uma devota do Divino, há doze anos, prometeu trabalhar na realização da Festa, se a sua filha e o seu neto saíssem com vida do parto dificultoso em que se encontravam. Desde então, ela segue oferecendo o seu serviço ao Divino porque diz que o seu pedido foi atendido. Todos envolvidos no mutirão do Divino costumam ter uma promessa, uma graça ou um voto materializado no trabalho ou na oferta prestada. O próprio mito fundador dessa festa corrobora com o fato de que a inserção se dá pela desgraça, enquanto a permanência na realização da festa se dá pela graça alcançada. Em virtude de seu reino ter superado conflitos, a Rainha Isabel ofereceu um grande banquete em Vila Alenquer, que passou a ser oferecido, ano após ano, em nome da paz alcançada.



Bandeira da promessa. Paraty, 31 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

E, assim, muitos relatos versam sobre curas físicas ou espirituais, que justificam a participação e a permanência na organização da Festa, como oferecimento de um sacrifício ao Divino: *“(...) Muita doação, muita gratificação pra mim trabalhar nessa festa. (...) porque tem gente que fala: ‘eu vou fazer uma promessa, acender uma vela’. Isso não é um sacrifício”*.³⁰ “Pegar uma festa”, ou seja, ser o festeiro e se dispor a coordenar os preparativos da Festa do Divino, significa, para alguns, a expressão máxima de seu voto em favor de uma graça:

“(...) eu fui à janela do meu quarto ver a procissão passar, a procissão do encerramento, então foi passando a procissão e quando passou o andor do Divino, com as bandeiras do Divino, eu pensei em fazer um voto, porque aquilo só Deus, só um milagre de Deus, porque se não tiver um milagre de Deus eu não posso imaginar o que vai nos acontecer (...). Aí eu me lembrei de fazer um pedido ao Divino Espírito Santo. Se nós conseguirmos pagar de alguma maneira, com um milagre de Deus, conseguirmos pagar essa dívida, salvar essa casa, limpar nosso nome na cidade e, finalmente, arrumar essa casa para ser digna de fazer a Festa do Divino... Quando eu fiz o pedido, eu me tranquilizei, eu perdi aquele desespero que eu estava”.³¹

³⁰ Entrevista realizada em 09/07/09, com Maria da Conceição de Souza Cândido, festeira em 2009.

³¹ Entrevista realizada em 14/04/09, com Conceição de Oliveira Moreira, festeira em 1989.

Em Paraty, como também é comum em outras localidades, os festeiros do Divino por vezes tinham motivações que ultrapassavam o sentido religioso, unicamente atrelado ao compromisso de uma promessa ou agradecimento. Ora, ser festeiro trazia grande repercussão e certamente aumentava seu prestígio perante todos. Além disso, como a Festa demanda uma quantidade significativa de recursos para sua realização, quase sempre era assumida por famílias abastadas da cidade. Não raro, o cargo de festeiro foi ocupado por políticos:

“(...) porque eu sempre vivi em Paraty, porque eu fui prefeito duas vezes, eu fui festeiro duas vezes, eu fui funcionário do Estado, eu fui sub-delegado. As pessoas mais conhecidas chamavam para a igreja, para as festas, para isso e para aquilo, as famílias, era menor o grupo de famílias, era difícil um chefe de família pegar a Festa pelo medo de não ter recursos”.³²

Tal o motivo da grande expectativa pela Festa do Divino em 2009, que foi assumida por um casal de festeiros, moradores de um bairro periférico de Paraty:

“Mas eu nunca imaginava que ia pegar a Festa. Eu achava que para fazer a Festa do Divino Espírito Santo tivesse que ser gente aqui do centro, gente que tivesse dinheiro, que soubesse ter contato, eu nunca imaginava de nós sermos simples desse jeito, e fazer a Festa. Eu nunca imaginava que qualquer padre pudesse chegar e dizer: ‘vocês podem fazer a Festa’. Então, para mim foi uma bênção muito grande. (...) eu já vinha acompanhando a festa há muito tempo. Então só via gente de terno, engravatada, ninguém carregava bandeira, era só o festeiro mesmo”.³³

A princípio, Maria da Conceição de Souza Cândido sentiu-se desconsertada com a posição que assumia junto com seu marido, o pescador Carlos Magno Cândido. Os dois assumiram a Festa em ações de graças pela recuperação de seu Carlos, de um câncer de mama. Ele, a princípio, não concordou, pois ainda estava se recuperando, não pôde nem mesmo carregar a bandeira no arriamento do mastro. Mas dona Conceição ia confirmando sua decisão, tanto que seu Carlos teve uma melhora significativa depois que foram anunciados como festeiros:

“Eu acreditava e acredito até hoje, porque ele está aí, pela nossa fé, estamos até agora juntos, ele está bem, graças a Deus, ele falou que não tem mais nada, dele estar curado, então foi uma graça

³² Entrevista realizada em 16/04/09, com Aloysio de Castro, festeiro em 1964 e 1994.

³³ Entrevista realizada em 09/07/09, com Maria da Conceição de Souza Cândido.

*muito grande. (...) Foi, eu peguei essa festa como uma forma de agradecimento, de Ele dar tudo, e eu poder retribuir tudo para Ele, a vida dele, a minha vida, a vida dos meus filhos”.*³⁴

A Festa do Divino não é frequentada por indivíduos, mas sim por “famílias”. E é na condição de chefe de uma família, do centro de uma rede de relações de parentesco que o casal, encarnados na figura do “festeiro”, assume a direção da festa (Gonçalves, 2007, p.200).

Para José Reginaldo Gonçalves, que concebe a Festa do Divino como um “fato social total”, nos moldes como esse conceito é entendido por Mauss (1974), as categorias coletivas de pensamento por meio das quais as festas são estruturadas são a honra e a graça, implicadas na dádiva e na contradádiva. “Resumindo ao extremo um ponto bastante complexo, podemos dizer que festas são realizadas com o propósito fundamental de conquistar e legitimar a “honra” e, simultaneamente, propiciar a “graça”. Segundo ele, a honra fica a cargo do homem, enquanto a graça se relaciona intimamente com a mulher: “(...) as festas do divino transformam simbolicamente a “honra” conquistada pelos homens no mundo terreno em “graça” concebida pela vontade misteriosa do divino” (Gonçalves, 2007, p. 199-01).

Podemos visualizar a representação dessas categorias através do pedido que fez a devota ao Divino, que lhe arrumasse os meios de pagar a dívida que seu marido contraíra, que de tão grande os ameaçava até de perder a casa. Com esse pedido, visualiza a possibilidade da graça, que pode livrá-los do desespero em que se encontram, causado pelo infortúnio; se atendido, permite o alcance e a reconquista da honra, ou seja, ver o nome da família limpo na cidade, para ter condições de arrumar a casa, e cumprir então a promessa: fazer uma Festa do Divino.

Nesse sentido, considerando que a Festa é figurada em termos de unidades familiares, de parentesco ou de vizinhança, é possível depreender que a construção ou a reafirmação de um prestígio ou honra vigentes na ordem social se dão para além do momento da Festa. Parece claro que ser festeiro pressupõe, além da fé no Espírito Santo, uma habilidade em organizar a Festa e toda a rede de relações sociais que se formam em torno dele. A habilidade não é falada somente em termos de competência, mas também de generosidade, o que parece significar prestígio entre os paratienses. Além da família que está intimamente ligada à organização da Festa, os demais também estão voltados para o exercício da caridade e da partilha. Ser festeiro

³⁴ Idem.

implica, desse modo, numa dimensão do sacrifício, além de exigir a capacidade de solicitar e contar com o trabalho voluntário das pessoas da comunidade.

2.2 Trabalho e esforço coletivos

“Todos, homens e mulheres, procuram superar-se uns aos outros em generosidade” (Mauss, 2003, p. 212).

Conforme explica Diuner Mello, o festeiro sempre se cercou de auxiliares, muitos deles seus amigos. Dentre esses ajudantes diretos, há um auxiliar, um tesoureiro e um secretário, além de outras pessoas que compõem a comissão, às quais são atribuídas tarefas específicas: *“Mas então tinha alguém encarregado de preparar o mastro, tinha um encarregado junto com as mulheres de decorar a igreja, de arrumar o andor, sempre tinha, é um trabalho muito dividido em equipe, é impossível alguém trabalhar sozinho³⁵”*.

Para os que se doam através de algum serviço na Festa, o significado do sacrifício empreendido remete à relação direta com o ser divino:

“(...) para mim, é uma das melhores coisas você estar trabalhando para o Espírito Santo. E eu quando vou trabalhar, eu me entrego por isso. Se eu estou trabalhando na Festa de Santa Rita, eu estou trabalhando para Santa Rita. Então, tudo que eu faço, estou fazendo para Santa Rita. (...) É com esse espírito que eu me jogo³⁶”.

A Festa do Divino de Paraty é concebida a partir de um trabalho coletivo, de modo que se o festeiro ignora a ajuda alheia, impede o devoto de estabelecer a relação com o Divino.

Na Festa do Divino realizada em Pirenópolis (GO), quando os fazendeiros são procurados para receberem a Folia da Roça, interpretam o pedido como sendo do Divino, e não do folião-guia (Veiga, 2002). Na dinâmica da dádiva, é como se “o dar” entre os indivíduos fosse amortecido pela promessa ou pelo voto feito ao Divino. Neste caso, não é que o fazendeiro tenha dado o pouso para os foliões, mas sim que ele aceitou um pedido do Divino

³⁵ Entrevista realizada 24/03/09, com Diuner José Mello da Silva, cuja família já foi festeira por diversas vezes, em 1932, 1959, 1967, 1981, 1986, 1997 e 2003.

³⁶ Entrevista realizada em 18/04/09, com Magda de Cássia Stanisce, cuja família foi festeira em 1995.

Espírito Santo. Nesse processo de “dar-receber-retribuir”, a dívida é com a santidade, e não com o mensageiro.



Mulheres ensacando os doces da Festa do Divino. Paraty, 29 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

Do mesmo modo em Paraty, as doações, sejam em donativos ou através de algum serviço, são feitas em nome do Divino. Há muitos relatos de devotos que doam, mesmo sem ter condições financeiras para tanto. Assim como relatos de maus agouros que se sucederam com aqueles que se recusaram a doar para a Festa:

*“Aí vem aquele pobrezinho, na época da festa, com o envelope e te dá e diz: isso aqui é uma ajuda que eu trouxe para a festa. Quando você abre, você fica até... Eles economizam e às vezes te dão um salário mínimo. Você nem imagina que aquilo vai fazer falta para ele. Entendeu? Você fica até emocionada. É gente que não tem mesmo, mas faz aquele sacrifício. De repente vai juntando por mês. (...) E, às vezes, a pessoa que tem posse, você oferece uma rifa, uma coisa, mas não quer comprar. Então você aprende muito”.*³⁷

Essa devota, cujos familiares já foram festeiros do Divino, conta que um empresário, dono de hotel em uma região de alto padrão em Paraty, recusou-se a contribuir para a Festa, quando ela foi pedir-lhe doações, sugerindo ainda que a contribuição seria mal utilizada pela Igreja. Segundo conta, no dia do almoço da Festa que houve naquele ano, recebeu a notícia de que o hotel daquele rico empresário havia sido assaltado.

³⁷ Idem.

Há muitas formas de angariar fundos para realizar a Festa, o que depende em grande parte da criatividade do festeiro em mobilizar as pessoas na organização e na preparação, que ocorre durante o ano inteiro. O festeiro, auxiliado pela comissão de Festa, procura chamar as pessoas que possuem determinadas habilidades, para participar. *“Porque as pessoas se sentem honradas de serem lembradas”*.³⁸ Diuner conta que, quando foi festeiro com os irmãos, em 1997, resolveram usar a sala de visita da casa da família no Centro Histórico, para vender doces. *“(…) E, a partir daí, nós vimos uma coisa muito interessante com pessoas que faziam em casa, e que a gente nem havia pedido, e que levavam para a gente: ‘olha, é para vender para a festa’³⁹”*. A partir de então, a venda de doces durante todo o ano tornou-se uma das maiores moedas de arrecadação da Festa. Os alimentos para o almoço, da mesma forma, são doados por supermercados, ou, em pequenas quantidades, por devotos, por moradores da roça, enquanto o gado é dado por quem cria, os frangos têm sido doados por professoras de Paraty e, assim, cada devoto doa de alguma forma para a Festa e vai criando para si uma “obrigação”, uma forma de permanecer ligado à Festa: *“(…) eu procuro sempre ajudar os festeiros, até porque eu já fui festeiro e na ocasião eu tive muita ajuda”*.⁴⁰

Dona Lindalva, cozinheira do almoço do Divino há muitos anos, confessa que gosta muito de pedir doações. Acontece de o festeiro ganhar espontaneamente muita coisa, e não ser necessário pedir, mas nesse caso, ela sente falta de pedir e arrecadar os alimentos para o almoço que vai preparar. Não recebe um único ‘não’! Os devotos já a reconhecem, e quando vai se aproximando a Festa, fazem questão de doar. Passando por uma feira de produtos diversos, próxima ao Centro Histórico de Paraty, foi solicitada para buscar três quilos de alho, colorau e uma peça de bacon, que os comerciantes dali queriam doar. E ela dizia como agradecimento: “Que o Divino lhe dê saúde!”

De fato, existe uma relação entre a credibilidade do festeiro e o sucesso de uma Festa, que se realiza com fartura e é abundante em graças para os fiéis:

“Porque quanto mais conhecimento, quanto mais relacionado você for, mais ajuda você tem. Isso prevalece muito. Esse (festeiro) que eu falei, Epaminondas, ele, muito comunicativo... a sua festa

³⁸ Entrevista realizada 19/04/09, com Edson José de Oliveira, o Edinho, festeiro em 1998 e 2005.

³⁹ Entrevista realizada 24/03/09, com Diuner José Mello da Silva.

⁴⁰ Entrevista realizada em 10/07/09, com Benedito José Melo da Silva, o Dedé.

*deixou cem mil reais para a igreja. Ele conseguiu muitas doações pela maneira que ele trata todo mundo”. (...) Quanto mais popular a pessoa for, mais animada a festa é”.*⁴¹

*“Porque se você assume a Festa do Divino e o povo é que faz a Festa, você naquele momento assume um compromisso com o povo de fazer uma festa boa, porque eles estão ajudando, com a intenção de que você faça uma Festa boa. Então você tem que fazer o quê, fazer aquilo que o povo quer, aquilo que o povo gosta”.*⁴²

Dessa maneira, o festeiro representa a mediação entre a relação da dádiva para o Divino, e da contradádiva, isto é, a possibilidade de se alcançar a graça:

*“Eu quase não ganhei nada, como era ano político, então eles achavam que eu estava pegando a festa para eleger o meu filho. (...) Porque a festa do Divino não é para o festeiro comprar nada. É doação. Entendeu? Eu tive que comprar”.*⁴³

Há ocasiões em que esta rede de sociabilidade ensejada pela Festa, e centrada na figura do festeiro, não encontra legitimidade entre os fiéis, como neste caso apresentado pela festeira, que não recebeu doações, e teve que comprar praticamente tudo para a Festa. A relação de dádiva e contradádiva foi, de certa forma, quebrada. Os fiéis não reconheceram no festeiro, um homem político que poderia estar se aproveitando do prestígio e do status da sua posição na Festa para se eleger, um mediador da relação com o Divino.

Portanto o trabalho coletivo é ponto nodal para a realização da Festa. A pessoa está representada na Festa do Divino por aquilo que ela deu, ou pelo serviço que prestou. Deste modo, os donativos significam a “inserção” da população na Festa, e se constituem em capital necessário tanto para a realização da Festa, quanto para construir a relação dádiva e contradádiva que se estabelece com o Divino. Quando os devotos se lembram de uma Festa que foi muito boa, não o fazem medindo o patrimônio familiar do festeiro, mas sim o quanto de colaboração recebeu e do grande empenho dedicado. Muitos festeiros falam da satisfação em contar com a farta ajuda, em doações e serviços prestados pela população local.

⁴¹ Entrevista realizada em 20/03/09, com Norival Rubens de Oliveira.

⁴² Entrevista realizada 10/07/09, com Benedito Ubirajara Gomes de Oliveira, o Bira, e Corina Elisa Saritta, festeiros em 1999.

⁴³ Entrevista realizada em 18/04/09, com Alfa Porto Minair, a Fifa, festeira em 1996. Sua Festa, apesar de não ter recebido doações, teve grande fartura no almoço, e a festeira, procurando restabelecer a relação de dádiva com o Divino, pois afinal, havia oferecido a Festa em favor de seu filho doente, doou para a Igreja um reposteiro e ânforas novas.

Desse modo, para além do carácter sagrado e da dimensão simbólica da devoção ao Divino, a realização dessa celebração está entrelaçada a uma dimensão concreta de fatos sociais e econômicos, que circunscrevem a vida das pessoas que dela fazem parte. E justamente por isso, tanto a Festa do Divino quanto as demais festas religiosas de Paraty são de grande importância para a dinâmica social dessa sociedade. Elas, e em especial a do Divino, pelo fato de ser a festa que mais agrega pessoas da comunidade para a sua realização, parecem constituir o canal principal da dinâmica da legitimação da honra, do prestígio e da solidariedade para a população local.

“De uma maneira ou de outra, a gente sempre participa”. Os moradores dizem que, mesmo que não estejam comprometidos diretamente com alguma etapa da organização, fazem doação em dinheiro ou em produtos. As pessoas que em alguma ocasião se recusaram a ajudar foram apontadas como “as de fora”, ou seja, moradores que não são originalmente de Paraty, em sua maioria donos de grandes pousadas e hotéis locais. O conhecimento sobre a organização e a dinâmica da festa, mesmo sem estar envolvido diretamente com ela, é um elemento que corrobora com a hipótese de que a Festa do Divino faz parte do processo de socialização da população paratiense. Por exemplo, ao conversar com um festeiro que hoje em dia, por motivos de doença, não faz mais parte diretamente da organização da Festa, este mencionou que sempre fica sabendo do andamento, porque é uma Festa do pessoal local, de amigos. Todos sabem descrever, por exemplo, os nove dias da celebração e as regras para a escolha do festeiro. Ter domínio sobre essas informações faz parte do “saber incorporado”. Como os moradores dizem: as pessoas de Paraty, ou seja, aqueles que nasceram e tem família ali, sabem sobre o Divino. É um fator que distingue quem é local, de quem é de fora⁴⁴.

⁴⁴ O que parece ser uma caracterização importante para uma cidade onde somente 57% da população são de domicílios permanentes (Moure, 2003).

2.3 A preparação da Festa

*“(...) eu acho incrível como é feita a Festa do Divino, com a participação de todos, é uma construção coletiva muito bonita (...)”.*⁴⁵

A preparação ocorre durante todo o ano que antecede a Festa⁴⁶. A preocupação maior do festeiro será angariar donativos, seja em alimentos, ou produtos que possam ser vendidos em rifas ou bingos, seja em dinheiro, ou mesmo em serviços, através do trabalho voluntário dos fiéis. É hora de procurar os amigos, as pessoas de posse, e solicitar ajuda para fazer a Festa. O “festeiro” e sua família estão responsáveis pela coordenação das atividades que fazem parte dessa grande solidariedade orgânica gerada a partir da Festa.

A comissão da Festa segue vendendo doces⁴⁷ durante finais de semana e especialmente em eventos culturais da cidade. Antigamente, montavam uma barraca de doces em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Hoje já dispõem de um lugar cedido pela casa paroquial, onde cada festa religiosa tem espaço próprio para vender seus doces. Quando uma Festa se aproxima, a comissão tem o direito de vender os doces e salgados na parte da frente da casa, onde tem maior visibilidade.

A Festa do Divino de Paraty tem sua organização bastante atrelada à paróquia local. A igreja possui uma comissão litúrgica, que organiza a programação sagrada da Festa do Divino, distribuída já no domingo de Páscoa, quando ocorre o levantamento do mastro. O ofício do festeiro está atrelado basicamente a esta programação religiosa, o que inclui, entre outras coisas, a decoração da igreja e da cidade, a distribuição das bandeiras pelas comunidades locais, a organização das celebrações litúrgicas durante a novena, e durante o sábado e o domingo da Festa, além da distribuição de comida no sábado da Festa. A programação profana, ou seja, a organização das barracas da quermesse, que vendem comidas e utensílios domésticos diversos, a contratação de shows que acontecem após as novenas e a organização

⁴⁵ Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda.

⁴⁶ A partir desse ponto no texto, a descrição etnográfica passa a se referir especialmente à edição da Festa do Divino do ano de 2009, que foi documentada para instruir o Processo de Registro.

⁴⁷ Os doces típicos costumam ser o massapão, o manuê de bacia, a palha italiana, o doce de banana, o doce de maçã e o de frutas variadas, e tortas e bolos os mais diversos.

de jogos esportivos durante os finais de semana da Festa, hoje em dia estão a cargo da prefeitura local⁴⁸.

A preparação se acelera a partir do domingo de Páscoa. Numa reunião da comissão da Festa, composta por cerca de cinquenta pessoas, todos são convidados a escolher e se inscrever em um dos vinte grupos de tarefas. Para aqueles que escolheram a decoração da igreja e das ruas da cidade⁴⁹, os encontros passaram a ocorrer todas as noites na casa paroquial, para confeccionar os painéis que ornamentam a frente da igreja e as flores de papel que enfeitam o seu interior, e para passar a ferro cada uma das bandeirinhas que irão enfeitar as ruas da cidade, cerca de dois meses antes da Festa.



Escultura com a pomba do Divino enfeitando as ruas do Centro Histórico de Paraty. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

A decoração da rua e da igreja completa a atmosfera diferente que paira sobre a cidade. Os postes das ruas, em especial as do Centro Histórico, são enfeitados com bandeirinhas nas cores vermelha e branca. O vermelho simboliza o Espírito Santo, que desceu do céu em forma de línguas de fogo sobre os apóstolos, enquanto que o branco simboliza a paz e a pomba no Batismo de Jesus. No ano de 2009, as ruas do Centro Histórico ganharam enfeites com o maior símbolo da devoção: a pomba, que figurava no centro de uma escultura feita com os aros de rodas de bicicleta, que, tratadas e iluminadas com tinta dourada, representavam os

⁴⁸ A Secretaria de Turismo costuma patrocinar também a banda Santa Cecília, os fogos de artifício, a tiragem dos cartazes da Festa e o transporte do grupo de congada que vem de Cunha. Não obstante, a comissão da Festa do Divino relata a dificuldade em negociar o apoio da prefeitura.

⁴⁹ A decoração da Festa consome cerca de R\$ 3.000,00 do orçamento que, até o momento, contabilizando as doações e a venda de doces, era de R\$ 30.000,00.

raios emitidos pela pomba, deixando cair abaixo de si fitas vermelhas e brancas. Enfeitam-se as ruas por onde passa a procissão, bem como todo o caminho que leva até a casa do festeiro. Os moradores do Centro Histórico e dos bairros adjacentes costumam enfeitar as fachadas de suas casas com motivos da Festa. Já a decoração da principal avenida da cidade será feita por crianças, que vão expor seus trabalhos com pinturas de cenas da Festa, em quadros de madeira pendurados ao longo dos postes da avenida.

O grupo responsável pela decoração de todas as festas religiosas em Paraty, coordenado por Edson de Oliveira, trabalha fartamente durante a Festa do Divino. Em 2005, Edinho, como é conhecido, disse que *“chamou os amigos e fez a Festa”*. A forma como pensou a decoração da cidade envolveu a todos, como bem era o seu objetivo, ou seja, que cada um olhasse e dissesse: ‘eu ajudei a fazer’. Segundo ele, projetou sua idéia com base na simbologia acionada pela Bandeira da Promessa, que é encimada por uma pomba rodeada de flores. Produziram-se assim resplendores com a pomba do Divino, que enfeitaram a cidade toda, e deles pendiam fitas formadas por fuxicos⁵⁰ coloridos:

“E eu fui falando aos poucos para o povo, eu não gastei um real no tecido do fuxico, todo mundo doou os retalhos (...) Eu sei que totalizou 40 mil fuxicos, feitos um por um na mão, não teve nada de costura à máquina, nada de industrial, e todos, eu sei que o negócio foi pegando, quando eu percebi, estava toda a cidade, todos os bairros, até a zona rural, o povo fazia e mandava, para compor a decoração (...)”⁵¹

Todos se lembram dessa Festa, que acionou o trabalho de muitos para compor a decoração das ruas e da igreja. Impressiona lembrar o momento em que todos se envolveram, empregando de alguma forma sua doação para a Festa acontecer. E era mais um motivo para se reunir, preparar um lanche e atualizar o convívio social. Aos poucos foi se compondo a decoração com os fuxicos, que eram como raios que pendiam lá de cima, das laterais da igreja.

“(...) porque você não vê isso em cidades maiores, essa união das pessoas, essa coisa de se envolver, porque todo mundo se envolve, da empregada doméstica ao médico, não existe classe social, não existe nada disso, todos se tornam uma pessoa só. Cada um com a sua aptidão. Enquanto uma faz

⁵⁰ Fuxico é um tipo de trabalho manual feito a partir de tecidos em retalhos, que são cortados em forma de círculos, costurando-se as beiradas pra franzir, quando então se produz o efeito de uma flor, com diversas finalidades de decoração.

⁵¹ Entrevista realizada em 19/04/09, com Edson José de Oliveira, festeiro em 1998 e 2005.

*fluxico, a outra borda, a outra cola, a outra faz o doce, a outra pinta... Então, assim, todos são artistas plásticos, em função desse objetivo que é a festa ficar linda, e fica linda, muito linda mesmo. A igreja fica belíssima”.*⁵²



Cartaz da Festa do Divino do ano de 2005, Paraty, 19 de março de 2009.
Foto: Priscila Falci.

Os que escolheram envolver-se com o almoço da Festa, organizaram-se para recolher os oitocentos frangos necessários para o preparo, juntamente com outras doações. Este ano, resolveram não aceitar doações de bois, devido à dificuldade de matá-los e prepará-los, então compraram somente cortes de carne, parte para o almoço e parte para ser embalada e distribuída aos pobres, na manhã do sábado da Festa. Também devem pensar em formas de arrecadação dos trezentos refrigerantes que serão distribuídos como bebida durante o almoço, o qual será servido na cantina da casa paroquial. Outra equipe responsabiliza-se pela preparação do jantar para as comunidades que organizam as celebrações, em cada dia da novena.

O grupo encarregado da liturgia deve elaborar o cartaz, que serve para divulgar a Festa, e a programação religiosa, que é distribuída aos fiéis. Prepara também a liturgia da missa das dez do domingo, Dia de Pentecostes, quando são distribuídos sal em saquinhos, e cerca de mil lembranças, que precisam ser confeccionadas. Após esta celebração, o imperador distribui três

⁵² Entrevista realizada em 24/03/09, com Marly Cardoso de Barros.

a quatro mil saquinhos de doces na casa do festeiro, em torno de 500 kg, previamente embalados.

Outras tarefas relacionam-se à limpeza da igreja após os nove dias da ladainha; à recepção do grupo que vem da cidade de Cunha, o Marrapaiá, providenciando um lugar para a sua estadia; à preparação das alvoradas da Festa, quando a banda percorre as ruas do Centro Histórico anunciando a Festa no primeiro dia, e no Dia de Pentecostes, ao final, é oferecido um lanche na cantina da casa paroquial; à organização do bando precatório, que sai no sábado para arrecadar esmolas; à organização da corte imperial, providenciando o quadro e o trono do imperador, que estão na Antiga Cadeia; à definição de quais meninos exercerão a função de Imperador do Divino e dos demais que farão parte de sua corte, e onde será a solenidade da soltura do preso pelo imperador; à solicitação ao Museu de Arte Sacra, guardião dos objetos religiosos tradicionais e das insígnias imperiais; à recolha dos mantimentos que forem arrecadados durante todos os dias da novena, quando os fiéis são motivados a ofertar quantidades de alimentos não-perecíveis.

Além das doações, a principal fonte de arrecadação da Festa é o “Bingão do Divino”, que acontece no segundo domingo de maio. A receita da Festa também advém de parte do aluguel dos terrenos, em que são armadas as barracas da quermesse, verba que é repassada pela Prefeitura. Carlos, o festeiro, entrega ofícios com pedidos de doações no Livro-Ouro, o qual registra os doadores e as quantias doadas, para a Festa daquele ano.



Comissão da Festa arrumando o andor do Divino. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

Na última semana que antecede a Festa, é hora de finalizar os detalhes dos preparativos. Todos que fazem parte da comissão ajudam, independente das suas tarefas específicas. O movimento na igreja é grande, e a ornamentação já está quase pronta. Os paramentos religiosos são de Festa, os panos sagrados foram limpos e passados, e o arco cruzeiro está enfeitado com pequenas flores de papel, típicas nas festas de Paraty.

Na igreja, a corte imperial, formada por sete meninos – todos parentes dos festeiros, ensaiava o ritual da entrada na igreja, da subida no altar e da coroação do imperador. Mais tarde, foi servido um caldo verde na cantina da casa paroquial, preparado por Lenita Prado, para todos os que estavam trabalhando na decoração da igreja e da rua.

Torna-se claro, para os que observam a Festa do Divino de Paraty, que esta é pontuada pelos banquetes. Há o grande banquete do sábado da Festa, mas cada etapa da preparação é marcada pela oferta de alimento. Não há dúvida de que esses momentos de sociabilidade reforçam os laços de amizade entre as pessoas, e junto com isso consolidam o ciclo social da Festa, revelado através da relação de dar, receber e retribuir. As atividades arroladas nesse período aproximam as pessoas.

O festeiro é aquele que coordena não só o andamento das atividades necessárias para realizar a Celebração, como também a grande rede social que se forma com ele. Apesar do emprego do vocábulo ser no singular, o ‘festeiro’ se configura sempre em um casal, que não é obrigatoriamente o marido e a esposa, mas o é em sua maioria ao longo da história dessa Festa em Paraty. Isso tem uma implicação interessante e bem característica da Festa paratiense, pois a Celebração do Divino é uma festa de famílias. O vocábulo singulariza todos os membros da família na figura do festeiro. É bastante comum as pessoas ressaltarem que quando um “pega” a Festa, todos ajudam. E esse envolvimento da família em torno do festeiro se estende às outras relações de parentesco e de vizinhança, que se formam durante esse período de intenso convívio social.

2.4 O Levantamento do Mastro

*“A pombinha do Divino, ai
Bateu asas e voou, ai
A pombinha do Divino, ai
Bateu asas e avoou, ai, ai”
Êêê”*

*“Ela andou o mundo inteiro, ai
Na bandeira ela pousou, ai
Ela andou o mundo inteiro, ai
Na bandeira ela pousou, ai, ai”
Êêê”*



Devotos levantam o mastro da Festa do Divino. Paraty, 12 de abril de 2009. Foto: Lívia Lima.

Domingo de Páscoa, quando o mastro é erguido 50 dias antes da Festa⁵³. Sai a procissão da casa do festeiro. Dona Conceição e Seu Carlinhos seguem à frente com a bandeira dos festeiros, encimada por uma pomba de prata. Algumas crianças carregam os signos de devoção dessa ocasião: o quadro⁵⁴ do mastro, o bastão, a esfera que representa o mundo e a pomba⁵⁵, que encimam o mastro. Depois vêm as outras bandeiras, que são erguidas por fiéis, entre eles, os membros da comissão da Festa. Todos estão com a blusa confeccionada para a Festa, que trazia estampada o tema deste ano: ‘Espírito de justiça e de paz, venha sobre nós’. Atrás dos fiéis, seguia a Folia do Divino, que tocava, alternando com a banda de música.

Mais a frente soltam-se os fogos. A procissão passa pela rua de uma pessoa que está doente, eles entram com a bandeira em sua casa, o que causa a comoção da dona da casa. Segue então até a casa paroquial para buscar o mastro, que sai carregado por alguns homens. A procissão segue com o mastro à frente, até próximo ao lado esquerdo da igreja Matriz, onde é erguido. É colocado na parte superior do mastro o bastão, nele

⁵³ O registro etnográfico dessa etapa da Festa aconteceu em 12 de abril de 2009.

⁵⁴ No quadro estão pintados, de um lado, uma pomba branca, e do outro, uma almofada e, sobre ela, a coroa e o cetro do imperador. Trata-se de uma reprodução da pintura de um antigo quadro que se encontra no Museu de Arte Sacra de Paraty (Mello, 2003, p. 43).

⁵⁵ Até o ano de 1994, utilizava-se uma pomba em madeira, do século XVIII, que originalmente era pintada de prata, e que agora faz parte do acervo do Museu de Arte Sacra de Paraty (idem).

encaixado o quadro, e sobre ele colocam-se o “mundo” e a pomba. Assim preparado, o mastro é erguido por alguns homens com a ajuda de uma grande tesoura de madeira, e fincado ao chão.

Alguns dizem que, depois que firmam o mastro ao chão, o lado para o qual a pombinha está virada indica o lugar de onde sairá o próximo festeiro. O mastro é um tronco de madeira polido, em que se pintam, alternadamente, as cores vermelha e branca. É o sinal indicativo da Festa e, portanto, tem a função de anunciar que nesta cidade acontecerão os festejos em homenagem ao Divino Espírito Santo. Ao final da missa do Domingo, os fiéis já recebem o programa religioso da Festa, onde constam as datas e horários de cada noite da novena, e do dia da Festa.

Em seguida, as bandeiras retornam à casa do festeiro e, num momento de confraternização, os fiéis presentes se servem de um lanche.

2.5 O Bingão do Divino

Durante o ano que antecede a Festa, os festeiros costumam realizar pequenos bingos nos bairros, além de jantares e almoços beneficentes. Também são comuns a confecção e venda de adesivos, de lembranças, como pequenas pombas em madeira, cartazes e camisetas alusivas à Festa. Mas nada agrega tanto quanto o Bingão do Divino.

Durante a vivência dos dias da festa, todos se juntavam nas ruas, moradores da cidade e roceiros, seja por ocasião das procissões, dos leilões, das danças ou dos jogos. Os leilões eram das principais ocasiões de diversão das pessoas (Souza, 2008, p. 158). Hoje o bingão do Divino parece ter tirado o lugar dos grandes leilões de gado ou de prendas que aconteciam na frente da Igreja Matriz. Apesar de acontecer antes da Festa, não deixa de estar dentro dela e de representar uma ocasião de grande envolvimento de todos os paratienses, que vêm para ocupar o seu lugar na praça e tentar a sorte com os bons prêmios que são oferecidos:

“(...) porque acho que o povo de Paraty é fascinado por bingo, você chega na praça e tem assim, três mil pessoas na praça jogando bingo, disputando uma geladeira, uma televisão. (...) começa, todo mundo sentado no chão com milho, com arroz, com lápis fazendo marcação”.

No Bingão do Divino do ano de 2009⁵⁶, ainda era possível comprar as cartelas à venda na Praça da Matriz, que já estava tomada de pessoas. Todos vão se acomodando, alguns jogam em pé, outros sentados, e distribuem-se na praça, na quadra de basquete, em frente ao palco. Casais, mães com seus filhos deitados no chão sob uma manta, jovens e velhos sentados lado a lado. Um palco, montado em cima de uma carreta, exibia os prêmios⁵⁷: a geladeira, o sofá, a bicicleta. Todos de olho na urna do bingo, que se encontrava em cima da mesa e naqueles que iam conduzir o jogo: Élcio Gonçalves e Marly Cardoso, diretores da Escola Estadual CEMBRA, Centro Educacional Moura Brasil. Marly ia animando o jogo:

“__ Vocês querem a boa? Mas eu já falei que a única coisa boa aqui em cima sou eu!”

E as pessoas reagem com alegria e se animam com o jogo. Há algumas histórias relacionadas ao Bingão do Divino, como a que é contada pela própria Marly Cardoso, que resolveu organizar um bingão rural, quando foi festeira:

*“(...) eu queria ser festeira para agradecer todos esses bens recebidos, esses filhos todos, essas atividades todas, então eu tinha vontade de agradecer com meu trabalho. Eu mandei uma carta e eu fui escolhida para ser festeira. (...) Aconteceu a coisa mais engraçada na minha festa, que sempre tem um bingão (...) Aí eu vou fazer o bingão rural. Fui atrás de uma vaca, um bode e não sei quantas galinhas para o bingão. Você está com a sua cartela, cartela cheia, naquela primeira rodada, se ganhasse, ganhava uma vaca. Aí formei lá na praça como se fosse uma fazenda (...) Olha minha filha, você via o cara empurrando a vaca no asfalto para chegar a algum lugar, era um com um porco carregando pelas pernas, quando terminou o bingo. Porque eu não quero nem saber, se ganhou, você leva, aí tinha um com um cabo de vassoura para levar as galinhas amarradas assim nas pernas, ganhou, problema seu. E esse bingo rural foi diferente também, mas foi muito legal”.*⁵⁸

Pela previsibilidade e frequência com que acontecem, as festas religiosas e todos os eventos profanos⁵⁹ relacionados passam a fazer parte da vida cotidiana da cidade, sendo ao mesmo tempo momentos de interrupção do ritmo diário da vida e de intensificação da vida religiosa e social (Souza, 2008, p. 159).

⁵⁶ As cartelas eram vendidas a R\$ 10,00, nas mesas que a comissão da Festa espalhou pela praça. Também era possível comprar doces e salgados a R\$ 2,00, cuja venda rendeu R\$ 2400,00. Venderam-se mais de 3000 cartelas, arrecadou-se, com isso, mais de R\$ 30.000,00.

⁵⁷ Os vencedores dos primeiros prêmios eram de Paraty, mas a vencedora do maior prêmio, de R\$ 7000,00, era de São Paulo. Os prêmios foram doados por empresários da cidade: a geladeira, no entanto, foi comprada com a ajuda em dinheiro da comissão da Festa.

⁵⁸ Entrevista realizada em 24/03/09 com Marly Cardoso de Barros, festeira no ano de 2000.

⁵⁹ As manifestações profanas são compreendidas aqui como lúdicas, próprias do lazer e do divertimento, por oposição às manifestações religiosas.

As festas religiosas ainda são o acontecimento principal de lazer dos moradores de Paraty. Todas são organizadas ao longo do ano, gerando um conjunto de atividades como bingos, leilões, chás, jantares, que reúnem os moradores em torno de atividades realizadas no tempo dedicado ao ócio. As pessoas também circulam entre as comissões de Festas. O que não surpreende, pois é comum ver pessoas que ajudam anualmente na Festa do Divino, auxiliando e participando das outras festas.

2.6 A Folia do Divino



Folia do Divino em procissão. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

“A crença geral é de que, por onde vai a Folia, o toque de sua caixa espanta doenças e pestes e traz fartas colheitas” (Maia, 1974, p. 57).



Rabeca: antigo instrumento utilizado na Folia do Divino. Paraty, 26 de março de 2009. Foto: Alexandre F. Martins.

A Folia do Divino⁶⁰ é um grupo tradicional de músicos em Paraty, na maioria das vezes composta por um mestre ou patrão da folia e um contramestre – ambos tocadores de viola, um tocador de pandeiro e um tocador de caixa, além de uma pessoa que carrega a bandeira da Folia. Nos Açores ainda existem grupos de folia do Divino; assim como em Paraty, os foliões são encarregados de anunciar e orientar todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo (Mello, 2003, p. 35).

A partir da sua instituição, o festeiro tem que, passados cerca de dez dias, descer o mastro, que é a primeira função dele. Nessa ocasião, prepara alguma comida e bebida para servir aos foliões e aos presentes. Antigamente, por volta do mês de julho, o festeiro contratava a folia, ou os dois grupos de foliões para que um percorresse a parte de terra, que é chamada de serra, e o outro percorresse as praias, na zona litorânea. E, conforme conta Diuner Mello, as bandeiras iam de comunidade em comunidade, de casa em casa, a esmolar, para conseguir dinheiro, ou a promessa de donativos, como porcos, galinha, farinha, por ocasião da Festa. Percorriam a costa de Paraty até um pouco antes do domingo de Páscoa, quando teriam que estar na cidade para a levantação do mastro.⁶¹

Há muitos testemunhos de moradores em Paraty que se lembram da folias nas roças, até por volta da década de 1970, que percorriam o interior angariando donativos para a Festa e anunciando bons agouros:

*“Ah, que coisa mais linda, presenciei, e até hoje me emociona, porque era muito interessante, que era o sinal da festa. Mamãe dizia assim, quando a gente escutava aquele barulho, ‘bom, bororom, bom, bom’, quando a gente via apontar lá embaixo no caminho, era a bandeira. Aí mamãe dizia, olha a bandeira hoje vai pousar aqui em casa”.*⁶²

Toda a casa que recebia a Folia sentia-se honrada pela visita, e preparava sempre alguma comida e, por vezes, pouso para os foliões. A Folia, ao ir chegando à casa de um devoto, se detinha a certa distância e anunciava ao longe sua chegada, através de versos de saudação:

⁶⁰ Assim Câmara Cascudo define a Folia do Divino: “Era no Portugal velho uma dança rápida ao som de pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos (...) É um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo do Divino Espírito Santo, festejando-lhe a véspera e participando do dia votivo. (...) Não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira ou paulista. No Brasil, a folia é bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (Folia do Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis Magos (Folia de Reis)” (Cascudo, 1962, p. 321).

⁶¹ Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva.

⁶² Entrevista realizada em 19/04/09, com Benedita Vieira de Oliveira, a Filhinha.

*“Deus lhe dê muito boa tarde,
Este devoto morador,
Que veio lhe visitar
Este Divino Senhor”.*

Convidada a entrar, à porta o morador recebia a bandeira e com ela entrava em casa, entregando-a a sua esposa, que a segurava durante os cantos e orações. Neste momento, o patrão da folia retirava de seu pescoço uma medalha do Divino, um resplendor, e a colocava no pescoço da dona da casa. Os foliões cantavam, saudando os moradores e pedindo esmolas e doações, cantando quadras de versos, tanto quanto era o tamanho da esmola oferecida (Mello, 2003, p. 36 e Maia, 1974, p. 53):

*“A bandeira do Divino
É entregue em vossas mãos,
Queira dar uma esmola,
Pra ganhar a salvação”.*

Agradeciam o bem recebido e a generosidade, e rogavam ao Divino Espírito Santo bênçãos celestiais para aquela família. À saída da folia, o morador conduzia a bandeira até a porteira da casa e a devolvia aos foliões, que se dirigiam a outra casa, quando então se repetia o mesmo ritual. Se a folia chegasse à hora das refeições, comia com a família. Se, porém, a chegada da folia acontecia ao anoitecer, após o ritual da chegada, dos cantos, orações e do jantar, pedia-se pernoite:

*“O Divino Espírito Santo
É o Senhor da Salvação
Ele pede um agasalho
Pra Ele e seu folião”⁶³*

Depois do jantar, não raro acontecia um baile com as danças típicas de Paraty, as cirandas. Nessa ocasião, em respeito ao Divino Espírito Santo, cobria-se a pombinha do mastro com o próprio pano da bandeira (Mello, 2003, p. 36).

“Dos objetos de devoção, sem dúvida a bandeira é o maior símbolo, ela representa o próprio Divino Espírito Santo ali. As pessoas acolhem na sua casa a bandeira do Divino e sentem uma alegria muito grande. A gente já testemunhou pessoas enfermas durante meses, sem se

⁶³ Versos cantados pela Folia do Divino. (Mello, 2003, p. 37) O atual mestre da Folia do Divino de Paraty é Benedito Ricardo de Jesus, o Seu Ditinho cirandeiro ou Ditinho canoeiro.

*levantar, sem ânimo, e quando a bandeira chega, a pessoa se coloca de pé e causa uma admiração em toda a família”.*⁶⁴

Apesar de hoje em dia a Folia do Divino não mais percorrer a zona rural durante meses antes da Festa, a bandeira permanece como símbolo fortemente significativo para os devotos. Nela penduram-se os mais variados objetos como fotografia, pedidos escritos, fitas, velas, peças de vestuário, como símbolos de graças alcançadas: *“De devoção e muita devoção, aquilo era como se fosse Deus para o povo”.*⁶⁵ *“(…) e era muito esperada, todo mundo já ficava, quando chegava a época da festa, uns três meses, seis meses, o pessoal já ficava esperando a bandeira”.*⁶⁶ A bandeira vermelha levada pela Folia, chamada Bandeira da Promessa, tem à ponta do mastro, sobre a esfera de madeira que representa o universo, uma pomba branca trabalhada em madeira, em repouso; portanto, diferente das outras pombas que encimam o mastro das bandeiras dos fiéis em procissão durante a Festa, que está em atitude de vôo (Maia, 1974, p. 51).

A Folia do Divino continua acompanhando as procissões dos dez dias de Festa e participando do bando precatório, ocasião em que percorre as ruas da cidade angariando fundos e propagando a fé no Divino Espírito Santo:

*“O Divino Espírito Santo
Abençoe a nossa gente,
O Divino Espírito Santo
Abençoe a nossa gente
Êêê”*

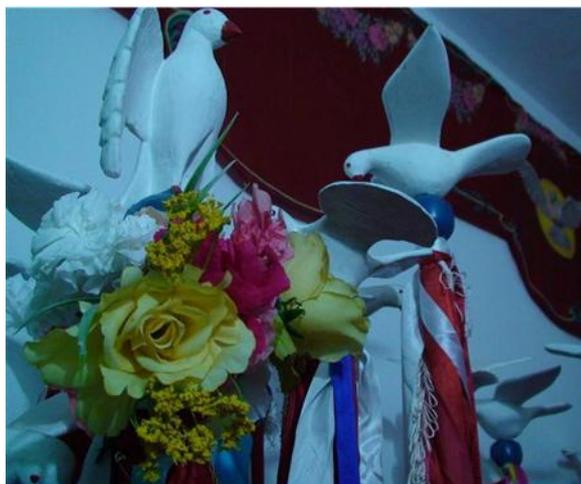
*“Atrás de melhores dias
a bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias
a bandeira segue em frente
Êêê”*⁶⁷

⁶⁴ Entrevista realizada em 28/05/09, com Padre Roberto Carlos Pereira, pároco da Igreja de Paraty.

⁶⁵ Entrevista realizada em 10/07/09, com Gerson Vieira, tocador de pandeiro e contramestre na Folia do Divino.

⁶⁶ Entrevista realizada em 09/07/09, com Maria da Conceição de Souza Cândido.

⁶⁷ Versos cantados pela Folia do Divino, durante a Festa do Divino em 2009.



Pomba em repouso, que encima a bandeira da promessa. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

Os versos cantados pelas folias eram quase sempre improvisados e variavam de grupo para grupo. Diuner Mello acredita que a folia é uma reminiscência dos grupos de trovadores medievais que, de um lugar a outro, levavam informações, cantavam os “causos”, as aventuras de alguns personagens importantes e anunciavam os acontecimentos. Segundo ele, este era também o papel da Folia do Divino: anunciar a data da Festa, convidar o povo para dela participar e também esmolar. Assim como os menestréis medievais, os foliões se hospedavam e se alimentavam nas casas que visitavam. Dizia-se que, em Paraty, quem cantava a Folia, vivia deste ofício e não tinha outro trabalho para sobreviver (Mello, 2003, p. 37).

Seriam tantos os grupos de folia na cidade de Paraty que a Câmara Municipal chegou a legislar sobre elas.⁶⁸ Diuner Mello atribui a extinção das folias à construção de estradas vicinais e intermunicipais, que aproximaram os povoados da cidade, facilitando os meios de transporte. É importante assinalar que o município e a economia paratiense passaram por uma grande transformação com a abertura da BR-101 na década de 1970. Essa estrada impulsionou a exploração turística, modificando, assim, o espaço urbano da região. Acrescente-se a isso as mudanças ocorridas no mundo rural e, em especial, a proletarianização do agricultor, o que ocasionou quase sempre, sua vinda para os grandes centros urbanos.⁶⁹ Outro motivo teria sido que, não raras vezes, as despesas com a manutenção dos foliões eram bem maiores que o valor arrecadado, já que se tinha

⁶⁸ Vide citação à p. 6.

⁶⁹ Paraty tinha, em 1950, uma população de 9.360 habitantes, dos quais 7.504 viviam no campo. Em 2000, a população paratiense pulou para 29.544, dos quais 14.066 viviam na cidade e 15.478 vivem no campo (IBGE, citado por Moure, 2003)

gastos com aluguel de cavalos e canoas, gêneros alimentícios e agasalhos, couro e corda para os instrumentos e o pagamento dos foliões (2003, p. 39).

A Folia do Divino, que durante um período deixou de animar as festas, foi reativada há cerca de trinta anos, e hoje participa das Festas do Divino e da Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário na cidade. Não percorre mais as roças, mas está presente durante todas as procissões e cortejos, anunciando cada momento da Celebração. É um bem cultural associado à Festa do Divino de extrema importância, que precisa de ações de incentivo e de salvaguarda. Como os costumes se reinventam, as bandeiras do Divino são levadas hoje em dia a todas as comunidades da zona rural pelos membros da comissão, no mês que antecede a Festa, sendo recebidas através de uma solenidade religiosa. A bandeira visita as casas dos fiéis, que têm oportunidade de fazer doações e de escrever seus pedidos ao Divino, os quais são oferecidos, durante as celebrações da novena da Festa. O costume de se deixar a bandeira a cada noite em uma residência da zona urbana, durante a novena, é do mesmo modo uma forma renovada da “visita do Divino” às moradias, como faziam as antigas folias.

2.7 A casa do festeiro

*“Vamo, vamo minha gente, ai
Vamo levá a bandeira,
Vamo, vamo minha gente, ai
Vamo levá a bandeira, ara”
Êêê”*

*“Ela ficará guardada
Lá na casa do festeiro, ai
Ela ficará guardada
Lá na casa do festeiro, ara
Êêê”*

Antigamente, até pelo menos a metade do século passado, o festeiro não era escolhido como o é hoje, quando os interessados escrevem uma carta de intenções endereçada ao pároco, que escolhe um dos candidatos. Naquele tempo, como lembra Diuner Mello, havia um sorteio, em que o nome dos que queriam ser festeiros eram colocados na salva de prata da coroa. Então o imperador tirava um nome, que seria o próximo festeiro.

“(...) por se tratar de uma festa popular, quem passa, a gente chama de passar a coroa para o novo festeiro é a folia, ou seja, é o povo, é o cantador do povo que passa a bandeira, que faz a entrega do império. (...) E na verdade essa transmissão de poder é feita pelo povo, não é feita

*pela igreja. E nos Açores isso também acontece, que é a mudança, é a coroa que sai da casa de um imperador e é levada para a casa de outro, e quem entrega as insígnias são os foliões”.*⁷⁰

Diuner se refere aqui ao momento da instituição do festeiro novo, que se dá no último dia da Festa, ao final da celebração vespertina do domingo. O novo festeiro, seus familiares e auxiliares recebem o cortejo à porta de casa, quando espocam foguetes e fogos de artifício. Na casa do novo festeiro, já esta montada uma mesa sobre a qual estão candelabros acesos. Postos, um em frente ao outro, diante da mesa, os foliões ordenam a entrega das insígnias do velho para o novo festeiro, numa celebração comovente:

⁷⁰ Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva. Segundo ele, na Ilha Terceira, nos Açores, existe uma celebração muito parecida com esta a que chamam de “descoroação”, que também se realiza na casa do festeiro, após a missa do domingo de Pentecostes (2003, p. 23).

*“Meu senhor festeiro novo,
Boa noite quero lhe dar
É aqui na sua casa
Que o Divino vai ficar”*

*“Já entregou a bandeira
Desta festa muito boa
Faça pro festeiro novo
A entrega da coroa”*

*“Bate o sino nas igrejas,
nas alturas canta o galo,
Passa pro novo festeiro
Os capacetes dos vassalos”*

*“Essa festa do Divino
É feita com muito amor,
Entrega pro novo festeiro
A capa do imperador”*

*“O nosso festeiro novo,
O senhor está de parabéns,
Com o Divino em sua casa
Até o ano que vem”*

*“Os dois festeiros são amigos
E também bons companheiros,
Peço uma salva de palmas
Pra saldar os dois festeiros⁷¹”*

*“Nosso atual festeiro
Com amor no coração,
Passa pro festeiro novo
A bandeira e o fitão”*

*“No jardim da sua casa,
tem muitas folhas de malva,
Passa pro novo festeiro
O cetro e a salva”*

*“Já entregou todas as peças,
Mas foi bom ter lembrado
Passa pro novo festeiro
A entrega desse quadro”*

*“Nosso velho festeiro,
Bom amor no coração,
Pois já fez a sua festa
Que é de sua obrigação”*

⁷¹ Versos cantados pela Folia do Divino em Paraty (Mello, 2003, p. 20-2).

A casa do festeiro, juntamente com a igreja e a praça, são os espaços fundamentais da Festa do Divino de Paraty. Da casa do festeiro partem todas as ações da Festa, em especial a distribuição de comida aos pobres e a todos os fiéis, o bando precatório, a distribuição de doces pelo imperador e a saída das bandeiras nas procissões durante os dez dias da Festa.



Casa do festeiro. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

Este ano a casa do festeiro fica no Parque da Mangueira, na periferia da cidade. Como mencionou dona Rita, que também mora no bairro, trata-se de um lugar em que muitos não gostam de ir, por associar à violência da periferia. Se por um lado os moradores sentem-se discriminados, por outro, ter uma festeira no bairro valoriza-os, ao se sentirem “honrados e orgulhosos”. Nesse sentido, o lugar de onde provém os festeiros Carlinhos e Conceição representa maior simplicidade e proximidade com os devotos. A Folia do Divino registrou a visita que o Divino fez este ano ao Parque da Mangueira:

*“Os devotos do Divino
Carregando a bandeira
Os devotos do Divino
Carregando a bandeira
Êêê”*

*“Vai fazer sua visita
Aqui no Parque da Mangueira
Vai fazer sua visita
Aqui no Parque da Mangueira
Êêê”*



Império do Divino montado na sala da casa do festeiro. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

A casa do festeiro é o ponto de referência daqueles que participam, pois aí está o Império do Divino, ou seja, o lugar onde ficam expostas as insígnias imperiais e as bandeiras. O trono, instalado na sala principal da casa, ladeado pelas bandeiras, junto às paredes, consta de uma sanefa de madeira pintada, da qual pendem de cada lado, duas cortinas: a primeira, branca, em palha de seda, e a segunda, sobre a primeira, em veludo vinho e franjas douradas. A parede, que serve de fundo à sanefa, deverá estar coberta, também com tecido vermelho. Sobre este tecido de fundo coloca-se um estandarte vermelho, um cujo centro está pintada a cidade de Paraty e sobre ela o Divino Espírito Santo. Dentro desse dossel se coloca uma mesa de tamanho médio e sobre ela, no centro, uma caixa com cerca de trinta centímetros de altura. Esta caixa e a mesa são cobertas com tecido vermelho e, sobre este, toalha rendada. Sobre a caixa é colocada a salva, sobre esta a coroa e o cetro, este, atravessando a coroa em diagonal. Ao lado das insígnias, sobre a mesa, são colocados, um de cada lado, os candelabros de três braços. À frente das insígnias um pequeno arranjo de flores naturais. Como o povo costuma beijar a coroa do imperador, costuma-se prender uma fita de cetim vermelho, no pé da salva, deixando-a cair por sobre as flores, até o meio da altura da mesa. A frente do trono está coberta por um tapete, o que lhe dá maior dignidade e luxo (Mello, 2003, p. 91).

Esta descrição do Trono do Divino⁷², que nos faz Diuner Mello, coincide, segundo ele, com o império que se arma na Ilha Terceira, nos Açores:

“No império, na sala onde está armado o trono do Senhor Espírito Santo, avulta a coroa lá no alto por entre flores e círios acesos. Cá embaixo, no sobrado, encostado a um canto, está a bandeira pendente da haste. Nas janelas cortinados, junto ao altar um tapete e vasos de flores” (Dias apud Mello 2003, p. 91).

É desta forma que a casa do festeiro torna-se o Império do Divino:

*“Porque é assim, quando você é festeiro e recebe a bandeira do Divino, você traz essa bandeira para a casa, e eles dizem que aqui o Divino faz a morada. (...) eu cultuava isso, então eu fiz um altar na varanda e todo mundo que tinha problemas, que era da zona rural, que chegasse na cidade e quisesse vir aqui no altar do Divino, para poder beijar a bandeira, ajoelhar, fazer um pedido, eu deixava a casa aberta para essas pessoas, ficou como se realmente o Divino estivesse fazendo essa morada durante todo esse tempo”.*⁷³



Insígnias imperiais: coroa, cetro e salva, peças em prata do século XVIII. Paraty, 26 de março de 2009. Foto: Alexandre F. Martins.

As insígnias imperiais, isto é, a coroa, a salva, o cetro e o par de serpentinas ou castiçal de saia, ficam guardados no Museu de Arte Sacra durante o ano inteiro, sendo levadas para a casa do festeiro no primeiro dia da novena. Ficam então expostas no Trono

⁷² Anteriormente, existiu um império, uma espécie de capela semelhante a que ainda existe na Ilha Terceira dos Açores, onde eram exibidas essas peças em prata; situado próximo à Igreja Matriz, era de onde o imperador assistia as danças e as cavalhadas. Depois que demoliram o império na praça, e como não havia Irmandade do Divino Espírito Santo, as peças foram abrigadas na casa do festeiro. Por medida de segurança, em meados da década de 50 do século XX, o IPHAN interveio para que as peças fossem transferidas para o interior da Igreja Matriz, passando a integrar seu acervo, junto com toda a parte de prataria e ourivesaria. Posteriormente, com a criação do Museu de Arte Sacra na Igreja de Santa Rita, as insígnias do Divino ficaram protegidas numa caixa-forte vitrine, onde estão até os dias atuais (Entrevista realizada em 25/03/09, com Júlio César Neto Dantas).

⁷³ Entrevista realizada em 24/03/09, com Marly Cardoso de Barros.

do Divino como objetos de devoção, como nos explica Júlio César Dantas, diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty:

“(...) você não vê só o valor histórico ou o valor do metal, você vê o valor simbólico daquilo e o valor da religião, o povo tem fé, o povo reza defronte aquilo, e beija, então são peças de uma força muito grande e ficam dez dias na casa do festeiro, e todo mundo visita aquele altar antes de sair com as bandeiras, de sair para a ladainha, para a novena, e também depois que volta, isso é feito com frequência (...)”⁷⁴

Embora hoje essas peças sejam acervo do Museu de Arte Sacra de Paraty, são objetos sacros vivos, inseridos dentro do contexto da comunidade, pois participam anualmente das cerimônias, há mais de trezentos anos.

2.8 Abertura da Festa: a Igreja

“Olha, você andar com a bandeira do Divino, a bandeira do festeiro é muito gratificante. Acho que paga todo o sacrifício que você faz para ser festeiro. Você se sente importante”⁷⁵

⁷⁴ Entrevista realizada em 25/03/09, com Júlio César Neto Dantas.

⁷⁵ Entrevista realizada em 20/03/09, com Norival Rubens de Oliveira.

Logo pela manhã a cidade é acordada com a Alvorada Festiva⁷⁶. A Banda Santa Cecília⁷⁷ percorre as ruas do Centro Histórico, tocando músicas que o mestre Potinho compôs em homenagem a Manoel Torres, conhecido festeiro na cidade. Tocam por cerca de uma hora. Algumas pessoas saem às portas ou abrem as janelas de suas casas para ver a banda passar. Os fogos falharam, mas os sinos das igrejas tocaram. Um pouco antes das sete da manhã, a banda chega à cantina para tomar o café. São recepcionados por uma salva de palmas, pelas mulheres que prepararam o café.



Casa enfeitada durante a novena da Festa do Divino .
Paraty, 28 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

À noite, na casa dos festeiros Conceição e Carlinhos, o altar já se encontrava montado, com a coroa, o cetro e os castiçais, objetos de devoção. Há alguns devotos que cumprem a promessa de levar a bandeira da Festa em procissão por nove dias. Os festeiros estavam com uma faixa sobre o peito, o fitão, e com bandeiras encimadas por uma pomba de prata, diferentes das demais. Todos se preparam para assistir a primeira ladainha na igreja. É a abertura da Festa:

*“A bandeira do festeiro, ai
Ela é, é a maior, ai
A bandeira do festeiro, ai
ela é sempre a maior, ara
êêê”*

*“As outras são as pequenas,
Mas o Santo é um só, ara
As outras são as pequenas,
Mas o Santo é um só, ara
êêê*

⁷⁶ O registro etnográfico dessa etapa da Festa aconteceu em 22 de maio de 2009.

⁷⁷ É a Prefeitura que paga a banda de música, que cobrou R\$ 4.500.

*“Vamos, vamos minha gente,
assistir a ladainha
Vamos, vamos minha gente,
assistir a ladainha
Êêê”*

*“Vamo indo na igreja
Assistir nossa madrinha
Vamo vê Nossa Senhora
Nossa Mãe, nossa madrinha, ara
Êêê”*



Festeiros em procissão no 1º dia da Novena.
Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: Livia Lima

Assim, parte a procissão da casa do festeiro à igreja: a comissão da Festa segue à frente, organizada em duas filas, um casal carrega o resplendor. A comissão tem um lugar diferenciado na procissão e no altar da igreja: é o reconhecimento pelos meses de trabalho. O Padre menciona o esforço e o sacrifício que empreenderam na preparação da Festa. Depois seguem os festeiros e as bandeiras. Durante a novena, as bandeiras que foram distribuídas a todas as comunidades rurais e urbanas da cidade, juntamente com a caixa de donativos e a sacola das preces, retornam à Igreja Matriz, aumentando o cortejo de bandeiras que vai assistir a ladainha. A procissão pára em frente à casa de um devoto para apanhar a bandeira da promessa. E seguem para a igreja. Nessa celebração que emociona a muitos, o resplendor é entronizado no altar. Ao final as crianças da comunidade homenageiam Nossa Senhora.

Conforme Padre Roberto Carlos Pereira, a novena, que é o conjunto de nove dias de celebrações, é uma tradição da Igreja em preparação para o grande dia da

Festa. É o sacerdote que nos explica o significado da Festa do Divino e sua centralidade no calendário litúrgico da Igreja:

*“A Festa do Divino é conhecida oficialmente pela Igreja como a Festa de Pentecostes, que celebra a descida do Divino Espírito Santo sobre os apóstolos e Nossa Senhora reunidos no cenáculo, quando eles então estavam com medo da perseguição dos judeus. (...) Nós consideramos que a Festa de Pentecostes coroa a Páscoa, ela fecha esse ciclo pascal (...); os discípulos perdem o medo, os discípulos se enchem dos dons do Espírito Santo, sabedoria, ciência, temor de Deus, entendimento, e saem pelo mundo testemunhando a sua fé em Jesus Cristo. Então ali nasce a Igreja Católica”.*⁷⁸

Após a missa, os devotos saem da igreja com suas bandeiras em procissão, e seguem novamente para a casa do festeiro, onde ficarão guardadas até o dia seguinte, segundo dia da novena. Agora segue o casal de festeiros à frente, o povo com as bandeiras, logo atrás a Bandeira da Promessa e a Folia, a banda de música, e o restante do povo. Os versos cantados da Folia e os dobrados da banda se alternam no trajeto, enquanto espocam os foguetes. Antes de chegar ao Parque da Mangueira, a procissão passa pela casa de um devoto e a festeira entrega uma bandeira ao dono da casa. A bandeira ficará aí até amanhã, quando a procissão passa novamente pela casa do devoto, para que esta venha se juntar às outras.

2.9 Programação profana: a Praça

Durante os dez dias de Festa, após as celebrações da novena, acontecem eventos populares na Praça da Matriz, que em relação à programação religiosa, é conhecida como programação profana ou popular. Competições esportivas, gincanas, concursos, apresentação de shows musicais, danças, cirandas⁷⁹ e outras atrações participativas, que envolvem os moradores de Paraty. Os espaços laterais da igreja, onde se encontram um estacionamento e uma quadra de basquete, tornam-se o centro da movimentação que agita toda a cidade. A prefeitura de Paraty, que atualmente está à frente dessa

⁷⁸ Entrevista realizada em 28/05/09, com Padre Roberto Carlos Pereira, pároco da Igreja de Paraty.

⁷⁹ O que atualmente se conhece como ciranda em Paraty era antigamente chamado de chiba, que era o baile da roça. Estes bailes duravam a noite toda e as pessoas executavam diversos tipos de danças, como a cana verde, canoa, filipe, arara. Hoje nos bailes das comunidades rurais se houve principalmente o forró, mas a ciranda ainda é bastante popular em Paraty. Em 2005, surge o grupo Ciranda Elétrica, que propõe um olhar contemporâneo sobre o som da ciranda “(re) paginando a tradição caiçara e reencantando costumes que vinham adormecendo”. Após uma série de experimentações, acrescentou-se à tradicional música caiçara elementos do rock’n roll, como guitarra e baixo, gerando uma ciranda modernizada. Fonte: “Movimento caiçara de cultura revivendo tradições”, disponível em: <<http://www.cirandaeletrica.blogspot.com>>

programação, monta um palco no estacionamento, que divide espaço com uma imensa feira de barrquinhas, as quais oferecem quinquilharias e utensílios domésticos diversos, bem como comidas e bebidas. A praça torna-se um grande mercado por onde passam, nesses dias, quase todos os habitantes do município (Souza, 2008, p. 206).



Show de calouros da Festa do Divino. Paraty, 29 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

Conforme recorda Diuner Mello, os divertimentos populares sempre fizeram parte da Festa. Os moradores mais antigos, como Seu Zuzu, lembram-se das competições de cavalhada. Na década de 1960, começaram a surgir outras brincadeiras participativas, como o torneio de futebol de salão, com times formados por excêntricos jogadores, como “velhos contra jovens, pingüços contra sóbrios”, disputas como a corrida de saco, ovo na colher, furar bola, o gato no pote, uma série de brincadeiras que eram feitas ao longo das nove noites. A noite do domingo, após a missa, era reservada para o leilão de prendas, um momento de muita animação, pois as prendas eram doadas pelo próprio povo, que iam lá disputar os animais e alimentos trazidos pela zona rural. Tudo de forma cômica e muito participativa.

Há 30 anos, surgiu o show de calouros, que é muito divertido e esperado por todos. A brincadeira é coordenada por Marly Cardoso, que chama os anônimos ao palco para se apresentarem, normalmente com um número de dança ou de música, para depois serem apreciados pelos jurados. O público comparece em peso, “é exatamente o espírito

*da Festa, vem da Ilha das Cobras, vem da roça, vem de tudo quanto é lugar, escolhe um para torcer, para ganhar, é a maior disputa”.*⁸⁰

E recentemente surgiu, há 20 anos, a Mega Gincana do Divino, que acontece no primeiro final de semana da Festa. A Mega Gincana é uma competição entre grupos formados por cerca de 200 pessoas, identificados por nomes específicos e, durante 24 horas ininterruptas, os grupos permanecem fazendo uma série de atividades. A equipe organizadora⁸¹ propõe disputas culturais e esportivas, através de interessantes perguntas e enigmas, marcadas pelo tempo. Uma das tarefas é arrecadar mantimentos e roupas para o asilo dos velhos, quando cada equipe tenta juntar a maior quantidade possível de bens. *“Então você tem de novo, o espírito da festa, dessa união comunitária, dessa distribuição dos bens”.*⁸²



Imitação de Carmem Miranda: prova da Mega Gincana do Divino. Paraty, 24 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

Dos jovens que participam demanda-se um grande esforço coletivo e os resultados são produções impressionantes pela criatividade. A primeira prova da gincana foi a apresentação cultural das cinco equipes participantes, que tinham de apresentar sua mascote, em meio à encenação de uma festa religiosa de Paraty. Era recomendado que entregassem aos jurados um histórico sobre a festa e o santo relacionado. Em todas as apresentações, os grupos preocuparam-se em encenar as procissões das festas, que são parte de seu imaginário social, pois vêm de uma familiarização antiga, que perpassa gerações e, desse modo, é possível dizer que se trata de um saber incorporado.

⁸⁰ Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva.

⁸¹ A Mega Gincana do Divino é organizada pela Secretaria de Esportes e Lazer da prefeitura de Paraty.

⁸² Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva.

2.10 O sábado da Festa

O sábado e o Domingo de Pentecostes concentram as maiores atividades da Festa do Divino⁸³. Começa às sete horas da manhã na casa do festeiro, com a distribuição⁸⁴ de carne aos pobres. Os festeiros distribuíram uma senha àqueles que necessitam ou que vieram lhes procurar. Antigamente, a distribuição de carne era feita num carro de boi, outras vezes foi numa carrocinha toda enfeitada.

Na Festa de Conceição e Carlinhos, a distribuição da carne foi feita na porta de casa. O Padre abençoa a carne com água benta, enquanto algumas pessoas já esperam em fila do lado de fora da casa. Da porta, Carlinhos recolhia a senha e distribuía a carne. É realmente bonito o que se torna a casa do festeiro.

A partir das nove horas, saem as bandeiras da casa do festeiro, acompanhadas pela banda de música, pela Folia e pelo povo, que percorrem as ruas da cidade e os bairros mais próximos, rua por rua, casa por casa, pedindo esmolas. É o Bando Precatório. Alguns devotos levam bolsas vermelhas e bandeiras abertas e entram em casas comerciais e residenciais, em que os fiéis fazem questão de doar. Por três horas, as pessoas carregam as bandeiras, ao toque da Folia do Divino:

⁸³ O registro etnográfico dessa etapa da Festa aconteceu nos dias 30 e 31 de maio de 2009.

⁸⁴ Foram distribuídos cerca de 200 kg de carne, tipo lagarto.

*“A bandeira do Divino
Nesta rua vai passando
A bandeira do Divino
Nesta rua vai passando, ara
Êêê”*

*“Arrecadando os donativos
E os devotos abençoando
Arrecadando os donativos
E os devotos abençoando
Êêê”*

*“As bandeira do Divino
Todas elas são bonitas
As bandeira do Divino
Todas elas são bonitas
Êêê”*

*“A bandeira da promessa
Tem mais flor e tem mais fita
A bandeira da promessa
Tem mais flor e tem mais fita
Êêê”*



Procissão do Bando Precatório. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

Veza ou outra, a bandeira da promessa entra na casa de um devoto que está doente, ou precisa alcançar uma graça. É um momento de muita alegria para todos da casa, que beijam a bandeira e a colocam sobre o doente.

2.11 O almoço do Divino

Na manhã do sábado, diversas ações simultâneas acontecem, pois enquanto o Bando Precatório está esmolando pelas ruas, as cozinheiras do Divino estão terminando de preparar o almoço que será servido na cantina da casa paroquial.

Hoje o trabalho na cozinha começou por volta das seis da manhã. As cozinheiras trabalham vestidas com seu avental vermelho, estampado com uma pomba, distribuído por dona Filhinha que, juntamente com dona Lindalva, coordenam a cozinha. Faltava

apenas cozinhar o macarrão e fazer o molho, enquanto os homens foram buscar o arroz, já cozido, doado pelo restaurante.

É a coroação de uma semana inteira de trabalho. O trabalho das cozinheiras começa muito antes, quando vão pedir e receber doações de alimentos para o almoço. Elas também precisam calcular a quantidade necessária para servir cerca de quatro mil pessoas, “ainda que na hora a comida pareça multiplicar”.



Dona Lindalva preparando a carne ensopada do almoço do Divino. Paraty, 28 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

O que se serve no almoço, normalmente, é uma macarronada bem temperada, carne assada com batatas, frango assado ou cozido, arroz e a mais tradicional de todas, que é a farofa de feijão. *“A farofa de feijão é a mãe do feijão tropeiro, é a comida levada serra acima pelos tropeiros, desde o século XVII. Quer dizer, é um feijão com gordura de porco, temperado, e feito farofa, um pouco mais solto, que era colocado em lata e levado serra acima, porque tinha um período de conservação maior (...).”*⁸⁵ Como bebida, se servem refrigerantes; antigamente distribuía-se também vinho, que com o passar do tempo, foi substituído pelo chope, o qual foi recentemente proibido pela Igreja local.

Durante uma semana da novena, as cozinheiras dividem seu trabalho. Algumas descascam o alho e a cebola, outras vão para o fogão, outras cortam e temperam a carne, outras desfiam o frango, e outras ainda preparam a farofa de feijão. Há certa hierarquia na cozinha, conforme relato de uma cozinheira que conta sua trajetória. Ela passou muitos anos entre as mulheres que ajudam no preparo do almoço do Divino, descascando legumes, escolhendo feijão, picando cebola, até ser chamada por uma das

⁸⁵ Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva.

senhoras para “dividir” o fogão. Hoje, ela se sente realmente uma cozinheira do Divino.

Dona Filhinha e Dona Lindalva mexiam com grande satisfação as panelas da carne ensopada com batatas, com longas colheres de pau. É claro o reconhecimento da liderança e da sabedoria que essas cozinheiras representam.

*“Quando a gente cozinha é uma alegria tão grande, aquilo ali parece um orgulho da gente, muito gratificante a gente fazer aquela comida ali, não tenho nem palavras para usar, quando o padre chegava para abençoar”.*⁸⁶

Quando foi se aproximando o meio-dia, a procissão do Bando Precatório já tinha passado pelas ruas do Centro Histórico e pelo cais do porto, e agora retornava para a casa paroquial. Havia uma grande expectativa para a chegada do Padre, que iria abençoar a comida. Dona Filhinha emociona-se. O Padre então faz uma oração pelo almoço comunitário:

“Senhor Deus, nós vos agradecemos por este momento sagrado de refeição onde podemos celebrar a gratuidade, a partilha, a fraternidade... E nós vos pedimos hoje: dai pão a quem tem fome, e fome de justiça a quem tem pão. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Enquanto que à porta da cantina, uma grande mesa é composta com os tabuleiros de comida. À frente de cada tabuleiro fica uma senhora. Os pratos então começam a passar de mão em mão, cada uma acrescentando neles um alimento. Ao final da fila os pratos, já completos, são colocados em bandejas e levados até o balcão onde serão distribuídos e onde lhes acrescenta o garfo. Distribui-se toda a comida até acabar, o que dura cerca de três horas seguidas. Lá fora, as pessoas comem em pé, ou sentadas no chão, e também levam comida para alguns que não puderam buscar:

*“(...) eu não faço comida em casa no sábado do Divino. A comida do Divino é a comida que trás alegria e fé, quanto mais tempo você fica na fila, mais aumenta sua fé. Por isso que eu faço questão de ficar na fila, o Divino merece muito mais do que isso, nesse tempo que eu fico na fila, para comer aquela comida maravilhosa, aquela comida milagrosa do Divino, fico o tempo que precisar”.*⁸⁷

⁸⁶ Entrevista realizada em 09/07/09, com Maria da Conceição de Souza Cândido.

⁸⁷ Entrevista realizada em 10/07/09, com Geisa Panaro Ramiro, que já organizou a dança das fitas e da jardineira durante a Festa do Divino.



As cozinheiras distribuem a comida no almoço da Festa do Divino. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

O almoço do Divino parece sintetizar todos os significados e sentidos compreendidos na Festa do Divino. As pessoas vêm motivadas a compartilhar deste grande sistema de solidariedade de que fazem parte: “(...) as pessoas doavam galinha, outras pessoas doavam porco, outras doavam boi, outras doavam saco de feijão, outras doavam saco de farinha. De forma que aquilo contribuía para que o almoço de fato fosse comunitário”.⁸⁸ “Todo mundo espera a hora de doar, e todo mundo vem depois comer desse almoço”.⁸⁹ Portanto, a doação de alimentos, o trabalho na cozinha ou simplesmente o sacrifício de ficar na fila estão embutidos na dádiva, enquanto que, como num ato correspondente, a benção e a graça, na contra-dádiva.

É possível observar, desse modo, a centralidade que tem o almoço na Festa do Divino de Paraty. Ele representa o ápice da eficácia da relação de dar, receber e retribuir. Na escala dos serviços que fazem parte da estrutura da Festa, a cozinha é o serviço ou a ajuda por excelência. Não raro, aqueles envolvidos diretamente com a organização da Celebração, mencionam as cinco ou seis senhoras, que fazem a comida que será distribuída no sábado, como as detentoras de saber e de “autoridade” para falar sobre a Festa.

O almoço do Divino está inscrito num *ethos* de solidariedade orgânica, donde a caridade e a doação dos fiéis são revestidas em abundância e em fartura, tanto de comida, como de graças. Em contrapartida, o festeiro oferece seu sacrifício e generosidade, revestidos em honra e prestígio, através do registro de uma “boa festa”.

⁸⁸ Entrevista realizada em 10/07/09, com Benedito José Melo da Silva, o Dedé.

⁸⁹ Entrevista realizada em 28/05/09, com Padre Roberto Carlos Pereira, pároco da Igreja de Paraty.

Dona Conceição, festeira com seu filho em 1989, conta que o que mais marcou sua Festa foi a fartura da comida que só acabou três dias depois:

*“Aí nós fechamos a rua aqui com uma mesa do tamanho da casa, com 28 metros, fizemos a comida toda que tinha aqui dentro e servimos a mesa para o povo (...) E não teve ninguém que desse conta da comida, disse que a comida acabava três horas da tarde, mas quatro horas da tarde, as panelas estavam cheias. (...) Então o que se pode dizer: que Deus multiplicou a comida, porque nas outras festas se dizia que três horas da tarde não tinha mais um caroço de feijão. E a comida não acabou nem no almoço, nem na janta, nem no domingo, ficou ainda pra segunda-feira”.*⁹⁰

Todo o sacrifício empreendido na Festa é assim retribuído pela fartura. Trata-se de uma grande solidariedade social que irradia da casa do festeiro, mesmo que hoje devido à quantidade de pessoas que vêm almoçar, a comida seja distribuída em escolas ou na casa paroquial:

*“(...) na época o almoço do sábado era na casa dos festeiros, não era em uma rua, não era em uma praça, ou numa escola, como tem acontecido, era na casa realmente. Então eu tive acesso a essa casa, a essa festa, e eu não acreditava de ver aquilo, que uma cidade inteira ia comer na casa de uma pessoa, de uma família, e muita comida, muita bebida, eu me lembro que o meu prato nunca ficava vazio porque sempre passava alguém e botava uma empadinha (...)”*⁹¹

Os sentidos da agregação e da igualdade também estão presentes no imaginário provocado por essa grande confraternização social:

*“(...) é o momento que tem o almoço, quando você vê ali o preto, o branco, o aleijado, o bom, o rico, o pobre, todos comendo no mesmo prato, o mesmo dom, o mesmo poder de Deus, mesma igualdade para todos. Ali ninguém come filé mignon e o outro come o osso, não, ali são todos comendo a mesma comida”.*⁹²

O simbolismo acionado por esses momentos da Festa, como o fato de que no sábado todos são iguais, *“todos comemos a mesma comida, todos comemos no mesmo lugar”*, e da distribuição de carne, pão e vinho no sábado, para que o pobre tenha um domingo de Pentecostes melhor, são apontados como a motivação maior para a

⁹⁰ Entrevista realizada em 14/04/09, com Conceição de Oliveira Moreira.

⁹¹ Entrevista realizada em 09/09/09, com Themilton Tavares, residente em Paraty há 34 anos.

⁹² Entrevista realizada em 10/07/09, com Gerson Vieira.

existência e permanência da Festa em Paraty. A Festa do Divino é elemento central na dinâmica social da população paratiense.

2.12 Os bonecos folclóricos

Durante o almoço, acontecem as brincadeiras com as crianças, que podem se estender pela tarde toda. *“Enquanto os adultos comem, as crianças brincam”*. Na praça, ao lado direito da Matriz, onde fica a quadra de basquete, as crianças podem brincar de corrida de saco, ovo na colher, cabra cega, maçã na bacia, e outras brincadeiras infantis que vão se adaptando ao longo dos tempos. De repente, surgem os bonecos folclóricos da Festa, o boi-de-pano, o capinha, o cavalinho, a Miota e o peneirinha, que aparecem para animar a criançada, sempre acompanhados de um tocador de caixa.

Durante muitos anos, o Sr. Waldemiro Braz da Conceição, mais conhecido como Waldemiro Charuto, era quem, todos os anos, mantinha a tradição dos bonecos, consertando ou fazendo novos. Outras pessoas passaram a confeccioná-los, como João José da Silva Júnior, o Jubileu:

“Meu trabalho aqui, que eu acho que ajudei muito a preservar foi justamente com esses bonecos folclóricos. (...) quase todo ano, eu pego esses bonecos e ajudo a botar para funcionar. (...) até que chegue outro e reponha isso no lugar, eu não posso largar, então todo ano eu tenho que fazer, é tipo uma promessa, embora eu não seja muito religioso, é uma promessa que eu tenho”.⁹³

Jubileu costuma chamar as crianças para aprender a fazer os bonecos, que são feitos com bambu, tecido e papel mache. Cada um deles tem uma história particular:

⁹³ Entrevista realizada em 14/04/09, com João José da Silva Junior, o Jubileu.



Boi de pano: figura folclórica da Festa do Divino. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

Boi-da-festa ou boi-de-pano: *“Seria o Boi-Bumbá, que aqui em Paraty tem o nome especial de Boi de Pano, porque o couro dele aqui é feito com pano, então o nome dele aqui é Boi de Pano”⁹⁴*, feito com armação de bambu, com o formato do dorso de um boi, cabeça e chifres, coberta por tecido estampado ou papel marche por cima e em toda a sua volta. Por baixo da armação vai uma pessoa que imita os trejeitos do animal, investindo contra o povo, ameaçando chifrá-lo e provocando correria, especialmente das crianças. O boi é sempre acompanhado por um homem vestido de cavaleiro, chamado de capinha, que é seu proprietário, e quem, ao final da brincadeira, vai repartir, em versos, as partes do boi entre os presentes. Aí se dá a representação simbólica da distribuição da carne, que realmente acontece no sábado da Festa. Em Tomar, Portugal, os bois que serão mortos para a festa desfilam pelas ruas, enfeitados com fitas coloridas, antes de serem sacrificados (Mello, 2003, p. 72).

O cavalinho: feito com armação de bambu, em formato de um cavalo pequeno, recoberta com papel marche ou tecido sobre o dorso, e à sua volta se fixa um tecido, como uma saia. Nas laterais do cavalinho prendem-se duas pernas de calça, cheias de capim, com botas e esporas. O brincante, chamado de **capinha**, entra na armação até a altura da cintura, de modo que as pernas postas sobre a armação pareçam ser suas próprias pernas. Assim ele dirige o boi em suas brincadeiras, evitando que ele ataque o povo. Tudo isto acontece ao som do bater da caixa, que o povo acompanha com o seguinte refrão: *É o boi! É o boi! É o boi!*

⁹⁴ Idem.

Peneirinha: “*Tem um boneco que em alguns lugares chamam de Anão, de Cabeção, aqui nós chamamos de Peneirinha*”⁹⁵, figura carnavalesca, agregada recentemente à Festa do Divino. Coloca-se uma grande peneira na cabeça de uma pessoa e a cobre com um tecido branco, que é preso à cintura. À altura da cintura prende-se um cabo de vassoura e veste-se nele um paletó, com o abotoado para trás. A figura fica com a aparência de um duende, pois tem uma imensa cabeça sobre um corpo de anão.



Miota: figura folclórica da Festa do Divino. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

Minhota ou Miota: “*que é o Zé Pereira, ela é uma boneca magrinha, tem o pescoço comprido, alta, dizem por aí que ela é namorada do Peneirinha, mas pelo menos é uma grande amiga, estão sempre juntos*”. Uma grande boneca, feita com armação de bambu, que depois é recoberta com blusa e saia grande e rodada. Sua cabeça é feita de tecido e fixada em um longo e fino pescoço. O brincante entra por dentro da armação e passa a andar, movimentando-a e brincando com o povo. Diz o povo de Paraty que a Minhota tem o pescoço grande para olhar dentro dos sobrados, e depois contar as fofocas que viu e ouviu (Mello, 2003, p. 73).

Está na memória de muitos moradores em Paraty um antigo costume que acontecia no domingo da Festa. Após brincar com o povo, o grupo – boi, cavalinho, capinha e o tocador de caixa, se dirigiam para frente da Igreja Matriz e, a uma ordem do capinha, o boi se deitava, ou morria, como diz o povo. Nesse momento, o capinha

⁹⁵ Ibidem.

iniciava o canto⁹⁶ de uma irreverente e cômica melopéia, acompanhado por refrão do povo, e repartia os pedaços fictícios daquele boi-de-pano entre os moradores da cidade: (idem, p. 74)

*Segura o boi pra esse boi não espalhar,
Quando ele ronca, cava a terra e desembesta
Segura o boi pra esse boi não espalhar
Toma cuidado que esse boi acaba a festa*

*O nosso boi pioneiro da alegria
Quando sai para a folia
Deixa em casa a sua mágoa
Brinca com todos
Desparafusa a cidade
Anima a festividade
Mas no fim é aquela água
(Estrilho: Segura o boi)*

*Mas é preciso retalhar esse animal,
Aproveita pessoal,
Afiml chegou a hora.
Vamos abri-lo e
Com cuidado, bem no centro:
Dando a um o chã de dentro,
Dando a outro o chã de fora.
(Estrilho: Segura o boi)*

*O belo couro
Vai ficar para o festeiro;
Este quarto dianteiro
Vamos dar ao Salomão;
Para o Nenzinho já demos a barrigada,
A cabeça está guardada
Para o Pedro Sacristão
(Estrilho: Segura o boi)*

*Vamos dar tudo:
A rabada ao João Lapeiro
Os rins ao Silvio açougueiro
Ao Bié, o quarto de traz
A Jango Pádua, dá-se o mocotó da mão
O fígado ao Maranhão
Para o Mundinho a suã
Os quatro cascos*

⁹⁶ Uma das últimas vezes que os versos da repartição do boi fizeram parte da Festa do Divino foi em 1985, através da Sra. Pedrina Albano Fernandes, que atualizou os versos cantados por seu pai, o Sr. José “Perrié”, juntamente com o que aprendeu do Sr. José do Espírito Santo Calixto.

*São do Vicente Varella
Dá-se a Feldmann a Costela
A..... é do Sertã*

*(Estrilho: Segura o boi)
Ontem no ensaio
Quando eu cantava fagueiro
Dividindo o boi inteiro
Pelos amigos daqui
Um urubu
Que me olhava admirado
Gritou lá do telhado:
Também sou filho de Paraty
(Estrilho: Segura o boi)⁹⁷*

E o boi, sob o chicote do capinha, se levanta e de novo se arremete contra a criançada e o povo, recolhendo-se em seguida e assim encerrando a pantomima (Mello, 2003, p. 78). Ora, em Paraty, esta representação simbólica da repartição do boi é muito significativa. O boi é um símbolo da relação de dádiva e de contradádiva que se realiza na Festa do Divino de Paraty, ao concretizar em si o alimento doado por todos e a distribuição de carne que é feita àqueles que pertencem à comunidade. É certo que, nos últimos tempos, a comida também é oferecida aos visitantes e turistas que estão na cidade e querem partilhar do almoço. Mas estes estranham o fato de não terem que pagar pela comida, já que não participam de todo o ciclo da Festa, que culmina com essa grande distribuição.

Na pantomima do boi, antigamente realizada na praça, por vezes acontecia de os cantores se servirem das rimas para criticar tanto fatos políticos, como os que se mostraram menos generosos nas contribuições para a festa (Maia, 1974, p. 64).

Por isso é possível dizer que esta forma de expressão da repartição do boi representa um momento *communitas*⁹⁸ na Festa. Ao enunciar os que foram menos

⁹⁷ Autoria de Cleantho Maranhão, trata-se dos mais antigos versos da repartição do boi que se conhece, da década de 40, segundo informações do Sr. José Plínio Rubem de Oliveira, músico da Sociedade Musical Santa Cecília, banda que se apresentou pela primeira vez na Festa do Divino em 1952 (Mello, 2003, p. 76).

⁹⁸ Segundo Victor Turner, a *communitas* é uma passagem ou estado transitório, que pode ser representada por ocasiões rituais, em que uma conduta igualitária e cooperativa fica patente, e nos quais distinções seculares de posição, cargo e papel são suspensos ou considerados irrelevantes. Nessas condições, pessoas profundamente separadas uma das outras no mundo secular e não-religioso, cooperam não obstante estreitamente em uma determinada situação ritual, para garantir a suposta manutenção de uma ordem social que transcende as contradições e os conflitos inerentes ao sistema social mundano (Turner, 2008, p. 222).

generosos, evidencia-se a importância e o significado da doação, que é um dos elos simbólicos da relação de solidariedade orgânica, completada pela graça e pela fartura.



Imperador e sua corte. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

2.13 A Celebração de coroação do imperador

*“Carregando a bandeira
Com carinho e muito amor
Carregando a bandeira
Com carinho e muito amor
Êêê”*

*“Vamos todos reunidos
Com o nosso imperador
Vamos todos reunidos
Com o nosso imperador
Êêê”*

Por volta das sete horas da noite do sábado, sai de novo a procissão da casa do festeiro, dessa vez o menino que será coroado, os vassallos e os guardas, devidamente trajados, seguem à frente para assistir a última ladainha da novena na Igreja Matriz. Na igreja, a corte imperial tem lugar especial no altar, onde já está montado o trono do imperador, ao lado deste, um dos vassallos pousa a salva, a coroa e o cetro. Após o rito da Comunhão, o menino é chamado pelo Padre, e à frente da mesa do altar, de joelhos e de costas para o povo, os festeiros colocam sobre ele a capa, a sobrecapa, entregam-lhe o cetro, e ele é coroado. Então ele levanta, visivelmente emocionado, e exhibe-se para o povo com a coroa na cabeça. Neste momento, o sino toca e foguetes espocam lá fora. Logo depois, os festeiros, avós do imperador, retiram-lhe a coroa, que a partir daí é conduzida em procissão por um dos vassallos. Finda a missa, a procissão com as

bandeiras segue novamente para a casa dos festeiros, mas o imperador segue com a corte para o Império que para eles foi montado na praça, onde vão assistir à apresentação de danças em sua homenagem. Marcell Moraes fala sobre a experiência de ter sido coroado imperador na Festa do Divino em 1998:

*“É uma emoção indescritível. Naquele momento da coroação, você não vê ninguém na sua frente, na hora que a coroa toca a sua cabeça, parece que você está sendo tocado mesmo pelo Espírito Santo, é uma alegria que não tem fim; na hora que a coroa vai a sua cabeça, começa o sino a tocar, o foguete, o povo aplaudindo, você sente uma emoção muito forte, e a presença de Deus muito forte, não é uma coisa meramente folclórica, é uma coisa espiritual. E depois você exercer as funções imperiais, você vai às procissões, você fala com o povo, o carinho que o povo tem com você naquele momento, na hora que você distribui os doces para as crianças, então são coisas que marcam”.*⁹⁹

Como dizem alguns, “o maior sonho de todo moleque paratyense é ser imperador do Divino”. No entanto, muitos não chegam a ser, pois o imperador e sua corte costumam ser escolhidos dentre os familiares do festeiro, que quase sempre vem de uma família abastada de Paraty. Exceções se dão quando a família, por motivo de promessa, pede ao festeiro que seu filho seja o imperador:

*“Eu tive o privilégio, quando o Dedé, ex-prefeito, foi festeiro, e a então esposa dele convidou meu filho para ser vassalo. Eu achei aquilo um ponto alto porque, eu, no entanto não achava que a gente tinha esse privilégio do meu filho ser vassalo, da roça, porque geralmente é mais escolhido pela comissão de festa, os filhos, netos, é uma hierarquia, podemos assim dizer”.*¹⁰⁰

⁹⁹ Entrevista realizada em 27/05/09, com Marcell Costa Moraes.

¹⁰⁰ Entrevista realizada em 10/07/09, com Gerson Vieira.



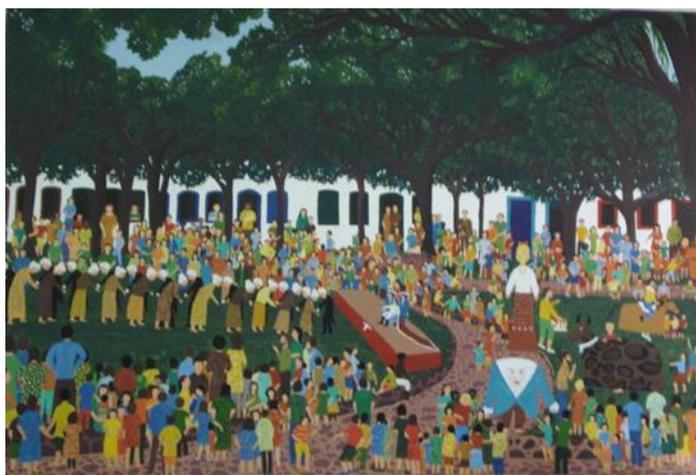
O imperador, com o cetro e a coroa na cabeça.
Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

Seu Zuzu e Manoel de Jesus Torres, antigos moradores de Paraty – este último faleceu lúcido aos 102 anos, em 1983 – diziam que, em tempos passados, o imperador era coroado no domingo da Festa, durante a missa. Terminada a missa, se dirigia ao Império onde recebia as homenagens e vassalagem das autoridades locais, através da solenidade do beija-mão: do presidente da Câmara, prefeito, juiz e provedores de irmandades religiosas. Nesta ocasião, o imperador dava às autoridades uma medalha comemorativa de sua coroação, feita em ouro, prata ou cobre, concedia audiência aos moradores, julgando pequenas ações judiciais e libertando um preso. Depois o imperador aparecia na sacada e saudava o povo, quando então seguia para o Império para assistir as danças.

*“O papel do imperador é de estar frequentando naquele momento uma festa religiosa (...) Ele veio e viu aquela festa. Então como a gente não tem mais o hábito do imperador na cidade, não existe mais, agora nós estamos em outro tipo de governo, então a gente mantém esse hábito que vem de Portugal, de no dia da Festa manter a coroação do imperador (...) Uma das especulações que dizem é que Dom Pedro quando foi coroado era um menino ainda, era um rapaz, esse é um dos motivos”.*¹⁰¹

¹⁰¹ Entrevista realizada com Elcio Gonçalves, atual responsável por organizar o cortejo imperial na Festa do Divino.

A alusão ao fato de o imperador ser um elemento da reminiscência do governo imperial, demonstra a valorização de um período em que a cidade justamente conheceu seu apogeu político e econômico. Paraty foi reconhecida como patrimônio nacional justamente por preservar características da arquitetura colonial em seus sobrados. No imaginário popular, tais reminiscências estão presentes também em formas de expressão culturais, como na coroação do imperador, que pode ser revivida todos os anos durante a Festa do Divino.



Quadro que representa o sábado à noite da Festa do Divino, com as figuras folclóricas, e as danças apresentadas ao imperador na praça da Matriz. Autor: Themilton Tavares. Paraty, 10 de setembro de 2009. Foto: Lívia Lima.

Muitos em Paraty comentam que depois de nove dias de convivência durante a novena, o encontro de todos no sábado, produz uma atmosfera social peculiar, que foi definida como o clímax da Festa do Divino. Os devotos com suas bandeiras estão saindo da igreja, e acompanham o imperador até a praça para assistir as danças populares. Os bonecos folclóricos são anunciados pelo tocador de caixa e as crianças se aproximam. E, fosse antigamente, o leilão de prendas iria acontecer defronte à igreja. Hoje, todos continuam se divertindo nas barracas de comida, aguardando uma apresentação de ciranda ou de um artista convidado. *“Pra mim o auge da Festa é no sábado à noite, quando o imperador é coroado na igreja, aquela missa pra mim é uma missa maravilhosa e quando sai, dá vontade de ser festeira”*.¹⁰²

Themilton Tavares, professor e artista plástico, já pintou em seus quadros diversas cenas da Festa do Divino, como essa do sábado à noite, em que olhando da porta da Igreja Matriz para a praça, podemos visualizar todos os elementos da Festa: o

¹⁰² Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda.

imperador e sua corte, o festeiro que segue com a Folia e as bandeiras, as figuras folclóricas, os personagens das danças populares, os cirandeiros e a banda de música.

*“Antigamente, depois dos atos religiosos, fazia-se uma comemoração com uma grande ciranda, com a presença das danças, com o boneco folclórico, o cavalinho, o boi, a miota, isso tudo faz parte. Mas isso tudo depois é para mostrar a alegria que as pessoas estavam sentindo de ter festejado o Espírito Santo”.*¹⁰³

O Império da praça é montado ao lado da Igreja Matriz, lugar onde o imperador e sua corte têm assento e de onde assistem as danças¹⁰⁴ em sua homenagem: a dança das fitas, a dança dos velhos e o Marrapaiá.

A **dança dos velhos** é uma espécie de farsa popular, que se divide em três partes: Marcha, Contradança e Allegro ou Fadinho, sendo uma sátira aos velhos. Os dançadores, homens e mulheres, se apresentam vestidos de velhos e, na primeira parte, os participantes se apresentam como são: cansados, trôpegos e trêmulos; no segundo ato se apresentam como gostariam de ser: ágeis, eretos, divertidos e irreverentes e, na última parte, se apresentam como poderiam ser: cansados, trôpegos e trêmulos, porém com dignidade, porte e elegância. Até 1962, só participavam desta dança homens, metade deles vestidos de mulher, de forma bem caricata (Mello, 2003, p. 79).



Dança das fitas. Acervo: IHAP. Foto: Livia Lima. Paraty, 10 de setembro de 2009.

¹⁰³ Entrevista realizada em 19/04/09, com Edson José de Oliveira, o Edinho.

¹⁰⁴ Antigamente se dançava também o Caiapó, a Dança dos Coquinhos e a Dança das Jardineiras. Em 2009, foi apresentado somente o Marrapaiá como dança tradicional da Festa.



Dança dos velhos. Foto: Livia Lima. Paraty, 10 de setembro de 2009.

A **dança das fitas** é uma homenagem à árvore e à colheita, conhecida e dançada em todo o mundo. Meninos e meninas carregam um grande mastro de madeira, encimado por flores do qual pendem largas fitas coloridas. Ergue-se o mastro ao centro, e cada dançador segura uma fita; formam uma grande roda ao seu redor, e ao som de música própria, fazem graciosa evolução, meninos para a direita e meninas para a esquerda. Alternando-se por dentro e por fora, trançam as fitas no mastro, num belo tecido geométrico. Em movimento inverso, destrançam as fitas e encerram a dança (idem).

A **dança das jardineiras**, segundo Geisa Panaro Ramiro, que a ensaiou com as crianças durante muitos anos, é uma dança que é apresentada na época da primavera, porque as meninas levavam arcos coloridos e faziam evoluções sob uma música muito singela, tocada no piano. Segundo ela, “seu Manoel Torres dançou com cinco anos para Dom Pedro”.¹⁰⁵

O **Marrapaiá**, nome do grupo de moçambique da cidade paulista de Cunha, se apresenta há muitos anos nas festas de Paraty. Segundo Maia, congadas e moçambiques são folguedos de formação afro-brasileira, reminiscências da antiga coroação dos “reis do congo” no Brasil. Constam de um desfile real, dançado e cantado, com coreografias de manobras guerreiras, sendo que, no moçambique, destaca-se o uso de bastões que se entrechocam e que, outras vezes colocados no chão, formam desenhos sobre os quais os

¹⁰⁵ Entrevista realizada em 10/07/09, com Geisa Panaro Ramiro.

moçambiqueiros dançam. Costumam dançar nas festas do Divino e de São Benedito, seu padroeiro, além de outros eventos religiosos e profanos (Maia, 1974, p. 71).



Apresentação da dança do Marrapaiá. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

2.14 O domingo: a Celebração de Pentecostes

*“O Divino Espírito Santo
É um Espírito de verdade
O Divino Espírito Santo
É um Espírito de verdade
Êêê”*

*“É uma das três pessoas
da Santíssima Trindade
É uma das três pessoas
da Santíssima Trindade
Êêê”*

O grande dia é anunciado pela alvorada de sinos e foguetes às seis horas da manhã, acordando a cidade inteira para a Festa. Às nove horas, sai da casa do festeiro a procissão que carrega o andor com o Resplendor¹⁰⁶ do Divino Espírito Santo em direção à Igreja Matriz, acompanhada do imperador e seus vassallos. Na igreja, o Resplendor tem lugar de destaque, ao lado da comissão de Festa. O imperador e sua corte tomam assento junto ao trono, ao lado do altar, e assistem a missa. Pelo chão, todos pisam em folhas de canela, que exalam seu cheiro característico no ar.

¹⁰⁶ O Resplendor do Divino Espírito Santo é uma peça do século XVIII, em madeira, trabalhado na forma de um ostensório e ricamente dourado. Por seu valor histórico e artístico, fica em exposição permanente no Museu de Arte Sacra de Paraty durante todo o ano, só saindo por ocasião da Festa (Mello, 2003, p. 127).

Após o sermão, no momento em que é entoada a ladainha do Divino, o Padre vai tirando os papéis da caixa, onde os fiéis inscreveram suas preces e as depositaram durante toda a novena, para serem queimadas. O Padre dizia que a fumaça do fogo levava os pedidos aos céus. Depois apagou o Círio Pascal, pois o dia de Pentecostes simboliza o fim do tempo pascal para a Igreja Católica.



Fiéis recebem o sal e as lembrancinhas da Festa do Divino. Paraty, 31 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

Ao final da missa, todos recebem uma pombinha do Divino, bem como pequeninos sacos de sal, como lembrança da Festa. O imperador então se dirige ao Império para a soltura de um preso, visto que por ocasião da coroação de imperadores e de reis, dava-se sempre a indulgência de soltar um preso. Conforme explica Diuner Mello, até a nova constituição, soltava-se um preso real. Normalmente no sábado, a distribuição de vinho e chope produzia bebedeiras e brigas e era comum que os arruaceiros fossem presos; o castigo seria soltá-los somente na segunda, mas o imperador os soltava no domingo, concedendo assim um benefício.



A soltura do preso pelo imperador. Paraty, 30 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

Findo este ato, a procissão se dirige à casa do festeiro, onde há uma fila enorme formada do lado de fora. As insígnias imperiais tomam seu lugar no Império, assim como as bandeiras. Enquanto os vassalos e os guardas retiram seu traje de festa, o imperador distribui os doces à porta da casa.

Alguns turistas de regiões do Estado do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Paraná já caminham com malas pelas ruas do Centro Histórico. Muitos vem há anos participar da Festa do Divino de Paraty, mas não podem ficar para a missa de encerramento, o ônibus que trouxe os romeiros já vai partir. De fato, os paratienses dizem que as celebrações do sábado e do domingo de manhã são acompanhadas por muitos devotos de outras cidades. Contudo, a última Celebração da Festa reúne somente os daqui, como num fechamento e renovação do ciclo festivo para o ano que vem.

2.15 A Celebração de ação de graças: o encerramento

*“A pombinha do Divino
Bateu asas e voou
A pombinha do Divino
Bateu asas e voou
Êêê”*

*“Ela voou o mundo inteiro
Todo o povo abençoou
Ela voou o mundo inteiro
Todo o povo abençoou
Êêê”*



Procissão com a corte imperial da casa do festeiro à Igreja Matriz para a Missa de encerramento. Paraty, 31 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

Por volta das cinco horas da tarde, os devotos saem com o andor do Resplendor do Divino Espírito Santo da casa do festeiro para a Igreja Matriz, onde acontece a Celebração de encerramento, em ação de graças. Durante essa missa, o Padre convida todos a saírem em procissão da igreja e a se organizarem dessa forma: a cruz e os tocheiros vão à frente, logo após os estandartes dos santos festejados na cidade, então o imperador, os vassallos e os guardas, depois o andor, o pároco, os festeiros e as bandeiras, a Folia, a banda de música e o povo. A grande procissão percorre algumas ruas do Centro Histórico, parando em frente às Igrejas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de Santa Rita, e de Nossa Senhora das Dores, até voltar novamente à Igreja Matriz. Ao final da missa, coroa-se a imagem de Nossa Senhora, com a coroa que foi trazida pela pomba, que por toda a semana a segurou lá do alto.



Fiéis carregam o Resplendor do Divino no andor, em procissão no dia de Pentecostes. Paraty, 31 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

O Padre convida os festeiros ao altar e todos ouvem o testemunho emocionante, sobre as motivações que os levaram a se tornarem festeiros um ano atrás. Conceição e Carlinhos lembram-se de que ele não pôde carregar a bandeira no arriamento do mastro, devido à doença, e hoje está curado, pela graça do Espírito Santo. Eles agradecem a ajuda de todos os que se empenharam em realizar a Festa, que foi muito boa; o Padre reconhece o sacrifício, a doação e a dedicação dos festeiros, e reitera o voto de confiança sobre o casal. Então lê a carta que o novo casal de festeiros lhe escreveu, manifestando sua intenção. A nova comissão da Festa é chamada a subir ao altar e se apresentar a todos.

Nesse momento, o casal de festeiros velhos passa, diante de toda a comunidade, o fitão e a bandeira para o casal de festeiros novos. Cumprimentado-lhes, o que costuma se dar é novamente se comprometerem a ajudar na Festa.

Este ritual do final da missa de encerramento é altamente eficaz, tanto para o ciclo da Festa, quanto para o fortalecimento e a perpetuação da fé. Os festeiros reiteram a motivação que os levou a realizar a Festa e dão testemunho da graça do Espírito Santo em suas vidas; o Padre reconhece a grandeza da Festa que acaba de ser realizada e, com isso, a honra e o prestígio dos festeiros.

*“(...) sempre que você faz uma festa, recebe muita graça. É muita luz, é muita coisa boa que vem para a sua casa”.*¹⁰⁷

O cortejo segue agora para a casa dos novos festeiros. E a Folia do Divino conduz a entrega das insígnias, pedindo que a salva, a coroa, o cetro, a capa, a roupa do imperador, o fitão e a bandeira sejam passados para os festeiros novos.

A Festa termina com uma grande queima de fogos. Para os festeiros velhos resta uma enorme alegria pelo dever cumprido, mas no coração um grande vazio:

*“A festa mal acabou e eu já estou desmontando minha sala que serviu como Casa do Divino. Ficam as contas e a saudade. Quem sabe uma outra vez?”*¹⁰⁸

“Cada um quer fazer a Festa mais bonita do que o outro”. A promoção pessoal é inata à realização da Festa, uma vez que o festeiro e a sua família passam a contar com elementos de prestígio, quando podem se responsabilizar por algum bem feito ao patrimônio local, em decorrência da receita da Festa. E assim, nessa disputa simbólica, as famílias estabelecem mais um modo de interação social local.

O que nos conduz para outro ponto interessante: a Celebração está inscrita em um registro de disputa de capital simbólico, de prestígio e de status social pelas famílias locais. Trata-se de mais uma faceta dessa solidariedade orgânica, que é nutrida pela disputa entre as famílias que, apesar do fato de juntas demarcarem aqueles que são de fora, comunicam-

¹⁰⁷ Entrevista realizada com Magda Stanisce

¹⁰⁸ Edson José de Oliveira, em entrevista a Diuner Mello, in Mello, 2003, p. 148.

se entre si por meio de uma disputa de prestígio, que está calcada no registro da generosidade:

“Mas aqui toda minha família era católica e, tanto da família da minha mãe quanto do meu pai, eles fizeram Festa do Divino. Eu já me entendia por gente vendo aqui a Festa do Divino. Mas eu quis ser uma festeira, fiz uma festa aqui nessa casa, que dizem as pessoas daí, e se não foi a melhor, foi uma das melhores (...)”¹⁰⁹

Todos os festeiros que entrevistamos ressaltaram a contribuição social do povo na realização da Festa, seja em forma de doação material ou de trabalho, observando, com isso, que a honra e generosidade foram simbolicamente transformadas em graça e fartura. Na organização e preparação da Festa, ao longo de um ano de intenso trabalho, estão presentes divertidos momentos de confraternização, com brincadeiras e oportunidades para ouvir e contar causos familiares, que reforçam e criam novos laços sociais. Por isso a posição central que a Festa do Divino ocupa na dinâmica social paratiense. Mesmo em anos de profunda crise econômica, as pessoas não deixaram de contribuir para a Festa.

O que se pretendeu argumentar aqui, tendo em vista a pluralidade de práticas e saberes que advém com esta Celebração, é a representatividade que possui para o povo de Paraty, e como o valor desse Patrimônio cultural deve ser ampliado e tomado como um Patrimônio nacional.

¹⁰⁹ Entrevista realizada com Conceição de Oliveira Moreira.

Capítulo 3 patrimônios que se entrelaçam

Entre caminhos do ouro e produção de víveres, como a aguardente, Paraty participa significativamente da dinâmica interna da vida colonial. Nesse período, a cidade enfrenta dois grandes impactos econômicos: o primeiro com a transferência do porto comercial do ouro para a cidade de Magé em 1725 e, o segundo, com a construção das primeiras estações ferroviárias, na metade do século XIX, diminuindo de modo considerável sua participação no comércio regional, agravados pelo advento da Lei Áurea, que motivou o abandono de muitas lavouras e engenhos de cana-de-açúcar. Tal contexto de decadência econômica e política delineiam os contornos de sua história cultural e social.

Durante aproximadamente cem anos, Paraty pouco se transformou, permanecendo com os mesmos traços urbanísticos do século XIX, preservando seu acervo histórico monumental. Entre as cidades que sucederam às vilas brasileiras erigidas no período dos séculos XVII e XVIII, Paraty constitui aquela onde a disposição dos logradouros e a arquitetura civil e religiosa mantiveram sensivelmente as características originais.

Considerando o valor excepcional do conjunto arquitetônico, integrado a extraordinária paisagem natural, e a importância histórica do município como elemento de ligação entre as capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, o Governo Federal erigiu como Monumento Nacional o “Conjunto Paisagístico do Município de Paraty, e especialmente o acervo arquitetônico da cidade”¹¹⁰, em 1966.

A primeira medida de proteção legal da cidade ocorreu em 1945, com a elevação de Paraty a categoria de Monumento Histórico do Estado do Rio de Janeiro¹¹¹. Todo o conjunto arquitetônico foi reconhecido por seu valor histórico e artístico, não somente por conservar as características expressivas da “arte tradicional brasileira”, como também significativas peculiaridades regionais. Posteriormente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN inscreveu nos Livros de Tombo das Belas Artes e, no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, o “Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade de Paraty e especialmente o prédio da Santa Casa”, no ano de 1958¹¹². O Forte Defensor Perpétuo já havia sido tombado em 1957 e, posteriormente, em 1962, foram

¹¹⁰ Através do Decreto Lei 58.077, em 24 de março de 1966.

¹¹¹ Através do Decreto-Lei Estadual nº 1.450, de 18 de setembro de 1945.

¹¹² Cf. Processo nº 563-T-57, Arquivo Central do IPHAN, seção Rio de Janeiro.

tombadas as quatro igrejas: Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Igreja de Santa Rita, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Capela de Nossa Senhora das Dores.

Em 1974, o tombamento é expandido e todo o “Município de Paraty” é inscrito nos Livros de Tombo das Belas Artes e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN. Torna-se o único município do Brasil a ser registrado integralmente no Livro de Tombo das Belas Artes e o primeiro a ser reconhecido por sua paisagem excepcional. As medidas de proteção adotadas desde 1945 são então consolidadas num Plano de Desenvolvimento Integrado, que têm como objetivo garantir o desenvolvimento ordenado da área de expansão urbana.

Entretanto, a preservação da Cidade Histórica esteve restrita ao seu aspecto físico-arquitetônico, sem considerar os usos e apropriações pelos habitantes, que tem nesse território social suas referências identitárias e culturais.



Igreja de Santa Rita. Paraty, 23 de maio de 2009. Foto: Alexandre F. Martins.

Há que se considerar que na cidade de Paraty, a vida sócio-cultural que irradia do Centro Histórico é reproduzida pelas festas religiosas e pagãs que se sucedem ao longo do ano. As festas que marcam o ciclo anual são a folia de reis, o carnaval, as celebrações da Semana Santa, a Festa do Divino, a festa junina, a festa de Santa Rita, a festa de Nossa Senhora dos Remédios e a festa de Nossa Senhora do Rosário. De maneira que a Festa do Divino é a maior e mais e popular dentre elas, cultivada desde o período colonial. As festas em honra à santa padroeira estão intimamente associadas ao espaço territorial das igrejas e das ruas e traçados do Centro Histórico. São esses aspectos físico-arquitetônicos, marcados há pelos trezentos anos, que orientam os fieis nas procissões, ao percorrermos esses lugares

de memória. Saindo da Igreja Matriz, a procissão normalmente segue um trajeto de desenho quadrangular, orientado pela posição das quatro igrejas no Centro Histórico. Pode-se ainda observar os Passos da Paixão, que são pontos de parada da procissão do Senhor morto na Sexta-Feira Santa. Trata-se de antigas construções feitas nas paredes dos sobrados e igrejas, com a inscrição das estações da via-sacra de Jesus que, durante o ano, ficam fechados por portas que, supostamente dão acesso à edificação.

Tendo sido importante cidade portuária e entreposto comercial, administrativo e religioso do processo de colonização portuguesa no país, com seus armazéns, moradias, igrejas e fortes, Paraty preserva um extraordinário acervo histórico monumental, que se veste inteiramente de sentido quando observamos as expressões culturais, as manifestações lúdicas e religiosas que emanam desse traçado de ruas e construções históricas, que entrelaçam memórias e tradições.

Durante os rituais religiosos, as ruas do Centro Histórico se enfeitam, assim como a igreja cuja padroeira está em festa. No caso da Festa do Divino, como vimos, a decoração da Igreja Matriz e das ruas é uma atividade bastante significativa, pois através dos panos, das bandeirinhas e dos estandartes em vermelho e branco evoca-se o anúncio da alegria da vinda do Divino Espírito Santo. Todos os caminhos que levam à igreja ou à casa do festeiro são marcados, e “as fachadas dos sobrados e da igreja se vestem e tornam a ter sentido com aquela Festa”.¹¹³



Igreja Matriz ornamentada para a Festa do Divino. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

¹¹³ Carlos Fernando Souza Leão Andrade, em entrevista concedida em 24 de março de 2010, na Superintendência Regional do IPHAN no Rio de Janeiro.

A cidade acompanhou as transformações políticas e sociais que advieram com o reconhecimento. Por um lado, a normalização restringiu a intervenção junto ao casario colonial, com o objetivo de preservar o testemunho deste importante capítulo da História do Brasil. E, por outro, as manifestações populares em Paraty tornaram-se especialmente valorizadas enquanto portadoras de uma tradição que reforça a autenticidade da vida histórica.



Casas se enfeitam para a Festa do Divino. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: Lívia Lima.

“Era mais o povo do lugar” que, segundo lembram alguns, frequentavam as festas de Paraty. Conseguem demarcar no tempo, por volta da década de 1970, “uma avalanche muito grande”, que traz o aumento significativo do número de turistas. Os migrantes e turistas já vinham à cidade desde os anos 50, com a abertura da Paraty-Cunha, primeira estrada de acesso ao Estado de São Paulo, porém, a abertura da rodovia Rio-Santos mudou definitivamente o panorama político-econômico da cidade, que se torna um importante pólo turístico. O desenvolvimento do turismo de alto padrão traz claras consequências para os moradores da zona rural, de modo que muitos vendem suas terras para no lugar serem construídos condomínios de luxo, e migram para áreas periféricas da cidade, formando novos bairros, como a Ilha das Cobras e o Parque da Mangueira.

A partir de então, os paratienses passam a conviver com novos personagens nas festas religiosas, atraídos pelo turismo religioso, que vêm de regiões de São Paulo, do Paraná e do Rio de Janeiro para participar das Celebrações do Divino. Os turistas que estão na cidade durante a Festa param para ver a procissão passar:

“(...) porque já não tem mais isso nas cidades grandes, (...) quando passam as procissões em que eu estou, eu olho eles nas ruas olhando, e eu vejo eles chorando, então mexe com a emoção das

*peças também; se mexe com a nossa enquanto tradição, também mexe com as deles nesse momento em que a gente vive”.*¹¹⁴

*“(...) a Festa do Divino é onde a gente se mostra mais, se sente mais orgulhoso de mostrar todos aqueles rituais, e a garantia da permanência disso é que a gente consegue manter uma tradição viva (...)”*¹¹⁵

No contexto de intensificação do turismo, as celebrações de Paraty são valorizadas como tradições culturais a serem preservadas tanto pela comunidade que as vive, como pelo conjunto da nação (Souza, 2008, p. 217):

*“Eu acho que pelo fato do crescimento do turismo, e o turista ter esse olhar de fora, que acaba também valorizando, e a pessoa percebe que tem um tesouro (...) então se têm acesso a um mundo globalizado, que está tudo misturado, e de repente o que é local passa a ter muito valor também, porque identifica o lugar, a pessoa, diferencia”.*¹¹⁶

Hoje os moradores têm contato com situações diversificadas de multiculturalismo. O interessante é como elaboram esse contato com diferentes culturas, e as constantes ressignificações do passado e da memória. Um grupo de competidores da Mega Gincana do Divino encenou um texto durante a prova final, que tinha a ‘globalização’ como tema, o qual elucida o modo como se enunciam aos outros e se identificam como portadores de uma riqueza cultural, em contraposição à suposta homogeneidade monótona de uma localidade global, que é alvo de intenso turismo:

*“Paraty, onde os caminhos de pedra se encontram
Existe um canto à luz do luar
Casarios e histórias se encontram
Velhos versos compõem meu cantar
Onde os colonos, os nativos colorem uma cidade, que tem seu valor
O patrimônio humano é nosso
É quilombola, caiçara, ilaô
Tem guarani, guainá, tem tupi
Maracatu, hei, chiba é aqui
E a ciranda eletricamente faz todo mundo girar pela gente
O turista que fala enrolado, até chega a desenrolar no canto
Cai na dança que tem no passado
Nem faz idéia desse grande legado
Globalização, por quê? É Paraty!
Globalização, por quê? É Paraty!*

¹¹⁴ Entrevista realizada em 25/03/09, com Júlio César Neto Dantas.

¹¹⁵ Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda.

¹¹⁶ Idem.

*O mundo passa por aqui, é Paraty!
Cultura boa para curtir, é Paraty!
Globalização, por quê?*¹¹⁷

Ao enunciar as imagens dos quilombolas, dos índios e dos caiçaras, tidos como patrimônio humano, portadores de culturas próprias, o texto mostra as diferentes possibilidades de ressignificação das referências que chegam de fora com os turistas. O contato com símbolos e significados estrangeiros reforça a diferença cultural dos de Paraty. E mais do que isso, revela o modo como concebem e constroem seu próprio patrimônio.

3.1 O pedido de Registro

A Festa do Divino evoca o respeito às tradições ancestrais e a vivência de certo *ethos* religioso, transmitido pela herança colonial portuguesa, que constitui as referências culturais não somente do paratiense, mas de todos os brasileiros.

É extremamente significativo que a própria comunidade tenha encaminhado ao IPHAN, através do Instituto Histórico e Artístico de Paraty – o IHAP, a demanda pelo reconhecimento da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty. O pedido de Registro como Patrimônio Cultural do Brasil representa o ápice da iniciativa pelo reconhecimento deste bem cultural, o qual tem anuência dos principais produtores envolvidos, como aqueles ligados à Diocese de Paraty, responsáveis pela organização litúrgica da Festa; à Prefeitura Municipal, responsáveis pela organização da programação profana da Festa; e à Comissão da Festa, responsável pela viabilização de todas as atividades relacionadas à Festa. Pesquisadores como Diuner Mello, vêm apontando o valor cultural dessa Festa, evidenciando a singularidade e a antiguidade histórica, bem como o risco do desaparecimento de alguns elementos culturais.

A região de Paraty sofreu influências dos colonizadores portugueses açorianos, que as deixaram marcadas no conjunto histórico e arquitetônico, assim como nas práticas culturais e representações de mundo. O valor patrimonial da Festa do Divino é evidenciado pelos paratienses através da tradição histórica e da semelhança que guarda com as festividades ainda celebradas nas Ilhas dos Açores. Os aspectos de continuidade da Festa com o passado colonial é apontado por estudiosos como Marina de Mello e Souza, e Diuner Mello, em seu livro *Manual do Festeiro*.

¹¹⁷ Texto apresentado pela equipe ‘Kamikaze’ durante a prova de encerramento da Mega Gincana do Divino, com o tema “Isso é globalização”, no dia 24 de maio de 2009.

Segundo ele, as Folias do Divino que existem nos Açores tem a mesma função de arrecadar dinheiro e animar a Festa. Há outros rituais que acontecem lá e aqui, como a coroação do imperador durante a missa e a distribuição de comida e de bens, motivada pelo simbolismo da caridade, ainda que o cardápio seja diferenciado nos Açores, onde são oferecidos sopa, carne assada, pão sovado e vinho. Os objetos centrais da Festa, como a coroa, o cetro, as bandeiras e a pomba, também representam enorme devoção, com exceção de que em Paraty acrescenta-se a salva entre as insígnias imperiais e, nos Açores, o espadim, pequena espada com lâmina delgada, que desapareceu na maioria dos impérios, e a vara, insígnia do mestre tribal e do rei, simbolizando justiça pela sua retidão. (Mello, 2003, p. 118)

Até o século XVIII, na Ilha Terceira dos Açores, o Império do Divino era uma construção efêmera e desmontável. No final daquele século, passaram a ser construídos em alvenaria, espalhados pela cidade e pelo campo, destinados a ser um espaço de devoção da Festa do Divino. Conforme Diuner Mello, eles possuem geralmente uma porta central e duas janelas e, em seu frontão, exibem o coro e a pomba de asas abertas, portando a divisa: “Glória ao Divino”. (idem) Antigo morador de Paraty, o Sr. José do Espírito Santo Calixto dizia que, até as primeiras décadas do século passado, um império era instalado junto à torre esquerda da Igreja Matriz, junto ao mastro da Festa. Hoje, como sabemos, o altar do Divino, também conhecido como Império, é montado na casa do festeiro, na Praça da Matriz e na Igreja, em diferentes momentos da Festa.

Ao indicar as semelhanças entre a Festa que participam desde crianças e as festas que ainda são realizadas nas Ilhas dos Açores, os paratienses estabelecem a legitimidade da tradição e da historicidade da Festa de Paraty. De fato, todas essas características, herdadas do passado colonial, conferem um valor histórico e cultural inestimável à Festa do Divino de Paraty.

O que não se pode perder de vista, contudo, é o motivo da permanência dessas antigas tradições, o qual é frequentemente atribuído ao isolamento que a cidade viveu desde o fim do século XIX até os idos de 1960. Ora, as festas religiosas não se mantêm em Paraty somente porque a cidade “parou no tempo”, ou porque são manifestações que subsistiram como únicas formas de lazer. Olhando sobretudo para a Festa do Divino, é possível perceber que essa Celebração tem acompanhado e incorporado as mudanças históricas e as transformações nos significados e valores culturais. A sua existência ao

longo de pelo menos três séculos, além de lhe conferir uma autoridade de antiguidade histórica, demonstra o quão essencial é esse bem cultural para o povo de Paraty:

“A Festa sempre teve a mesma essência, a mesma origem, os mesmos símbolos, mas hoje ela cresceu mais, porque Paraty também cresceu. Tem um ditado que se fala em Paraty, que pode cair a estrada, pode chover, cair barreira e não vir um visitante, uma pessoa para vir à festa, mas a gente faz, porque para a gente é importante, mesmo que seja só nosso grupo, só nosso povo (...)”¹¹⁸

Diante das mudanças históricas ocorridas a partir de 1960, a realização das festas persiste na atualidade porque continuam tendo forte significado para a comunidade, introduzindo novidades na tradição e adaptando-se àquelas mudanças. Não se trata com o reconhecimento como patrimônio, de fixar uma tradição que não é dinâmica, pelo contrário. Ainda que as festas sejam basicamente iguais umas às outras, pois são feitas seguindo um saber conhecido por todos, algo as diferencia entre si, fazendo com que cada uma seja lembrada em sua particularidade. As lembranças individuais são chamadas para dar destaque a um detalhe que passava despercebido e volta a ser valorizado, introduzindo uma inovação que dali para frente passa a ser incorporada às festas (Souza, 2008, p. 261).

Com o empenho de perpetuar a tradição, os paratienses buscam as imagens e os símbolos da época do Império e de tudo o que possa preservar a antiguidade da Festa. Nesse processo, reconstituem costumes que haviam caído em desuso, e valorizam aspectos da cultura popular que haviam sido perseguidos e banidos em outras épocas (Souza, 2008, p. 264). Até bem pouco tempo não mais se realizava a coroação do imperador, aparecendo ele somente no domingo da Festa. A par das preciosas informações do Sr. Manoel de Jesus Torres, antigo morador de Paraty, que faleceu lúcido aos 102 anos, os organizadores da Festa resolveram revitalizar, primeiramente, a libertação de um preso na Festa de 1974 e, posteriormente, reiniciou-se a celebração de coroação do imperador (Mello, 2003, p. 123). Já as vestimentas da corte imperial foram confeccionadas conforme as informações de um livro, que ilustrava os uniformes do exército brasileiro de 1722 até 1922. Diuner Mello conta que, por acaso, encontrou dois desenhos da milícia de Paraty, e no ano de 1986, conversou com o festeiro e resolveram então vestir os vassalos e os guardas imediatos do imperador segundo os modelos de vestimenta sugeridos pelas gravuras do livro. Desde

¹¹⁸ Entrevista realizada em 19/04/09, com Edson José de Oliveira, o Edinho.

então, a corte imperial é trajada com os uniformes militares do século XVIII, “já que não havia referências de como se vestia o imperador originalmente”.¹¹⁹



Procissão com o imperador da casa do festeiro à Igreja Matriz no dia de Pentecostes. Paraty, 31 de maio de 2009. Foto: Livia Lima.

As festas do Divino são uma antiga tradição portuguesa, que se difundiram por todo o Brasil. Até o final do século XIX, as procissões religiosas em honra ao Divino, que associavam religiosidade e ludicidade, estavam presentes em várias cidades brasileiras e em grandes centros, como o Rio de Janeiro. Aí também as festas do Divino alcançavam as maiores proporções, transbordando os limites da igreja, acontecendo em grande parte nas ruas e confundindo as noções de sagrado e profano, surpreendendo, como diz Marina de Mello e Souza, quem as considerava coisas a serem vividas separadamente:

“(…) procissões como nunca mais puderam ver nossos olhos, em préstitos intermináveis, com músicas alegres, com danças, alegorias pagãs e até máscaras. Além disso, a Mitra sempre protegeu e animou os festejos de rua, que de qualquer forma tivessem significação religiosa”.¹²⁰

Paraty preserva a memória de festas do Divino que existiram desde o tempo dos vice-reis no Brasil. Essa vocação para construir um imaginário cívico e nacional, esteve presente em alguns momentos, como quando os restos mortais de Dom Pedro II foram

¹¹⁹ Entrevista realizada em 24/03/09, com Diuner José Melo da Silva.

¹²⁰ Luis Edmundo *apud* Marina de Mello e Souza, 2008, p. 74.

trazidos ao Brasil como parte das comemorações do sesquicentenário da Independência, e Paraty foi chamada a mostrar suas preciosidades históricas e realizar uma réplica da procissão do Divino, para que, por intermédio dos objetos e rituais de outro tempo a comemoração tivesse mais veracidade e o imperador morto fosse recebido com os símbolos de sua época no país que tornou independente (Souza, 2008, p. 223).

A Festa do Divino é um complexo cultural que agrega saberes, fazeres, celebrações e lugares, e figura como elemento central na dinâmica social da comunidade paratiense:

*“(...) porque ela é uma junção da parte sacra, religiosa, com a parte profana. Era um motivo impressionante para as pessoas poderem vir confraternizar, compartilhar desse momento. Aliado a isso, para além da parte religiosa, o almoço do Divino, o leilão de gado que tinha anteriormente na praça, a distribuição de carne aos pobres no sábado do Espírito Santo, que antigamente era feito numa carrocinha, isso eram questões que ajuntavam, que movimentava e dava um caráter diferente à cidade, a distribuição de doces pelo imperador do Divino, as danças folclóricas, então são momentos que, ao contrário das outras que se limitavam somente às procissões, a Festa do Divino tinha todo esse envolvimento maior com todas essas atividades”.*¹²¹

*“Eu trabalhava na escola, e percebia que as pessoas diziam: não vamos marcar isso, porque é na época da Festa do Divino. Então tudo girava em torno”.*¹²²

*“Porque eu acho que é uma festa que move a fé, move essa tradição, essa identidade do paratiense que quando escuta a Folia tocar, vê aquelas bandeiras vindo, ou quando troca pela banda, é uma coisa que sobe de dentro, que emociona, e acho que isso que é fé. Não sou católica praticante, não frequento, mas para mim a Festa do Divino é algo muito vivo, muito presente na minha vida, no meu cotidiano, essas cores, essas pombas, as bandeirinhas, pra mim isso é muito bonito(...)”*¹²³

¹²¹ Entrevista realizada em 25/03/09, com Júlio César Neto Dantas.

¹²² Entrevista realizada em 29/05/09, com Flora Maria Salles França Pinto.

¹²³ Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda.



Devotos em procissão no levantamento do Mastro. Paraty, 12 de abril de 2009. Foto: Livia Lima.

As diferentes motivações dos que participam da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty puderam ser ressaltadas ao longo da pesquisa realizada no âmbito do Inventário de Referências Culturais. Não há dúvida de que a fé no Espírito Santo e o sacrifício empreendido como retribuição por uma graça alcançada estão na base da engrenagem simbólica que justifica a realização da Festa. No entanto, a Festa do Divino extrapola inclusive o significado puramente religioso, fazendo parte de uma estrutura de solidariedade social, a qual temos chamado aqui do processo de dar, receber e retribuir. Por isso é possível dizer que a Festa, ao ser anualmente realizada, evoca os sentidos de pertencimento a uma comunidade maior.

Em Paraty, fé e religião são experimentadas através de uma diversidade de significados, que convergem, no entanto, para formar uma teia de valores e sentidos que reiteram a identidade social do paratiense. A tradição familiar de participar da Festa motiva a devoção religiosa, ao mesmo tempo em que a fé no Divino Espírito Santo é fortalecida a cada vez que os rituais tradicionais são celebrados.



Bandeiras da Festa do Divino. Paraty, 22 de maio de 2009. Foto: José Roberto de Almeida.

É fato que todos, não somente os católicos, são tomados pelo imaginário cultural-religioso que circunda a Festa do Divino. Não é raro ver protestantes ou messiânicos que gostam de acompanhar a procissão, de enfeitar as janelas de suas casas, ou mesmo de frequentar as barracas do Divino. De uma forma ou de outra, se é envolvido por esta sociabilidade comunitária, que ressignifica os próprios sentidos de fé, crença e religião:

*“(...) é pela fé, pela crença que o povo tem, não é só pela religião. É a crença que o povo tem em acompanhar aquelas bandeiras, em participar das ladainhas, em participar da elevação do mastro”.*¹²⁴

*“Então eu sinto esse respeito das outras pessoas não-católicas também nessa Festa. Isso para nós é um motivo de grande alegria, porque a grande intenção da Festa é essa mesmo, a unidade de todos os cristãos”.*¹²⁵

Marina de Mello e Souza argumenta que a festa de santo é o momento máximo da vivência coletiva de uma religiosidade tradicional, quando uma grande rede de relações é acionada. Desse modo, extrapola em muito os limites do sagrado, pois além de momento de contato com o divino, é quando laços sociais são reforçados, dons individuais são exercidos, diferenças sociais são temporariamente atenuadas e as pessoas se divertem. (Souza, 2008, p. 253).

*“Eu acho que ela merece esse reconhecimento de patrimônio cultural do Brasil por preservar ao longo dos séculos essas riquezas culturais, sobretudo, e por ser uma festa do povo, por ser uma festa da cidade, ter o envolvimento da cidade”.*¹²⁶

¹²⁴ Entrevista realizada em 10/07/09, com Geisa Panaro Ramiro.

¹²⁵ Entrevista realizada em 28/05/09, com Padre Roberto Carlos Pereira.

*“(...) é tão simpático o adro das igrejas com as festas, com a banda de música, com a Folia, com as danças, com as suas comidas típicas, isso é a vida da cidade, uma cidade sem nada disso pra mim eu acho que perde muito, e a Festa do Divino está inserida dentro desse contexto, de uma forma mais suntuosa. Eu acho que poucos estados no Brasil fazem a Festa do Divino, é uma festa que Paraty faz bem, tenta preservar, está viva, como a nossa igreja está viva dentro desse contexto”.*¹²⁷

*“(...) quem faz a Festa do Divino na realidade não é o festeiro, o festeiro apenas coordena essa energia toda que a cidade despende para realizar a Festa do Divino”.*¹²⁸

Com a palavra, respeitáveis moradores de Paraty, que sintetizam a importância e a relevância da Festa do Divino, não somente para a cidade, mas para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. O primeiro deles, Padre Roberto Carlos Pereira, diz nunca ter participado antes de uma paróquia com tanta riqueza de detalhes na Festa de Pentecostes; e que não se sente ainda, depois de dez anos como pároco em Paraty, capaz de absorvê-la em toda a sua complexidade. Percebe que é uma Festa do povo, que extrapola os limites e o controle da Igreja.

A igreja, como um dos espaços de devoção, é lugar de destaque no desenvolvimento de todos os rituais e celebrações da Festa. Em 2009, depois de dois anos fechada, em razão da restauração de fachada e interiores realizada pelo IPHAN, a Igreja Matriz foi reaberta e a Festa do Divino aconteceu novamente dentro desse complexo cultural. A igreja e a praça são lugares que se complementam no contexto da Festa, assim como se dá entre as celebrações religiosas, e as práticas e os saberes profanos, lembradas por Julio César Dantas, agente de Cultura em Paraty. O que nos remete à complementaridade maior entre o patrimônio material e imaterial que pertence a esta cidade, em que a materialidade de edificações de pedra que resistiram à ação do tempo, e de objetos que lembram outras vidas e momentos, veste-se de sentido ao ceder espaço para as festas religiosas.

Outro lugar significativo é a casa do festeiro, que confere o aspecto popular da Festa e sintetiza a solidariedade orgânica que é vivenciada por todos. Dedé, ex-festeiro, viveu de perto a graça e o prestígio de ter realizado a Festa, que obteve quantidade expressiva de arrecadação. O envolvimento de todos mostra a representatividade que tem

¹²⁶ Entrevista realizada em 28/05/09, com Padre Roberto Carlos Pereira.

¹²⁷ Entrevista realizada em 25/03/09, com Júlio César Neto Dantas.

¹²⁸ Entrevista realizada em 10/07/09, com Benedito José Melo da Silva, o Dedé.

essa Celebração para os que vivem em Paraty, e a identificação que produz em um povo, que se sente orgulhoso de preservar seus rituais e construções tricentenárias, de relevância singular na História Nacional.

3.2 Recomendações de salvaguarda

A elaboração de planos de salvaguarda tem como objetivo definir e organizar um conjunto de ações que visa contribuir para a melhoria das condições socioambientais de produção, reprodução e transmissão dos bens culturais imateriais registrados.

A devoção ao Divino Espírito Santo faz parte da história cultural da cidade de Paraty, e dificilmente as celebrações religiosas deixarão de acontecer. Todavia, como decorrência do Registro como Patrimônio Imaterial desta Celebração, poderão ser propostas ações de proteção e salvaguarda aos bens culturais que são associados à Festa do Divino e estão em situação de fragilidade, como a Folia do Divino, as danças folclóricas dos velhos, e das fitas, e o ritual dos bonecos folclóricos.

Os agentes de cultura e de educação do município percebem o risco de desaparecimento que correm tais bens culturais:

“(...) se não houver uma política pública para a Folia, para os rituais que são mantidos, para as danças folclóricas que vão se perdendo, porque tudo isso está por um fio, hoje está vivo, amanhã..., a gente não sabe o que vai chegar até o ano que vem, e o que vai chegar daqui a dez anos, então de fato tem que se olhar como um patrimônio, e um patrimônio que não tem que ser apenas preservado, mas também perpetuado e valorizado”.¹²⁹

O patrimônio é uma construção social que compete a todos, do ato de identificar ao de salvaguardar. Todas as instituições interessadas, públicas e privadas, precisam ser envolvidas e se comprometerem de fato com a sustentabilidade desse bem cultural. A seguir elencamos alguns itens que indicam recomendações para a construção de um plano de salvaguarda para a Festa do Divino de Paraty:

- Valorização da Festa do Divino no calendário cultural da cidade; incentivo ao turismo religioso e melhoria das condições de produção, reprodução e circulação do bem cultural;

Algumas pousadas na cidade passaram a divulgar o almoço do Divino em seu pacote turístico, durante o mês de maio, oferecendo-se inclusive para ficar na fila, enquanto os

¹²⁹ Entrevista realizada em 09/09/09, com Cristina Souza Santos Maseda.

turistas esperam na pousada. Não há dúvida que este fato descaracteriza a motivação religiosa e de confraternização que os produtores da Festa do Divino atribuem ao almoço. Segundo eles, não se trata de impedir que pessoas de fora venham participar do almoço; o que temem é que a Festa esteja sendo apropriada de forma indevida pelo calendário cultural da cidade. Além disso, alegam que os donos de pousada que divulgam o almoço do Divino aos turistas, não ajudam com doações para a realização da Festa.

- Sensibilização do poder local para a importância da Festa do Divino como um evento sócio-cultural da cidade, e não apenas de cunho religioso;

É necessário sensibilizar os agentes do poder local de que a Festa do Divino é um bem cultural que deve ser valorizado e salvaguardado. Recentemente, a participação de uma representante da Igreja local foi questionada no Conselho de Cultura municipal, em razão do fato de que a Festa do Divino seria uma festa religiosa católica tão-somente e, sendo assim, não deveria ser alvo de política pública por um governo laico. Entretanto, vimos através da pesquisa realizada no âmbito desse Dossiê, que a Festa do Divino constitui a história e a identidade de todos os paratienses, e não somente daqueles que são católicos.

- Valorização das formas de expressão associadas à Festa do Divino, e de seus mestres e executantes;

No tocante à Folia do Divino, é urgente investir em projetos comunitários de transmissão de saberes e de formação de novos foliões e mestres da Folia. Afinal, *“nem todo lugar toca esse nosso dobrado”*.¹³⁰ O que também se estende para a organização dos detentores de saberes e habilidades específicos relacionados às danças e aos bonecos folclóricos. No ano da realização do Inventário de Referências Culturais – 2009, foi a primeira vez, em muitos anos, que as danças tradicionais dos velhos e das fitas deixaram de acontecer durante a Festa do Divino, em razão da falta de apoio e investimento público.

- Promoção e divulgação do bem cultural.

Elaboração de um plano de educação patrimonial que envolva alunos, professores e agentes de cultura, provenientes do poder local e do terceiro setor. Em especial os agentes de educação, para que continuem infundindo entre os jovens a importância e a relevância dos bens culturais que detêm.

¹³⁰ Entrevista realizada em 10/07/09, com Gerson Vieira.

“Hoje em dia as pessoas fazem a Festa, e pensam e refletem mais sobre ela”. Essa fala da diretora da escola municipal em Paraty refere-se a iniciativas de valorização do patrimônio cultural pelos educadores. Como quando propuseram campanhas de pesquisa entre seus alunos, que foram estimulados a investigar programas, cartazes e fotos antigos da Festa, tomados como documentos históricos sobre Paraty, contados pelas histórias de vida das pessoas. Em outra ocasião, durante a Feira Literária Internacional de Paraty – FLIP –, as escolas foram chamadas a participar de uma ‘competição’, em que seus alunos deveriam apresentar uma escultura com o tema de uma festa religiosa de Paraty, partindo de pesquisa elaborada por eles. Ou quando a Secretaria Municipal de Assistência Social, através do Programa para Erradicação do Trabalho Infantil, desenvolveu junto com seus alunos assistidos a proposta de construir miniaturas de diversos eventos da Festa do Divino, retratando momentos como as danças folclóricas e o almoço. Essa iniciativa surgiu quando a Secretaria Municipal tomou conhecimento que o IPHAN estava realizando o Inventário de Referências Culturais da Festa do Divino de Paraty.

O reconhecimento da cidade colonial excepcionalmente preservada e portadora de ricas tradições, que desencadeou a atuação do órgão de preservação do patrimônio, o IPHAN, mobiliza os próprios paratienses, que passam a olhar sua cultura não apenas a partir de uma identidade particular, mas de toda a sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

Material Impresso:

- A bandeira do divino/ missionários do Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Festa...* São Paulo: Escola de sociologia e política de São Paulo, 1957.
- _____. *Folclore Nacional I: festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Folclore Nacional II: danças, recreação e música*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ARAÚJO, Ana Maria R. Câmara. *Festa do divino e suas transformações na comunicação e na cultura*. São Paulo: Andross, 2005.
- BARBOSA, Marise. *Um as mulheres que dão no couro: as caixeiras do divino no Maranhão*. São Paulo: Empório, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: DCL, 2006.
- BRUNETTI, Almir de Campos. A festa do Espírito Santo e a Lenda do Graal. In: *Homenagem a Agostinho da Silva*, 10, 1981. p.25-33.
- CAPPARELLI, Sergio. *O Congo vem aí!* São Paulo: Global, 2008.
- CORTES, João Carlos Paixão. *Folias do divino*. Porto Alegre: Proletra, 1983.
- COSTA, Soledade Martinho. *Festas e tradições Portuguesas: maio*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- DOMINGUES, Mario. *D. Dinis e Santa Isabel*. Lisboa: Prefácio, 2005.
- DUARTE, Luiz Fagundes. “Feitios do Divino: formas de representação do Espírito Santo nos Açores”. In: SANTOS, Gilda e VELHO, Gilberto (orgs.) *Artifícios & Artefatos: entre o literário e o Antropológico*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. p.63-72
- DUARTE JR., Tomaz. *O culto do Espírito Santo*. S.L: s.n., 2001.
- ENES, Maria Fernanda. “As festas do império do Divino Espírito Santo nos Açores”. In: CASTRO, Zília Osório de e PEREIRA, Sara Marques (orgs.) *Cultura. Revista de História e Teoria das idéias*. Lisboa, vol. X, n. II, p. 127-156, 1998.
- Festa do Divino*. Diamantina: s.n., 1984.
- ETZEL, Eduardo. *Divino: simbolismo no folclore e na arte popular*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1995.
- FERNANDES, Aurélia Armas e FERNANDES, Manuel. *Espírito Santo em festa*. Coimbra: s.n., 2006.
- FREITAS, Afonso Antônio de. *Tradições e reminiscências paulistas*. São Paulo: Governos do Estado, 1978.
- FOREVILLE, Raimunda. *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1973.

- GASPAR, Manuel Vieira. *Patrimônio dos Açores em Filatelia. Festas do Espírito Santo. Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa e S. Jorge*. Ponte Delgada: Núcleo Filatélico “O Milhafre”, 2005.
- GODINHO, Janaína Rangel Barboza. *A festa do Divino do Encantado*. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade federal do Rio de Janeiro, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Coleção Museu, Memória e Cidadania nº 2, IPHAN. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- História Popular da Rainha Isabel, protectora de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988.
- LEITE, Fernando Barros. *O Rei D. Dinis e a Rainha Santa Isabel*. Coimbra: s/l, 1993.
- LIBANO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- LIMA, Carlos de. *A festa do divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)*. Brasília: Fundação Nacional Pró-memória, 1989.
- LOPES, Aurélio. *Devoção e poder nas festas do Espírito Santo*. Lisboa: Cosmos, 2004.
- LUPI, José Eduardo Pinto Bastos. Origens das festas do Divino Espírito Santo. In: Rossato, Noeli Dutra (org.) *O simbolismo das festas do Divino Espírito Santo*. Santa Maria: UFSM – FAPERGS, 2003. p. 13-32. p.27-28.
- LEMOS, Mário de. *O culto do Espírito Santo suas práticas na ilha do Faial*. Faial: FaiAlentejo, 2007.
- MAIA, Thereza Regina Camargo. *Paraty. História, festas, folclore e monumentos*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1991.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU: EDUSP, 1974, v. II.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Em louvor do Espírito Santo. Fotomemória*. Vila da Maia: Região Autônoma dos Açores – Nacional Casa da Moeda, 1983.
- _____. *Dos Açores e do Brasil nos 500 anos*. S.L.: s.n. 2000.
- MENDES, Helder Fonseca. *Festas do Espírito Santo nos Açores: proposta para uma leitura teológico-pastoral*. Instituto Açoriano de Cultura: Angra de Heroísmo, 2001.
- MELLO, Diuner. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty: manual do festeiro*. São Paulo: Estímulo, 2003.SS
- MICELI, Paulo. *O ponto onde nós estamos: viagens e viajantes na história da exploração e conquista (Portugal, séculos XV e XVI)*
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Chico Xavier e Isabel, a rainha santa de Portugal*. São Paulo: Madras, 2001.
- MORAES, Fernando Oliveira de. *A festa do Divino em Mogi das Cruzes: folclore e massificação na sociedade contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2003.
- MOURA, Carlos Francisco. “Festa a bordo: o império do Espírito Santo, das naus quinhentistas às canoas do Sertão brasileiro no século XX”. IN COMISSÃO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA NÁUTICA. AS NOVIDADES DO MUNDO.

CONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO NA ÉPOCA MODERNA, XI. Portimão. *Atas...* Lisboa: Colibri. p. 345-364. 2003.

MOURE, Laura Bahia Ramos. “Mobilidade social e apropriação do espaço de Paraty: 1970-2000”. Dissertação apresentada à FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

PACHECO, Gustavo. *Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís Do Maranhão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Contributo Açoriano para a construção do mosaico açoriano catarinense*. Florianópolis: Papa Livros, 2003.

QUEVEDO, Vasco Mouzinho de. Discurso sobre a vida e morte da Santa Isabel Rainha de Portugal & outras várias rimas. Lisboa: Sancto Officio. E. Del.Rey, 1596.

RAMOS, Maria de Lourdes da Silva. *Relembrando os festejos do Senhor Divino*. São Paulo: Árvore da Terra, 2000.

ROSA, Eduardo Ferraz da. *A devoção ao Divino Espírito Santo na historiografia e na cultura portuguesa*. In: Atlântida, XLVI, p.107-133, 1998-1999.

ROSSATTO, Noeli Dutra (org.) *O simbolismo das festas do Divino Espírito Santo*. Santa Maria: UFSM – FAPERGS, 2003.

SANTOS, Pedro Braga dos. *Alcântara: a sociologia da festa do divino*. São Luis: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais, 1980.

SOUZA, Marina de Mello. *Paraty: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

SERRÃO, João. *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1965. 4 V.

TAVARES, Themilton. *Festa do Divino Espírito Santo em Paraty*.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VASCONCELOS, Antonio de. *Rainha Santa Isabel: culto depois da canonização*. Coimbra: Alma Azul, 2007.

VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno do rito*. Dissertação: UFF/ICHF/PPGACP, RJ, 2002.

Material Eletrônico:

BERNARDES, Juliano. *O divino e o profano: a inserção de novos discursos na festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha – SC* Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Bernardes,%20Juliano.pdf>. Último acesso em: 12/01/2009.

DIAS, Maduro. *Síntese Histórica dos Açores*. Disponível em: http://www.nea.ufsc.br/artigos_maduro.php Último acesso em: 11/01/2009

Dossiê de candidatura de Paraty a patrimônio da humanidade. *O caminho do Ouro em Paraty e sua paisagem*. Disponível em: <http://www.ihap.org.br> <candidatura Unesco< documentos. Último acesso em: 08 de setembro de 2010.

GARCIA, Catarina. *Descobrimento e navegação para os Açores*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/navegaort/d09.html> Último acesso em: 14/01/2009.

LIMA, Carlos de. *O Divino Espírito Santo*. Disponível em: <http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600400002.doc>. Último acesso em: 11/01/2009.

MENDES, João Maria. *As constituições Sinodais de Angra*. Disponíveis em: <http://www.ihit.pt/new/boletim.php?area=boletins&id=73> Último Acesso em: 11/01/2009
http://jovemnr.blogspot.com/2004_08_01_archive.html. Última consulta em: 12/01/2009